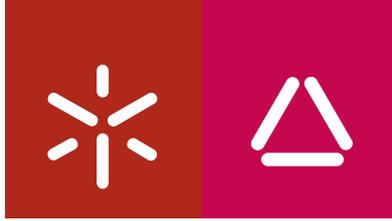




Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Andreia Daniela Da Silva Magalhães

O peso da agência noticiosa no jornalismo diário: o caso da Lusa e do Público



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Andreia Daniela Da Silva Magalhães

O peso da agência noticiosa no jornalismo diário: o caso da Lusa e do Público

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciências Sociais
Área de especialização de Informação e Jornalismo

Trabalho efectuado sob a orientação do
Professor Doutor Manuel Joaquim da Silva Pinto

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Resumo

O primeiro contacto de um aluno universitário com o mundo profissional é pleno de surpresas e deslumbramento mas também questões, dúvidas e interrogações. Apesar de estar agora a concluir um mestrado, o meu segundo grau académico, deparei-me com o ressurgimento de uma série de temas, ao jeito de objectos de estudo ou, pelo menos, de análise pessoal, perante os quais já me havia colocado na minha primeira experiência como estagiário curricular inserido na redacção profissional de um meio de comunicação social, ainda que desta vez o cariz das mesmas se tenha modificado por via do também diferente suporte do meio.

Após o período de estágio que passei na estação de televisão SIC, em Carnaxide, Lisboa, aquando da conclusão da minha licenciatura, dei entrada, nas mesmas condições, na redacção do Porto do jornal Público. Se o sistema hierárquico, a responsabilidade e, até, o sentimento de que efectivamente qualquer estagiário tem sempre um longo caminho a percorrer para vingar no mundo profissional se mantiveram, a forma de trabalhar, especialmente no terreno, o suporte e os dead lines apresentaram-se substancialmente diferentes.

Foram este tipo factores, aliados a uma vivência aberta mas ponderada, que me fizeram questionar as razões, a forma e as consequências de um parâmetro tão preciso quanto essencial no quotidiano profissional de um meio de comunicação social e, especificamente, do Público. Sem esquecer que, apesar da sua relevância geográfica e estratégica, a redacção em que me inseri é, para todos os efeitos, uma delegação – facto que levanta uma séria de contextos e realidades forçosamente diferentes das que deverão ser levantadas por uma redacção principal, por via dos naturais e superiores recursos económicos e humanos -, entendi como relevante debruçar-me a relação do Público com as agências de notícias e, especificamente, a Lusa.

Tendo em consideração as situações que vivi na pesquisa e construção de notícias ao longo do meu período de estágio, questiono-me sobre a real natureza da ligação entre as duas entidades. Estaremos perante uma situação de dependência e conforto, ou, pelo contrário, de bom manuseamento de um instrumento de trabalho e até necessidade? Após a análise crítica da minha vivência, de relatos e de dados quantitativos, sempre enquadrados na aprendizagem teórico-prática adquirida durante o curso, entendo esta relação como ambivalente: com factores positivos e negativos enraizados ao longo do tempo, que apenas um contexto utópico e, por isso, desinserido da nossa actual realidade social e económica, poderia conduzir à tentação de ser radicalmente alterado tendo em vista a procura de uma redacção profissional completamente independente, no que ao parâmetro de uma produção própria diz respeito.

Abstract

The first contact of a college student with the professional world is full of surprises, dazzle and awareness, but also with questions and doubts. Nevertheless, I'm finishing my Master degree, I have notice the forthcoming of lots of subjects that I have already had with my first internship during my graduation. In fact, there were much in common between these two different experiences, although the differences in the media type: a television and a newspaper. After my internship in SIC, at Carnaxide, Lisbon, during my graduation, I have come in the same conditions to Jornal Público newsroom in Porto.

In spite of the same responsibility, the hierarchical system and the feeling of having to work hard to succeed, the working routines and deadlines were really different between SIC and PÚBLICO. Were such factors, combined with an open experience that made me question the reasons, the shape and consequences of a parameter as accurate as essential in everyday life of a professional media and specifically PÚBLICO.

Besides the importance of Porto in Portugal, the newsrooms I was in was a delegation. This brings different realities than in a main newsroom: with higher economic and human resources. That's why I have decided to focus in the relation between PÚBLICO and a news agency: LUSA.

Considering my experience in research and writing news during my internship, I wonder about the real nature of the link between the two entities. Are we facing a situation of dependence and comfort, or, in the other hand, good handling and a working tool? Upon review of my experience, reports and quantitative data, always framed in the theoretical and practical learning acquired during the course, I understand this relationship as ambivalent, with positive and negative factors ingrained over time, which only an hypothetical context and therefore detached from our current social and economic reality, could lead to the temptation to be radically altered in order to search for a completely independent professional newsroom.

Índice

Resumo	III
Abstract	V
Índice	VII
Introdução	9
O Estágio	13
A Empresa	15
Experiência no jornal Público	17
Questão específica	23
Que relação?	25
O que se pergunta	27
Pesquisa	35
Método e Corpo de análise	37
Discussão pesquisa/reflexão teórica	39
Análise qualitativa	39
Análise quantitativa	42
Considerações finais	55
Conclusões	57
Limites e sugestões	59
Bibliografia	61
Anexos	65

Introdução

No âmbito do Mestrado em Informação e Jornalismo da Universidade do Minho, que frequentei nos anos lectivos de 2009/2010 e 2010/11, elaboro agora em documento o relato e a reflexão crítica desta experiência de estágio, no qual evidencio e trabalho uma questão específica suscitada durante o mesmo. De forma a enquadrar devidamente o tema em análise, começo por apresentar todos os dados relativos ao meio da comunicação social onde estagiei, as suas linhas características e definidoras, não esquecendo o grupo e empresa em que está inserido.

Neste sentido, julguei importante dar a conhecer e perceber o contexto existente aquando da sua fundação, assim como as premissas a que se propôs desde o início e os valores que lhe são intrínsecos ou que, pelo menos, corresponderam àquela que era, à altura, a sua essência. Não obstante as suas intenções primordiais, os órgãos de comunicação social, tal como as pessoas como os dirigem, são mutáveis no tempo e, por isso, foi também minha preocupação explicar o caminho percorrido pelo Público até aos dias de hoje. Fi-lo com o intuito de precaver uma eventual interpretação desgarrada do que é agora, diminuindo assim a margem de erro sobre a reflexão proposta.

Entendi também que a imagem periférica ao Público em si – um facto cada vez menos alheio no mundo global em que vivemos, ainda mais no seu quadrante mediático – merecia destaque. Assim, aclarei o contexto económico, social e político que o envolve, sem esquecer as particularidades naturais de um jornal nacional e, por isso, naturalmente com o seu enfoque centrado no nosso país. Este foi um parâmetro que julguei ainda mais relevante, tendo em conta que o meio de comunicação em questão é propriedade da Sonaecom, empresa do grupo Sona e que, em Portugal, estende os seus tentáculos muito para além da esfera das publicações periódicas, correspondendo estas a uma pequena parte do seu volume e objecto de negócios.

Com o objectivo de fazer perceber o habitat profissional com que me deparei, uma vez que também esta realidade influi na percepção primária de qualquer elemento estranho à mesma, para mais um jornalista estagiário prestes a completar o segundo grau da sua formação académica, ilustrarei os trâmites de funcionamento da delegação do Público no Porto, bem como a sua organização hierárquica, editorial e, para melhor entendimento da imagem que transporta todos os dias para os seus leitores, da publicação em si. Como é natural, foi no

epicentro desta realidade que comecei, talvez sem me ter apercebido de tal, a levantar dentro de mim as pequenas alíneas da questão que entretanto formei e à qual tento dar resposta neste documento: de que forma é que o jornal Público utiliza a agência de informação Lusa? Esta foi uma pergunta construída de forma crítica na base do trabalho diário de uma jornalista estagiária que, percebendo até certo ponto a utilidade do uso das notícias publicadas pela agência, duvidava da real necessidade e, de certa forma, da mais-valia que representava para o conteúdo do jornal - e em última análise para o alcance de um respeito pleno dos seus leitores - a publicação de um número aparentemente considerável de notícias total ou pelo menos parcialmente baseada nas que emanavam da Lusa. A realidade aparente nem sempre é a realidade factual, mas a sua verificação, tal como é minha intenção fazer neste documento, é uma das premissas mais essenciais do trabalho diário de qualquer jornalista, tal como, por exemplo, tomei conhecimento na unidade curricular de Sociologia das Fontes. De forma a perspectivar devidamente o contexto em que surgiu a questão essencial, darei conhecimento do tipo de trabalhos que me eram indicados em agenda, bem como aqueles que propus à chefia redactorial, uma situação que potenciou o meu enquadramento na redacção, bem como o entendimento das suas necessidades, do seu público-alvo, da sua agenda preferencial e, também, do seu estilo.

Com efeito, uma das razões que me fez seguir o meu enriquecimento curricular no Mestrado em Informação e Jornalismo da Universidade do Minho foi a minha necessidade de aprendizagem, e porque não curiosidade, sobre um dos elementos que maior interesse suscita na intrincada dialéctica do que é ser jornalista: o trabalho com fontes. E se de uma forma geral a criação e alimentação do relacionamento com uma fonte própria e o seu potencial como ponto de notícias é, muitas vezes, o que encanta os jovens que escolhem prosseguir a sua formação universitária nesta área tendo em vista uma velha imagem – contudo elegante e, na minha opinião, eterna – do jornalismo romântico, a de caixa, ou cacha, jornalística, a experiência neste estágio despertou-me para um elemento específico no diálogo com fontes: os seus colectores primários, as agências de notícias.

É neste contexto que surge a questão essencial da minha análise, já citada anteriormente, uma vez que o trabalho com fontes, nomeadamente as oficiais e especializadas, cujas informações têm que ser verificadas à luz dos interesses às quais estão ligadas, não se esgota nas informações servidas em bandeja de ouro pelos serviços de assessoria de empresas, partidos políticos, etc. Pelo que me apercebi no Público, são precisamente estes diamantes

noticiosos, brilhantes e prontos a ser publicados e consumidos, que por vezes são oferecidos aos leitores sem reconfirmação providente, ainda que os créditos da mesma sejam, por experiência própria, respeitados na publicação em questão. No entanto, o leitor não estará interessado em saber quem lhe fornece a notícia, se o Público, se a Lusa. O leitor estará apenas interessado em saber que comprou o Público e este é um direito que lhe assiste. Para além dos factores ligados ao chamariz blindado de uma notícia veiculada por uma agência, surge também a necessidade de entender o uso levado a cabo pelos jornais no caso das pequenas notícias, aquelas que são parte integrante, e importante, de um jornal, mas que não fazem capa, não esquecendo as notícias construídas parcialmente ou numa fase embrionária tomando como ponto de partida uma notícia da Lusa, ainda que o produto final seja na forma, no conteúdo e no seu enfoque totalmente diferente da veiculada pela agência de notícias.

Assim, de forma a apresentar uma variedade de dados qualitativos e quantitativos que espelhassem o meu período de estágio no Público, que em última análise foi o que me levou a levantar a questão em causa, e me permitissem analisar e concluir de forma sustentada, levei a cabo uma série de diligências no terreno que exporei no documento. Em primeiro lugar, revi a literatura afecta ao tema em questão, assim como os programas das unidades curriculares que frequentei no Mestrado em Jornalismo e Informação da Universidade do Minho, na procura de uma base teórico-prática que me permitisse partir para as questões em cima da mesa e para as duas linhas de trabalho que entendi, por bem da veracidade do documento, seguir. Foram elas a recolha de depoimentos de jornalistas ligados às duas entidades em causa e a análise do Livro de Estilo do Público e dos Estatutos e do Código de Ética da Agência Lusa, e ainda uma análise quantitativa às notícias publicadas na editoria do Público, Local – Porto, na qual fui inserida. Na procura de dados qualidade, intimamente relacionados com a realidade que experimentei, entrevistei Manuel Carvalho e Abel Coentrão, respectivamente director-adjunto e jornalista do Público, assim como David Pontes, director-adjunto da Agência Lusa. Quanto à análise quantitativa, verifiquei todas as páginas da secção Local – Porto, onde decorreu a minha experiência, das edições do Jornal Público entre os dias 1 de Dezembro de 2010 e 28 de Fevereiro de 2010, datas limite do meu período de estágio.

Por fim, apresentarei as considerações finais, apresentando como ponto de partida a discussão entre os dados recolhidos durante a experiência no Público – incluindo as notícias por mim publicadas e a sua forma de construção – e a reflexão teórica subsequente, baseada nos elementos de trabalho supracitados.

0 Estágio

A Empresa

O jornal Público foi dado pela primeira vez à estampa a 5 de Março de 1990, embora a fundação da Público, Comunicação Social S.A. tenha acontecido cinco meses antes, a 31 de Outubro de 1989. É parte integrante da Sonaecom, sub-holding do grupo Sonae, propriedade do empresário Belmiro de Azevedo.

Dispõe de uma redacção principal em Lisboa e tem uma delegação situada na cidade do Porto – com primazia aos níveis redactorial, financeiro e administrativo da redacção na capital portuguesa -, além de uma série de correspondentes posicionados por todo o território nacional e em locais internacionais de importante fluxo noticioso, como são os casos de Bruxelas e Washington. No dia 22 de Setembro de 1995 iniciou a publicação online diária da sua edição impressa em versão integral, colocando-se assim no mapa digital dos meios de comunicação nacionais. Note-se que o público.pt tem um estatuto editorial próprio, criado em Março de 2000.

O jornal, na sua versão impressa, primou desde sempre pela grande variedade de temáticas, suplementos e cadernos publicados, onde ao longo dos anos se destacaram: P2, Público Imobiliário, Inimigo Público, Ípsilon, Fugas, Pública e, em breve, lançará o P3. O Público, do qual a actual directora é Bárbara Reis, foi liderado durante 11 anos por José Manuel Fernandes, que sucedeu a Nicolau Santos, Francisco Sarsfield Cabral e Vicente Jorge Silva. Uma das marcas que distinguiu o jornal ao longo dos anos foi a criação do Provedor do Leitor, cuja função é receber e analisar as críticas, comentários e sugestões dos leitores e defender o interesse superior da comunidade. O Provedor do Leitor também conta com estatuto próprio. Já ocuparam esta função Jorge Wemans, Joaquim Fidalgo, Joaquim Furtado, Rui Araújo e Joaquim Vieira, sendo actualmente desempenhada por José Queirós.

O Estatuto Editorial do Público prevê a criação de “um jornal de grande informação, orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica”, inserindo-se numa “tradição europeia de jornalismo exigente e de qualidade, recusando o sensacionalismo e a exploração mercantil da matéria informativa”. Segundo o mesmo documento, a “aposta numa informação diversificada, abrangendo os mais variados campos de actividade e correspondendo às motivações e interesses de um público plural” são exigências do próprio jornal, sendo “responsável apenas perante os leitores, numa relação rigorosa e transparente, autónoma do poder político e independente de poderes particulares”.

Para além da habitual regência pelo Código Deontológico dos Jornalistas, os profissionais deste meio têm um prontuário de Princípio e Normas de Conduta Profissional sob o qual devem orientar a sua actividade. Destacam-se linhas directivas sobre temas como: os direitos dos outros, os direitos dos acusados, o exercício do jornalismo e a sua responsabilidade, relações com as fontes, conflitos de interesse, recusa de favores, anonimato e off-the-record, entre outros.

No seguimento do apresentado no início deste capítulo, o Público enquadra-se num contexto económico e social bastante preciso, por via de ser propriedade da Sonaecom, sub-holding do grupo Sonae. A Sonaecom, que se apresenta como uma empresa orientada para os serviços de comunicações, inovadora e com responsabilidade social, detém, para além do Público, a Optimus, empresa de telecomunicações, e empresas de software e sistemas de informação, como a Bizdirect, a Mainroad, a WeDo e a Saphety. Criada em 1994, a Sonaecom é detida em parte pela France Telecom. No Relatório e Contas referente ao ano de 2009, a empresa apresentou, na área de media, uma baixa de 9,8 % na circulação paga do Público em comparação com o ano anterior, uma diminuição de 11 colaboradores e a subida de 0,1 % na quota de mercado, posicionando-se naquele momento nos 4,4 %.

Pelo seu lado, a um nível já mais abrangente, a Sonae faz do retalho alimentar a sua área de negócio preferencial, mas detém empresas na área do material informático, calçado, vestuário, equipamento vestuário e electrodomésticos.

Experiência no jornal Público

Durante os três meses de estágio na delegação do Porto do jornal Público – de 2 de Dezembro de 2010 a 4 de Março de 2011 - elaborei cerca de 50 artigos, desde notícias, breves e reportagens. Todos estes trabalhos podem ser consultados neste relatório na secção Anexos. Desenvolvi a maior parte dos meus artigos no âmbito da secção Local Porto, onde fui colocada no primeiro dia de estágio, após entrevista prévia. No entanto, também tive a oportunidade de publicar noutros espaços nobres do jornal, como a revista Fugas, o caderno Cidades e o P2.

Desde logo, as minhas experiências iniciais marcaram aquela que viria a ser a minha vivência na redacção. Como qualquer jornalista estagiário, senti que a minha carteira de fontes era incomparavelmente reduzida em relação às dos outros jornalistas e, portanto, que a cultura de alimentação de fontes tem grande primazia no trabalho diário de todos os profissionais, tanto a um nível mais superficial como profundo. Tomando de exemplo duas formas de conseguir e trabalhar uma notícia, esta visão fica explícita. Percebi que nos simples contactos telefónicos com várias entidades oficiais, como corporações de bombeiros, esquadras de polícia e gabinetes de comunicação de municípios, as denominadas “rondas”, existe uma relação jornalista-fonte que vai muito para além da simples chamada telefónica e que chega ao conhecimento efectivo da pessoa que está do outro lado, no caso, a fonte. Depois das normais circunstâncias do início do estágio, senti que, com o avançar do tempo, me era mais fácil receber a confiança e o cuidado das pessoas nos primeiros contactos. Percebi esta situação logo no meu primeiro dia de estágio, quando fui encarregada de escrever uma série de breves sobre o mau tempo que, à altura, afectava a generalidade do país. Para além das informações recolhidas na Agência Lusa e nos sítios oficiais de entidades, como a Protecção Civil, corporações de bombeiros e polícia, tive que proceder a inúmeros telefonemas que se revestiam de algumas especificidades: tendo em conta as mudanças meteorológicas que podem ocorrer ao longo de um dia, tive de estar particularmente atenta a certos tipos de dados como horas, localização, quantidade de acidentes, número de vítimas e vias cortadas, etc. Neste caso as fontes estavam predispostas para fornecer a informação, mas a organização da mesma revelou-se bastante melindrosa porque obrigava a uma constante actualização de dados.

Por outro lado, confirmei a importância do aprofundamento da relação nos follow ups que fiz de algumas notícias, como aconteceu no caso da notícia “*Construção de Centro de Saúde em Ramalde espera por acordo entre a Câmara do Porto e o Ministério da Saúde*”, em

que a manutenção diária dos contactos se viria a revelar fundamental para informar correctamente e primeiro do que os jornais concorrentes. A correcta investigação da matéria obrigou-me a contactar a Câmara Municipal do Porto, o presidente da Junta de Freguesia de Ramalde e o Conselho Directivo da Administração Regional de Saúde do Norte. Para um jornalista estagiário é difícil obter contactos e respostas por parte destes organismos. Como tal, contei com a colaboração da jornalista Patrícia Carvalho, que me facultou alguns contactos e me conduziu em alguns momentos, para que conseguisse obter as informações que necessitava para esclarecer todo este processo. Além disso, foi na construção desta peça que percebi efectivamente a necessidade de ouvir e dar voz a todas as partes envolvidas em qualquer processo, sob pena dos mais básicos parâmetros da construção de uma notícia serem colocados em causa logo à partida. Sem fontes, a tarefa de fazer jornalismo seria, em grande parte, dificultada: são elas que fornecem o material necessário à execução de grande parte das notícias. Aliás, só com a relação mantida diariamente com algumas das fontes que entretanto criei, tive, em duas ocasiões, a possibilidade de dar notícias por “iniciativa” das fontes em causa, que me contactaram para dar informações: aconteceu uma notícia sobre o roubo e sequestro de um bebé e um acidente rodoviário entre um automóvel e uma carruagem do Metro do Porto.

As duas notícias obrigaram-me a proceder a uma confirmação e cruzamento de informações como nunca antes havia necessitado. Aqui, mais do que ouvir todas as leituras de todos os intervenientes num determinado processo, percebi a importância de corroborar a essência da notícia, mais do que saber como era vista pelos seus elementos. Era uma questão de sim, é verdade, ou não, não aconteceu. Elementar, mas importantíssimo.

Após uma primeira fase em que percebi a orientação de que era alvo por parte de editores e jornalistas, senti que alargaram as rédeas sobre mim e, vendo isso como um desafio, tentei avançar para propostas de conteúdo próprio. Nesta situação, entendi claramente que a mais-valia de um jornal, principalmente com as características do Público, vai muito para além do uso feito das informações que chegam por vias oficiais ou pelas agências de notícias. Aqui, comecei a levantar algumas questões sobre a importância da Agência Lusa. Com total liberdade para escolher o tema a abordar, obviamente sem a proibição de avançar para uma notícia pura e dura, procurei temas de reportagem alargada. E se as minhas primeiras propostas foram rejeitadas devido à impertinência do tema ou à fragilidade do seu objecto, vi mais tarde as minhas ideias serem colocadas de parte porque, simplesmente, já tinham sido “feitas” em mais

do que uma perspectiva ou com mais do que um enfoque. É em alturas como estas que um estagiário percebe que as notícias não lhe caem de pára-quedas em cima da secretária e que efectivamente é necessário procurá-las. Até quando? Até uma ser encontrada.

Foi isso que fiz. Comecei por ver anteriores trabalhos, a maior parte de outros jornais, para perceber que tipo de trabalho é feito e em que perspectiva é feito. Comecei a estar bastante mais atenta aos mais variados dados da minha realidade próxima, fosse ela profissional, universitária ou geográfica, tentando perceber se o que ouvia, o que lia ou o que via teriam o factor notícia. Neste âmbito, um dos trabalhos que resultou desta dialéctica interior foi a reportagem *“Há mais de 700 universitários do Porto com vontade de ajudar”*. Este foi um trabalho que me deu imenso prazer e satisfação realizar, devido ao facto de ter nascido de uma sugestão minha ao editor do Local Porto, Álvaro Vieira, a propósito do Ano Europeu do Voluntariado, e que acabou por ser destaque do caderno Cidades, no dia 20 de Fevereiro de 2011.

As maiores dificuldades que encontrei prenderam-se com a grande quantidade de organismos e fontes com as quais tive de contactar para me facultarem dados e autorizações, assim como encontrar uma forma de as gerir, já que todas as instituições da Universidade do Porto queriam participar e divulgar as suas iniciativas. Após ter recolhido as informações e dados de que necessitava para fazer este trabalho, foi necessário perceber como é que iria organizar e hierarquizar toda a informação que reuni, assim como foi também crucial perceber como gerir o tempo que me foi dado para finalizar a reportagem. Para tal contei com a preciosa ajuda do jornalista Abel Coentrão, que me ajudou a encontrar o enfoque da matéria e a perceber como conseguir filtrar e retratar a grande quantidade de dados e histórias que reuni, sem que o mesmo caísse na banalidade e até desinteresse.

Por outro lado, este serviço deu-me a oportunidade de sair da redacção, estar em contacto com as fontes e “personagens da história”, que neste caso eram jovens, idosos e doentes. Foi necessário muitas das vezes perceber e descobrir a melhor forma de falar e de fazer com que aqueles elementos percebessem a reportagem, para que o trabalho fosse o mais real possível, mas que não ultrapassasse a barreira da intimidade de cada entrevistado. Um verdadeiro primeiro contacto com uma reportagem de acção que, também pela primeira vez, me fez exercitar o sentido de afastamento necessário a um jornalista para que este continue como um espectador da realidade e não um interveniente directo naquela, o que, de imediato, iria ferir de morte a validade e a imparcialidade do meu trabalho.

Por fim, e como um outro momento marcante do meu estágio, escolhi a elaboração da peça “Rivoli volta a encher com o 31.º Fantasporto”. Também esta notícia me apresentou um contexto bastante diferente daquele com que tomámos contacto durante a nossa formação. No caso em concreto, e por força de se tratar de um festival de cinema com o seu pico de interesse noticioso a ter lugar ao início da noite, colocou-me sobre pressão ao obrigar-me a cumprir prazos de entrega de trabalho bastante mais apertados do que tinha vivido até ao momento. Assistir à realidade do evento, recolher depoimentos, regressar à redacção e escrever já próximo do fecho da edição é um processo bem mais moroso do que imaginava e, portanto, obrigou-me a acelerar como nunca antes o tinha feito.

Além disso, também nesta peça senti pela primeira vez o espírito de equipa de reportagem entre mim e o repórter fotográfico. É que se já em outras ocasiões foi necessário dialogar com ele para ambos entendermos que tipos de imagens seriam necessários, nesta peça esse diálogo foi ainda mais além, uma vez que, com liberdade para abordar o Fantasporto na perspectiva que bem entendesse, precisava que as fotografias espelhassem o que pretendia.

Também escrevi alguns destaques para o P2, um caderno do Público que tem na cultura o seu principal enfoque. Semanalmente o jornalista Sérgio Andrade enviava-me informação relativo a um determinado evento – espectáculo, lançamentos de cds e livros, concertos, exposições, etc. – com o objectivo de eu escrever o artigo de destaque. Este tipo de peças lançou-me um outro tipo de desafio, uma vez que era pretendida uma escrita mais criativa, menos formal, com liberdade para alguns rasgos menos próprios de uma notícia comum. O mesmo aconteceu quando escrevi para a revista Fugas, em duas ocasiões. Os artigos referiam-se ao lançamento de um livro e a uma exposição fotográfica.

Outro tipo de experiência relacionou-se com a minha aprendizagem administrativa e burocrática. Sempre acompanhei a realidade social e política portuguesa pelos jornais, mas, em virtude do cariz deste tipo de absorção de informação, nunca tive que perceber os meandros protocolares de eventos como assembleias municipais e de freguesia, por exemplo. Um dos meus artigos, que se debruçava sobre os protestos dos moradores da Prelada contra a demolição de um jardim, levou-me a assistir a uma Assembleia de Freguesia Extraordinária da freguesia de Ramalde, no Porto. Alheia aos parâmetros que regem o funcionamento institucional de tal órgão, precisei de me inteirar dos mesmos – através de notícias anteriores, esclarecimentos de outros jornalistas e leitura de textos referentes a este tipo de acontecimentos

– e, simultaneamente, perceber que interpretação devia ser dada às decisões tomadas. Também nesta situação, perceber onde está a notícia foi um desafio.

Questão específica

A questão a que me proponho responder neste documento foi despoletada ainda antes de terminar o meu período de estágio e sobre ela falei com antigos colegas de faculdade, no sentido de perceber se também eles, na mesma situação que eu, estagiários, pensavam e sentiam sobre o mesmo. E o que eu sentia era que, pelo menos para mim, a Agência Lusa era uma grande muleta de trabalho, tanto no início da produção de uma qualquer notícia (ajudava-me a perceber se o enfoque que pensava dar correspondia ao deles, a nortear o meu trabalho), como a ver quais as notícias que já se tinham escrito sobre um determinado assunto, além de, após uma ida ao terreno, ajudava-me a comparar a minha leitura com a de um jornalista da Lusa, uma vez que ainda antes de eu começar a escrever já tinha acesso ao take da agência.

Noutra medida, também via várias referências à Agência Lusa nas edições do Jornal Público. Havia notícias que eram assinadas como Agência Lusa, ou “com Agência Lusa”, ou que tinham referências à mesma no corpo da notícia. Empiricamente, fiquei com a sensação de que existia um grande número destas notícias em todo o jornal e, mais concretamente, na editoria em que trabalhava, a Local Porto. Perguntei-me se isto acontecia pela falta de recursos humanos, que pudessem fazer em exclusivo conteúdos próprios do jornal, se era mesmo uma questão de necessidade financeira. Ou se, por outro lado, surgiam por um conforto do jornal, em saber que a Agência Lusa iria cobrir determinado evento. Se era apenas a lei do facilitismo a funcionar, com os jornalistas cada vez mais embrenhados na redacção e com menos trabalho no terreno, ou se realmente aqueles conteúdos eram mais-valias.

Foi no cerne deste nevoeiro de ideias que surgir a questão essencial que dá corpo a este documento: de que forma é que o jornal Público utiliza a Agência Lusa? Se quisermos perceber as ramificações desta mesma pergunta, podemos questionar: que relação têm? Uma relação saudável, de acrescento jornalístico? Ou de mal menor, por via do momento que o jornalismo atravessa?

Que relação?

O que se pergunta

Os parâmetros legais pelos quais se rege a ligação entre uma agência e um jornal são puramente contratuais. Como em qualquer outra relação deste tipo, o jornal subscreve um serviço ou conjunto de serviços da agência, aos quais tem acesso 24 horas por dia, 365 dias por ano. A questão prende-se com o que está para além desta relação protocolar e, no caso específico, qual é a relação entre o jornal Público e a Agência Lusa.

Antes de mais, interessa saber como se apresenta a própria agência. A Lusa tem como missão “a recolha e tratamento de material noticioso ou de interesse informativo, a produção e distribuição de notícias a um alargado leque de utentes (media nacionais e internacionais, empresas e instituições diversas de carácter público e privado) e a prestação ao Estado Português de um serviço de interesse público relativo à informação dos cidadãos” (Lusa em <http://www.lusa.pt/lusamaterial/PDFs/CodigoEtica.pdf>). Tendo em conta a questão essencial para a qual é pretendida uma resposta, existem ainda dois pontos neste documento de grande relevância. “Em função do contrato de prestação de serviço público celebrado entre o Estado e a Lusa, esta agência presta serviço noticioso e informativo de interesse público. Este facto reforça a sua dimensão sócio-económica e a necessidade de ser reconhecida como organização socialmente responsável, vinculada ao interesse geral e a princípios de sustentabilidade e de qualidade” (ibidem). Além disso, lança também o paradigma geral da agência com os seus clientes, afinal objecto de análise primordial deste documento: “Os colaboradores da Lusa devem manifestar elevado profissionalismo, boa-fé e cortesia na relação com os clientes e assegurar-lhes a informação indispensável sobre o serviço, de modo a apoiá-los na tomada de decisão” (ibidem).

Tal como indicam as premissas anteriores, apesar de esta ser uma via aparentemente unidireccional, e é-o na sua maioria, tem também valências bidireccionais, mormente na visão que a agência tem do uso e do tratamento que o jornal faz das notícias que lhe fornece. Porém, a questão incide, quase em exclusivo, no sorver do fluxo noticioso da Lusa por parte do Público. Assim, a verdadeira questão prende-se com a necessidade de percepção do nível de dependência do jornal pela agência, se é uma ligação que revela sujeição por parte do jornal ou se assenta numa mera prestação de serviços por parte da agência que, na verdade, ajuda à constituição de um trabalho jornalístico de qualidade. As minhas perguntas pedem respostas sobre a possibilidade do eventual uso excessivo da agência ser fruto de constrangimentos

económicos que impeçam o jornal de ter, quase em exclusivo, conteúdos próprios; sobre a possibilidade dos jornalistas serem cada vez mais reféns de um trabalho de redacção, seja por via do acesso privilegiado agora potenciado pelos meios informáticos ou por simples retraimento do espírito de trabalho no terreno do jornalista; sobre a possibilidade dos jornalistas serem cada vez mais alheios à realidade que os rodeia, por força do crescimento da sociedade portuguesa nos mais diversos sectores. Ganha pertinência a questão da informação proveniente das fontes que chegam à Agência Lusa e que, em virtude da natureza da relação desta com o Público, dá entrada nas suas edições, da mesma forma que crescem as dúvidas sobre a alteração dos hábitos de trabalho há muito prática comum dos jornalistas; a valência de um serviço de notícias que, para além das novidades que, por vezes, transmite, também não deixa de funcionar como um apontador de notícias; não esquecendo as linhas das micro e macro economias, e as suas limitações, sempre presentes, como em qualquer área de negócio como já é, desde há muito, a comunicação social. Então, de que forma é que o jornal Público utiliza a Agência Lusa?

Conhecer o contexto em que nasceram as agências de notícias favorece o entendimento do que são. Saber pormenores dos moldes em que foram fundadas, permite perceber certos parâmetros que ainda hoje lhe são característicos, tal como o seu carácter primordialmente negocial e economicista. Atente-se à definição, aparentemente descomprometida:

Uma agência de informação não é senão uma empresa grossista que procura e vende documentos da actualidade a outras empresas de informação e, excepcionalmente, a particulares, assegurando-lhes um serviço de informação completo e imparcial. (...) Já lá vão quase duzentos anos desde que o ilustre cidadão francês, Charles-Louis Havas, deu o mote para a criação da primeira entidade destinada exclusivamente a fornecer às empresas de informação aquilo que sustenta a sua existência: notícias (Santos, 2007: 13).

A expressão “empresa grossista” encerra desde logo um significado bastante curioso sobre a missão a que se propuseram as primeiras agências, sendo que a primeira foi fundada em 1835, por Charles-Louis Havas:

“Começou a traduzir notícias e correspondência oficial de França para várias línguas, traduções essas que eram posteriormente publicadas nos jornais de outros países. No final do mesmo ano, mudou o nome da empresa para Agence des euilles olitiques –

Correspondance générale, que seria comumente chamada Agence Havas. Nasceu, assim, a primeira agência noticiosa do mundo” (Santos, 2007: 19).

Ultrapassada a questão do seu surgimento que, em última análise, explica os condicionamentos do seu desenvolvimento e a sua natureza, importa perceber que importância é dada e o que são as agências segundo os autores das ciências sociais e da comunicação. Mauro Wolf não duvida da sua extrema essencialidade, identificando mesmo as agências como um elemento fundamental no quotidiano dos meios de comunicação social. “As grandes agências de imprensa, supranacionais ou nacionais, constituem indubitavelmente a fonte mais notável de materiais noticiáveis” (Wolf, 2006: 231), refere, numa linha de pensamento que coincide com a de Cesareo para quem “ignorar ou minimizar o valor da sua função, pretendendo que elas são iguais às fontes, equivale a rejeitar uma grande fatia do processo de mediação que separa as redacções dos jornais (escritos ou radiotelevisivos) do movimento do real” (Cesareo, cit. em Wolf, 2006: 231). De resto, as próprias agências têm consciência do seu carácter decisório na actual paisagem mediática, como podemos ver no artigo *The Silent Partner: News Agencies and 21st Century*, no qual a interpelação dos leitores tem lugar: “Pode até não nos conhecer, ou nem ter ouvido falar de nós. Nós não publicamos um jornal, uma televisão ou uma estação de rádio; o que nós fazemos é fornecer notícias aos que satisfazem um mundo faminto de informações.” (Associated Press, cit. em *The Silent Partner: News Agencies and 21st Century News*, 2011: 195).

Menosprezar a sua importância será depreciar um tipo de fonte, à falta de melhor e mais precisa expressão, com características especiais.

“Embora estas sejam muitas vezes consideradas, para todos os efeitos, como fontes, a distinção é, por uma questão de princípio, legítima visto que as agências «se diferenciam decisivamente das fontes propriamente ditas. Com efeito, as agências apresentam-se já como empresas especializadas, inerentes ao sistema da informação, e executam um trabalho que é já de confecção, enquanto as fontes estáveis, qualquer que seja a sua natureza e o nível em que se situam, pertencem sobretudo à instituição de que são a expressão e, na maior parte dos casos, não se dedicam exclusivamente à produção de informação (...); as agências fornecem já ‘unidades-notícia’, colocando-se, portanto, numa fase avançada do processo produtivo” (Cesareo, cit. em Wolf, 2006: 222).

Esta ideia, de que “estamos a refazer histórias e não a escrevê-las” (Lewis e tal. cit. em *The Silent Partner: News Agencies and 21st Century News*, 2011: 198), na medida em que tudo é “reciclado de outra fonte” (ibidem) faz a diferença entre uma agência de notícias e uma fonte comum.

Sem afectação daquela que será a sua mais precisa denominação, já em pleno século XIX a essencialidade das agências era sentida na empresa de Charles-Louis Havas, a primeira a ser identificada como tal, apelidada pelo próprio pioneiro como um “jornal para uso dos jornais” (Santos, 2007: 19). Aliás, um dos mais acérrimos críticos das agências de notícias, o escritor Honoré de Balzac, num artigo da revista *La Revue Parisienne*, a 25 de Agosto de 1840, afirmou o seguinte: “O público pode acreditar que existem vários jornais, mas existe apenas e definitivamente um só. Existe em Paris, na Rua Jean-Jacques Rousseau, um escritório dirigido pelo senhor Havas” (Santos, 2007: 20-21).

Na actualidade, e por via desta mesma mudança temporal, este tipo de visão altera-se, mas apenas em parte. Por exemplo, Mauro Wolf reconhece a sua essencialidade, mas alarga o espectro da importância das agências ao processo comunicacional actual a níveis globais:

“A sua utilização, espalhada por todo o mundo, acaba por provocar uma forte homogeneidade e uniformidade das definições daquilo que constitui notícia. Sob as diferenças inerentes às culturas, às ideologias, aos âmbitos de difusão da informação, aos próprios meios de comunicação, permanece um substrato comum definido, precisamente, por critérios de noticiabilidade que essas “fontes” contribuem para difundir” (Wolf, 2006: 232)

De facto, o enquadramento teórico actual parece eleger as informações veiculadas pelas agências como um factor primordial na construção das agendas dos media. A cobertura das agências alerta “as redacções para tudo o que acontece no mundo e é a partir desse conhecimento que as redacções constroem a sua própria cobertura. (...) As agências funcionam, portanto, como uma primeira campainha de alarme para as redacções, cuja acção é determinada pelo controlo dos despachos” (Golding & Elliott, cit. em Wolf, 2006: 233). Sem prejuízo da função de crivo dos meios de comunicação social que usam as agências de notícias, os mesmos autores, acreditam que, “directa ou indirectamente” (ibidem), as agências estão “na base da grande maioria das notícias que, quotidianamente, absorvermos” (ibidem).

Na realidade, esta característica é do profundo conhecimento dos gabinetes de relações públicas, pelo que estas procuram imiscuir-se diariamente nas agências de notícias com o intuito de, assim, chegarem a todos os meios de comunicação.

“Uma forma especial de agenda de serviço é o Day Book, que é a agenda dos acontecimentos do dia fornecida pelas agências de imprensa. (...) Trata-se da lista do que se prevê que aconteça naquele dia, de forma que a redacção pode decidir se faz a cobertura do acontecimento ou se utiliza as agências. As empresas de Relações Públicas tentam fazer inserir no Day Book os acontecimentos que vão promovendo, no sentido de assegurarem a sua cobertura por parte dos mass media associados às agências” (Tuchman, cit. em Wolf, 2006, 237).

Este é um objectivo cumprido, pelos menos na realidade britânica, onde um estudo sobre “2.207 notícias de cinco jornais do Reino Unido” concluiu que “as cópias de artigos dos gabinetes de relações públicas e agências representam 88% das notícias publicadas” (Lewis et al. cit. in *The Silent Partner: News Agencies and 21st Century News*, 2011: 198-199)

Esta é uma realidade que parece perder-se nos socalcos do tempo e que, em Portugal, se fez sentir de forma muito clara.

“Mas aos despachos das agências nacionais cabia uma outra importante função: o agendamento. Todos os telexes ou telegramas que não se reportavam a acontecimentos já ocorridos eram utilizados como base para o agendamento de notícias, como, por exemplo, a visita de personalidades estrangeiras ao nosso país. Os despachos da Lusitânia e da ANI [Agência de Notícias e Informação] constituíam, no fundo, o suporte de agenda noticiosa da altura na RTP” (Santos, 2007: 105).

Ora, é neste contexto que o jornalista comum reassume o seu papel de gate-keeper – conceito construído por Kurt Lewin, num estudo sobre as dinâmicas dos grupos sociais, de 1947, e mais tarde aplicado por White (1950) ao fluxo de notícias (Wolf, 2006) - perante uma fonte de informação tão específica como são as agências, fontes que já beberam de fontes e que em termos teóricos deverão ter feito todo o trabalho necessário à boa prática jornalística. Lembre-se que a interpretação proposta por White assentou ela mesmo no estudo de caso em que um jornalista com 25 anos de experiência, a trabalhar numa cidade americana com 100 mil

habitantes, seleccionava as notícias que iria publicar no seu jornal, precisamente, a partir das notícias de agência (ibidem).

Portanto, é precisamente pelas razões citadas anteriormente, sobre a teórica confirmação de fidedignidade de uma informação, que as notícias de agência são dadas como inatacáveis, mesmo que não detenham o rótulo de oficial – nem sempre o que é oficial é verdade. No entanto, os níveis de confiança que os meios de comunicação depositam nas agências de comunicação encontram uma relação directa nas boas informações prestadas anteriormente, à semelhança no que acontece na dialéctica comum do trabalho relacional efectuado com outros tipos de fonte. “A maleabilidade dos critérios de controlo da credibilidade das notícias acaba por acentuar o ‘crédito’ de que as agências usufruem nas redacções” (Wolf, 2006: 233), facto que “incide nas avaliações de noticiabilidade atribuída aos acontecimentos relatados por agências” (ibidem), mas os índices de credibilidade daqueles são mutáveis, de acordo com o que os eventos passados contam a cada meio de comunicação social que faz uso das agências: “a experiência profissional anterior e o modo como ela se socializa na redacção contribuem para a determinação da noticiabilidade dos acontecimentos a que se referem os despachos de agência e, simultaneamente, para a determinação da credibilidade da própria agência” (ibidem).

Não obstante todos os fragmentos românticos do jornalismo e as suas visões idealistas, esta área de negócio não escapa aos constrangimentos habituais de qualquer sociedade desenvolvida e, por conseguinte, os seus arreios financeiros também são levados em linha de conta pela literatura afecta, de acordo com a hipótese que levantei num ponto prévio deste documento e que agora explano. Afinal, será o uso das agências de notícias potenciado pelos baixos recursos dos meios de comunicação social comuns? E estará esta realidade de acordo com a que encontramos na relação Público/Lusa? Golding e Elliott concluíram, na sua pesquisa comparativa sobre as instituições televisivas suecas, irlandesas e nigerianas, que, de facto, o factor económico influencia a forma como as agências de notícias são usadas. Tomando como ponto de partida os dados recolhidos durante o seu estudo, afirmam que:

“o custo dos correspondentes no estrangeiro é infinitamente mais elevado do que a assinatura numa agência [...]; para os órgãos de informação menos poderosos, as despesas com os correspondentes estrangeiros ultrapassam as suas possibilidades económicas. Para eles, os serviços regionais das agências [...] são a única fonte possível de notícias vindas do estrangeiro” (Golding & Elliott, cit. em Wolf, 2006: 232).

Nesta medida, e não obstante as “diferenças de avaliação acerca da atendibilidade e da credibilidade de cada uma das agências supranacionais” (ibidem), as agências “são fontes literalmente insubstituíveis, de que não é possível prescindir por motivos económicos” (ibidem). Tais constrangimentos também já são visíveis ao nível de um novo tipo de redacções que cresce um pouco por todo o mundo, as redacções online:

“O estudo reconhece essencialmente que, apesar do volume de «novas» notícias e perspectivas do conteúdo dos sítios na internet, estas organizações online produzem uma quantidade bastante reduzida de conteúdos originais. A sua moldura económica (...) limita a capacidade e procura de notícias de que são capazes” (Pew Project for Excellence in Journalism cit. in *The Silent Partner: News Agencies and 21st Century News*, 2011: 198)

Ora, esta noção internacional da leitura das agências serve como ponto de partida para a realidade doméstica portuguesa. O jornal Público, para além das duas redacções de Lisboa e Porto, detém uma série de colaboradores distribuídos pelo território nacional, mas a verdade é que a verdadeira missão de informar diária e nacionalmente tem o contributo da Agência Lusa, no caso a agência de notícias que merece maior reconhecimento no nosso país. De facto, a empresa preparou-se ao longo dos anos para adquirir este rótulo de imprescindível, ampliando o seu raio de cobertura noticiosa como nunca foi feito no nosso país. O investimento financeiro feito pela agência, pelo menos em termos de volume de uso de recursos humanos, muito dificilmente poderá ser igualado em termos nacionais.

“Todos os dias, os cerca de 200 jornalistas e 80 colaboradores, estabelecidos em várias partes do país e do mundo, produzem e distribuem em tempo real aos seus clientes notícias sobre o que de mais significativo acontece. (...) A representação nacional é assegurada por uma vasta rede de delegações e correspondentes que abrange todas as capitais de distrito do país e os concelhos das áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto. (...) A nível internacional a Lusa tem delegações distribuídas pelos quatro cantos do mundo, nomeadamente Madrid, Bruxelas, Bissau, Praia, Luanda, Maputo, Joanesburgo, Díli, Macau, Pequim, São Paulo e Brasília; e conta ainda com correspondentes em mais três dezenas de correspondentes nos cinco continentes, como Paris, Londres, Genebra, Roma, Berlim, Moscovo, Washington, Nova Iorque, Rio de Janeiro, Rabat, Telavive ou Sidney. (...) Tem actualmente perto de um milhar de clientes permanentes, incluindo sites, portais e edições online portuguesas, brasileiros e

africanos, a que se juntam também milhares de clientes individuais que consultam os serviços gratuitos ou por subscrição" (Santos, 2007: 222).

De facto, o fornecimento de notícias levado a cabo pelas agências, e neste caso muito específico, assemelha-se a um cervo actualizado permanentemente à disposição dos meios de comunicação social.

Pesquisa

Método e Corpo de análise

De forma a responder convenientemente e de forma sustentada à questão a que me propus e que me foi suscitada durante o meu período de estágio no jornal Público, entendi levar a cabo um pesquisa que, do ponto de vista metodológico, apoia-se em duas técnicas de recolha e análise de informação. Assim, avancei para o levantamento de dados de cariz qualitativo e quantitativo, com o intuito de, olhando ao maior número de parâmetros possível, ser objectiva na discussão e elaboração de conclusões.

Na vertente de pesquisa qualitativa procedi à entrevista de dois responsáveis pelas empresas de comunicação em causa. São eles Manuel Carvalho e Abel Coentrão, respectivamente director-adjunto e jornalista do jornal Público, e David Pontes director-adjunto da agência Lusa. Para chegarmos à validação ou refutação da questão apresentada, era importante perceber a realidade vista aos olhos dos responsáveis das duas empresas. No entanto, e tendo em conta a natureza subjectiva deste tipo de avaliação, até pelo interesse que cada um detém pela sua condição profissional, parti depois para o levantamento de dados quantitativos. Este é um confronto essencial para se conseguir o debate sério sobre a hipótese supracitada.

Nesta medida, analisei a totalidade das edições do Público no período compreendido entre 1 de Dezembro de 2010 e 28 de Fevereiro de 2011, afinal, a realidade com a qual contactei e que me levantou dúvidas. Esta análise foi circunscrita à secção Local/Porto, na medida em que, para além de ter sido a editoria na qual fui colocada, pelas suas características intrínsecas de proximidade com a sua paisagem noticiosa primordial deveria ser aquela em que o uso da Lusa seria reduzido ao máximo.

Discussão pesquisa/reflexão teórica

Com a teoria em pano de fundo, confronto agora estas mesmas premissas com a informação recolhida tanto nas entrevistas como no levantamento quantitativo levados a cabo. De novo coloco no epicentro da discussão que tipo de relacionamento existe entre meios de comunicação social e agências de notícias, mais concretamente, entre o Público e a Lusa.

Análise qualitativa

À semelhança de alguns autores da especialidade, citados anteriormente neste documento, também os actuais jornalistas aceitam a importância das agências de notícias. No caso, Manuel Carvalho não tem dúvidas que a Lusa “tem uma importância muito significativa” para o jornal do qual é director-adjunto, no entanto, não vê na relação profissional existente laivos de dependência. “Não digo que exista. Há uma dependência da Lusa como há dependência da agenda própria dos jornalistas. Há várias dependências nesta rede de funcionamento. (...) O Público vive da actualidade, mas não vive tanto ‘daquela’ notícia, de dar apenas o facto, mas sim do seu aprofundamento”, diz, encarando assim o usufruto retirado de “mais uma ferramenta”. O jornalista admite a essencialidade da agência, indo de encontro às ideias apresentadas por alguns teóricos, mas retira à relação com a Lusa um rótulo de imprescindível, ainda que coloque algumas reticências à hipótese de não contar com o habitual serviço noticioso. A pergunta é simples: É impossível um jornal com este estatuto trabalhar sem recorrer a agências? Porquê? “Eu diria que no caso concreto de Portugal não seria impossível o Público trabalhar sem a Lusa. A agência é extremamente importante, mas penso que conseguiríamos, na era dos sítios na internet, trabalhar sem o seu apoio. Poderíamos trabalhar sim, mas aceito que se possa dizer que o jornal não seria o mesmo, nem a actualidade”, assevera Manuel Carvalho, vendo de alguma forma a sua visão reiterada pelo jornalista Abel Coentrão: “É impossível, dadas as condições de mercado e a dimensão actual das redacções.” De resto, este redactor não tem dúvidas de que o uso da Agência Lusa “é uma questão de alargamento das ‘antenas’ a acontecimentos – de agenda e não só –”, que não conseguiriam “acompanhar por falta de meios”.

Pelo seu lado, David Pontes, director-adjunto da Lusa, entende que a empresa à qual pertence deve ser tida em conta e cataloga mesmo a sua função como “crucial”. Não obstante a margem de interesse que lhe deve ser concedida, tendo em conta a sua integração profissional,

esta é uma fasquia elevada ao nível da importância que é concedida às agências pelos autores da literatura analisada. O jornalista reconhece a natureza informativa primária e, em certa medida, imprescindível das agências e, concretamente, da Lusa. “Num país em que o sector da informação tem sofrido as crises que tem sofrido, até pelas dimensões do mercado, o papel de uma agência é crucial. Somos a capacidade de dar o essencial da informação a todos e permitir a cada um que trabalhe o resto. O que não quer dizer que não tenhamos os mesmos anseios e vontade na procura de notícias como tem qualquer outro jornalista de qualquer outro órgão de comunicação social” refere, mostrando-se ciente de que o facto da Lusa ser uma agência em que “mais de 50 por cento do capital pertence ao Estado” lhe permite ter menores preocupações comerciais e, por outro lado, cingir-se àquilo que é basilar no seu tipo de empresas: “Não esquecendo o critério comercial, eu não tenho que vender a minha informação, mas é evidente que nas nossas escolhas editoriais está presente essa intenção de procurar que a nossa informação seja interessante o suficiente para os nossos clientes. Temos noção que o nosso trabalho serve de alicerce e de background para o que vão fazer.”

E pelo menos estes papéis de ponto de partida de termo de comparação são assumidos, na totalidade, pelo Público. Manuel Carvalho dá conta disso mesmo quando aceita a utilidade primordial da Lusa no agendamento do seu jornal, assim como na área territorial de cobertura que, de outra forma, não seria efectivamente conseguida. “A agência tem para nós uma grande vantagem que está relacionada com a sua grande dispersão de meios mesmo ao nível territorial. E como é uma agência que tem uma certa natureza oficiosa, tem acesso a informação primária e a informações que estão longe dos principais centros. Serve-nos como um alerta de agenda de coisas que estão ou vão acontecer e serve-nos também como primeiro sinal de que há uma coisa muito importante que pode vir a acontecer”, assume, ciente de que “na maior parte das vezes serve como alerta e complemento” da própria agenda do jornal. No entanto, este cargo preponderante que a agência detém naquilo que é ou vai ser notícia e a segurança que dá aos jornais de que, ao fim do dia, terão informação disponível sobre um determinado evento, não é visto pelo jornalista como uma almofada de conforto da qual os jornais fazem um uso exagerado. Para Manuel Carvalho, não é o trabalho desenvolvido pela Lusa que tem levado à alteração do trabalho de campo dos profissionais, “até porque a agência também sai muito pouco, não faz reportagens ou faz muito poucas e, aliás, nem é essa a sua principal atribuição”, e, por isso, “não pode ser culpada da preguiça, de boa parte das carências e necessidades informativas” do Público.

Discutida a utilidade editorial da agência Lusa para o Público, é importante saber também que visão tem a empresa distribuidora do tratamento que é dado pelos jornais ao seu objecto de trabalho. David Pontes reconhece que a má atribuição do crédito das notícias da Lusa não é vista com bons olhos, mas relativiza a questão tendo em conta a natureza primária do trabalho que por eles é desempenhado. “Há situações em que os textos que estão assinados à cabeça e que essa identificação devia ser mantida, e achamos que, por bem do rigor, alguma dela devia ser identificada, mas também temos noção do nosso papel e não nos aflige muito que isso nos aconteça. Por exemplo, temos casos caricatos de uma notícia da Lusa que saiu em quase todos os jornais no mesmo dia, assinada por diferentes pessoas, e percebia-se que a informação vinha do mesmo sitio... Sabemos que somos uma base de trabalho, e por isso, temos a obrigação, em muitos casos, de estar onde os nossos clientes suspeitam que vamos estar e eles não vão estar. Temos sempre este trabalho invisível da agência”, considera, admitindo ainda assim que há um “défice de notoriedade” dos jornalistas que trabalham em agências, apesar de “esse não ser o factor mais importante”. De resto, David Pontes entende mesmo que a Lusa desenvolve agora um “trabalho que é respeitado”, embora um erro seja “mais ampliado e visível de que os dos diários”. “Se pensarmos que fazemos 300 a 400 notícias por dia, se calhar não cometemos tantos erros assim. Julgo até que seguimos critérios de qualidade que noutros jornais não são tão exigentes quanto os nossos, para garantir que a nossa informação é o mais fiel e fiável possível. Há até sites que usam de imediato as nossas notícias sem edição e que as publicam quase no imediato”, garante, ainda que na opinião dos jornais, e, no caso, do director-adjunto do Público, Manuel Carvalho, a verificação de informações seja sempre uma necessidade premente: “Genericamente sim, acho que a Lusa é credível. Agora, como em todos os meios, a Lusa tem serviços melhores e outros piores. Em alguns distritos os correspondentes são melhores do que outros. Há alguns serviços em que confiamos plenamente e há outros em que já temos mais algumas desconfianças.” Ainda assim, Abel Coentrão, jornalista do Público, lamenta o facto de “nem sempre” os créditos das notícias das agências serem respeitados: “Isso é mau.”

E, afinal, que fatia exacta, por outras palavras, estatística, cabe ao Público deste bolo de centenas de notícias disponibilizadas diariamente pela Lusa? Manuel Carvalho aponta uma pequena parte do fluxo noticioso como utilizado para efeitos de publicação - a visão empírica do jornalista será confrontada adiante neste documento -, mas sobe a fasquia sobre o uso que é feito das notícias da Lusa durante o labor quotidiano da redacção. “Notícias integralmente Lusa

devem ser 5 a 10 por cento. Agora, usar a agência para nos prepararmos para o trabalho, para a partir dali construirmos as nossas notícias, isso não lhe sei dizer. Mas aceito que esteja compreendida numa margem entre os 40 e os 50 por cento, nem que seja pelo facto do nosso jornalista, que vai a uma conferência de imprensa, por exemplo, fazer algumas transcrições a partir do que o colega da Lusa, que também lá esteve no local, enviou. Há uma imensa complementaridade. Acho um disparate os jornais subalternizarem a importância que as agências têm”, atenta. Sem uma ideia precisa da utilização que é feita por parte dos jornais, David Pontes garante apenas que a agência percebe a necessidade existente por parte dos outros meios de fazerem uso de boa parte dos conteúdos distribuídos pela agência: “Temos a noção, por exemplo, que o nosso papel é muito importante em termos económicos para muitos órgãos de comunicação terem acesso a uma informação a preços acessíveis. Temos também a noção que muitas fontes dependem de nós para existir. Muitas autarquias do interior e actores políticos não existiriam no palco mediático se não fosse a Lusa a ouvi-los. É nossa obrigação dar voz às minorias. Por exemplo, os jornais hoje têm menos páginas em comparação com o antigamente, o esforço de enviar um estagiário ao local, mais vale esperar pela Lusa. Há aqui uma relação de economia de esforço, se houvesse mais espaço se calhar havia mais capacidade para arriscar e ir fazer determinadas coberturas.”

Análise quantitativa

O método de pesquisa quantitativa utilizado baseou-se na listagem e contagem de todos os artigos publicados na editoria Local/Porto durante os três meses em que cumpri o estágio, portanto entre os dias 1 de Dezembro de 2010 e 28 de Fevereiro de 2011. O objectivo desta recolha prendeu-se com a necessidade de confrontar com dados estatísticos a hipótese formulada e que deu o mote para a realização deste documento. Aqui tenta-se perceber a relevância e o contributo da Agência Lusa para a produção noticiosa desta secção do jornal Público. Será que a suposição empírica que me assaltou tem uma base estatística fiável? Naturalmente que a maioria das notícias do Público são produzidas pelos seus jornalistas, mas pretende-se perceber que quantidade destas são feitas a partir da Lusa, assim como perceber que uso fazem das notícias da agência e como as identificam.

Assim, construí um sistema de classificação que abarca todas as formas de assinatura de notícias utilizadas pelo Público. São elas:

- Público (da autoria exclusiva dos jornalistas do jornal)
- Lusa (da autoria exclusiva da Lusa, ou seja, transcrição integral)
- Público/Lusa (de autoria partilhada, em que o Público acrescenta dados ou vice-versa)
- Lusa como fonte (notícias não assinadas que contêm expressões como: “disse à Lusa”, “segundo apurou a Lua, “adiantou a Lusa”, etc.)
- Sem assinatura e sem menção (sem identificação do autor nem de qualquer utilização de agência)

De forma a contextualizar e verificar devidamente a construção desta tabela de critério apresenta-se agora uma selecção de transcrições do capítulo Critérios, Géneros e Técnicas do Livro de Estilo do Público, que se debruça sobre a forma de assinatura vigente no jornal.

2. Ir mais longe na informação

(...)

g. As informações colhidas nos telexes das agências ou noutros órgãos de comunicação não deverão ser meramente transcritas pelo PÚBLICO, que as completará, inserindo sempre um contributo específico da sua redacção. (Público, 2005: 48)

(...)

3. ... e das assinaturas

Princípio geral: todos os textos do PÚBLICO são assinados, à excepção das breves. É um princípio assente num pressuposto do jornal: a incorporação própria da sua Redacção, mesmo quando se trata de informação baseada em agências. A prática aconselha, no entanto, a adopção rigorosa dos seguintes critérios, sob pena de procedimentos profissionalmente reprováveis:

1. A assinatura de um texto deve reflectir de forma rigorosa a sua autoria. Se há mais de uma participação para um dado texto, a ordem de assinaturas deve reflectir a contribuição de cada um dos autores. Em textos escritos em parceria, a ordem das assinaturas deve ser alfabética, pelo primeiro nome, sempre ao mesmo nível de relevância e nunca com o artifício de assinatura do redactor que organizou a versão final do texto em cima e a outra assinatura no fim do texto. O recurso à dupla assinatura (uma no início e a outra assinatura no fim do texto) é recomendável quando o autor usa material de background recolhido por outro jornalista ou introduz informações pontuais obtidas por outro jornalista. No caso da contribuição de

correspondentes fora da Redacção vigora o mesmo princípio, embora deva prevalecer a prioridade da assinatura do jornalista mais próximo do acontecimento.

2. Os textos baseados em despachos de agências devem ser assinados de acordo com o tipo de contribuição do redactor que elaborou a notícia.

a. Quando a sua contribuição se cingiu a uma mera tradução, adaptação e/ou edição do telex, a notícia deve mencionar no fim apenas o nome da agência Ex.: AFP, Reuters.

b. Quando o resultado é um trabalho de fusão de dois ou mais despachos de agência, sem qualquer participação do jornalista além do trabalho de tradução, adaptação e/ou edição, a assinatura deve apenas referir as agências noticiosas envolvidas, segundo a ordem em que tenham contribuído para o texto final Ex.: AFP e Reuters, Reuters e AFP.

É, pois, um erro grave, por exemplo, uma peça sobre um surto de cólera na Índia ser assinada em cima e, no fim, um “com Reuters e AFP”, quando eram estas agências que tinham jornalistas no local e se citava testemunhos directos e pormenores de reportagem delas. Só coloca mal quem faz tal apropriação indevida e, naturalmente, o jornal.

c. Se houver algum contributo suplementar ao mero trabalho de tradução, adaptação e/ou edição — juntando-se-lhe explicações suplementares ou "background", por exemplo —, o texto deve ser assinado pela agência e pelo jornal, sem referência explícita ao nome do jornalista que o reformulou Ex.: Reuters e PÚBLICO.

d. Um trabalho destes só deve levar o nome do jornalista se o material recebido da agência funcionar apenas como uma fonte como qualquer outra ou de conteúdo residual e o jornalista tiver conhecimentos, experiência ou informações novas que o legitimem. É sempre com a indicação obrigatória da(s) agência(s) utilizada(s) no corpo da notícia redigida.

Esta menção à(s) agência(s) deve ser feita sempre de forma proporcional à respectiva contribuição. É errado, por exemplo, relegar para o fim da peça a menção a uma agência noticiosa quando ela contribuiu para o "lead" do artigo.

Quando a notícia for originária de uma agência, mas com uma contribuição final determinante do jornalista encarregado de a trabalhar que justifique a sua assinatura, ela deve ser devidamente atribuída logo no "lead" Ex.: “O novo director da Agência Espacial Europeia será Jean Dupont..., noticiou a agência Reuters.”

e. Excluem-se das regras acima referidas:

- Casos em que os despachos de agência contenham graves imprecisões ou erros, o que tornaria injusto para o PÚBLICO atribuir-lhes a autoria da notícia correcta. Nestas circunstâncias, ainda que se aproveitem elementos dos telexes, a assinatura da peça não deve incluir o nome da agência. (Uma solução possível a adoptar em certos casos poderá ser não assinar a peça.)

- Casos em que os telexes citam outras fontes escritas e em que seria ocioso referir a cadeia de fontes Ex.: "... noticiou o jornal The New York Times, citado pela Reuters". A opção deve, então, ser atribuir a fonte original.

Esta exceção deve apenas aplicar-se a fontes escritas e em caso algum se pode estender a outras fontes citadas por agências, que devem ser sempre referidas a par da agência.

- f. Em caso de dúvida quanto à melhor fórmula de assinatura a adoptar, deve ser beneficiada sempre a agência noticiosa. Em caso algum o jornalista se pode colocar numa posição duvidosa do ponto de vista deontológico (Público, 2005: 62-64)

Tendo em conta este sistema de contagem, analisei um total de 752 notícias, distribuídas por 75 dias, sendo que em 15 edições do Público durante aqueles três meses não foi publicada a secção Local/Porto, mas sim o suplemento Cidades que é dado à estampa aos domingos. Assim, dos 90 dias que compreendiam os meses de Dezembro de 2010 e Janeiro e Fevereiro de 2011, foram analisadas 75 edições, precisamente as que contavam com a inclusão da editoria Local/Porto.

Apresento agora os dados estatísticos analisados numa base mensal. As tabelas de recolha, na sua íntegra, podem ser consultadas em Anexos.

➤ Dezembro 2010

Autoria	Artigos
Público	169
Lusa	17
Público/Lusa	8
Lusa como fonte	33
Sem assinatura e sem menção	25
Total	252

(Tabela1)

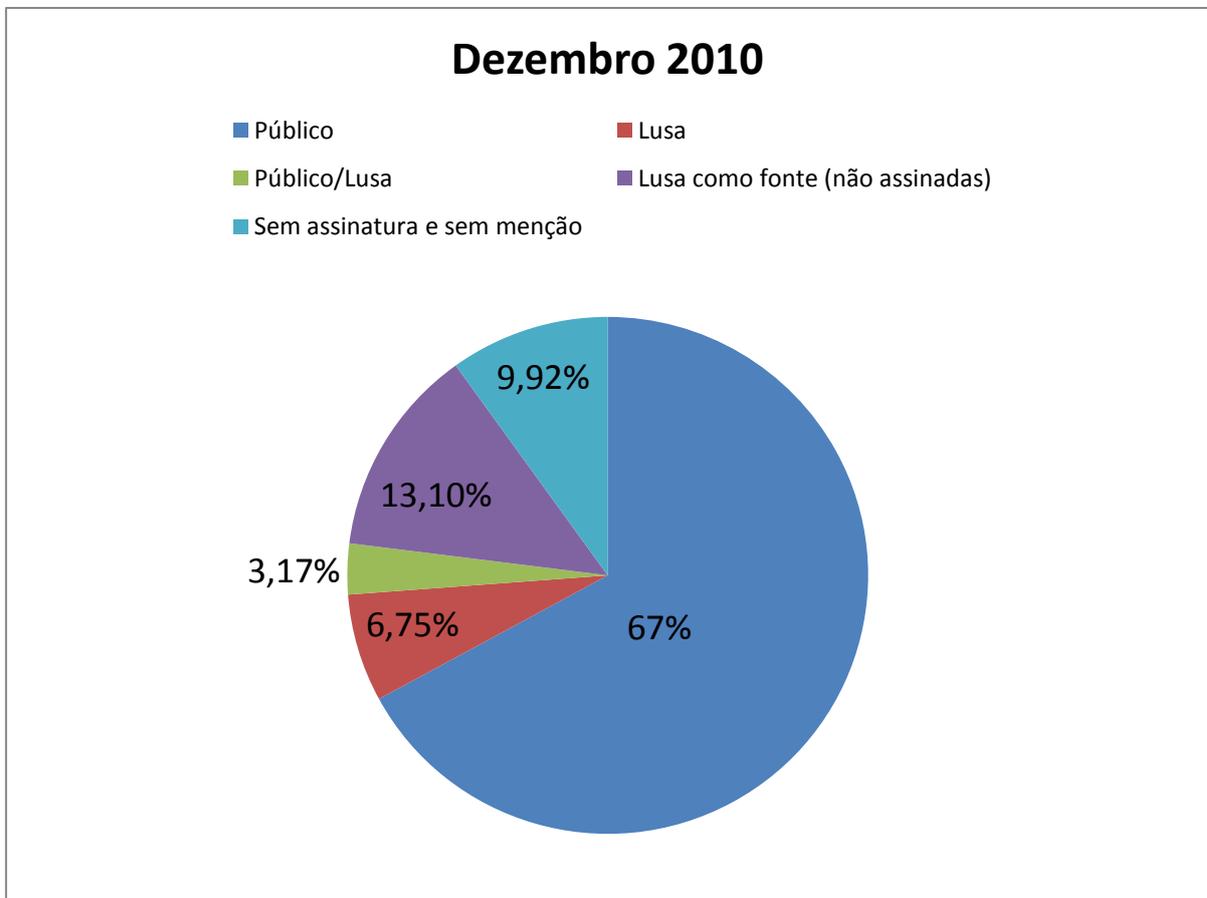


Gráfico 1

Relativamente a Dezembro de 2010 foram analisados um total de 252 artigos, sendo que 67 % deles, o equivalente a 169, foram identificados como sendo da autoria exclusiva de jornalistas do Público. Destaque para o facto de 33 daqueles 252 artigos terem utilizado a Lusa como fonte citada no texto.

➤ Janeiro 2011

Autoria	Artigos
Público	156
Lusa	6
Público/Lusa	1
Lusa como fonte	40
Sem assinatura e sem menção	29
Total	232

(Tabela2)

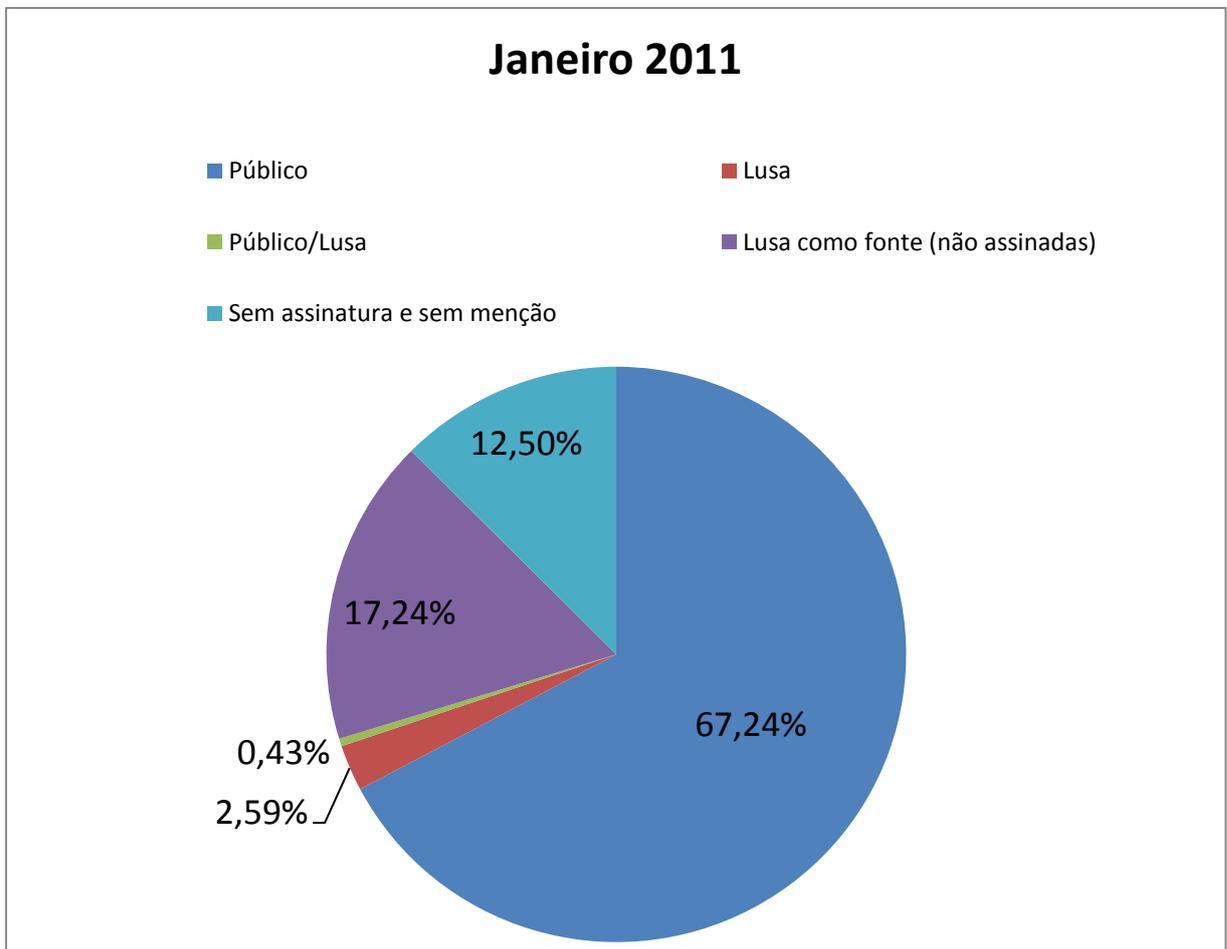


Gráfico 2

Em Janeiro de 2011 foi analisado um total de 232 artigos, sendo que 156 deles, o equivalente a 67,24 %, foram da autoria do Público. Uma nota para o facto de apenas 1 artigo ter sido assinado em parceria pelo Público e pela Lusa, o que em termos percentuais tem uma importância praticamente nula.

➤ Fevereiro 2011

Autoria	Artigos
Público	182
Lusa	8
Público/Lusa	2
Lusa como fonte	39
Sem assinatura e sem menção	37
Total	268

(Tabela3)

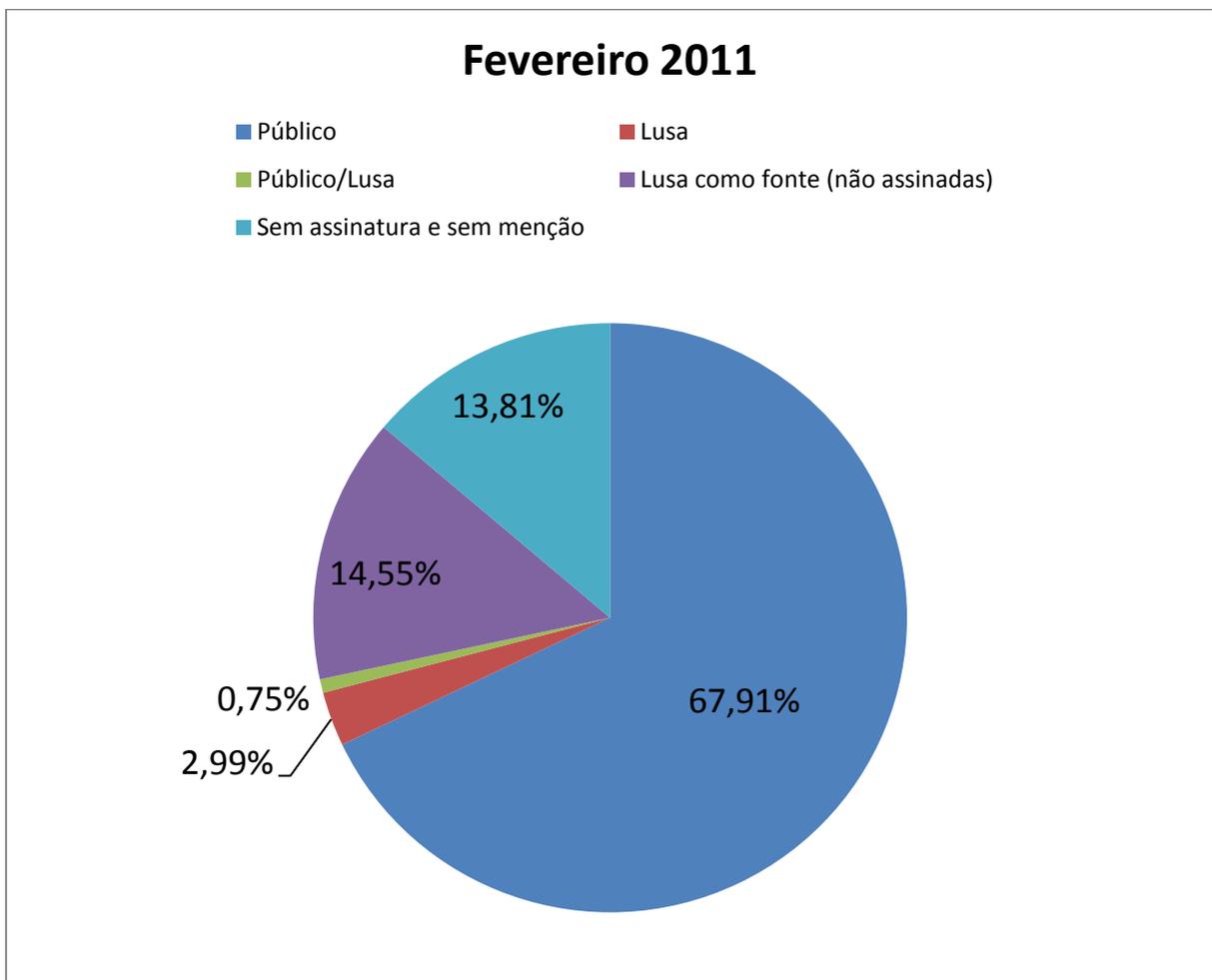


Gráfico 3

Em Fevereiro de 2011 foram analisados 268 artigos. O Público, com 182 peças, foi, sem surpresa, o maior produtor de conteúdos. Destaque para os quase 14 % de artigos que foram publicados sem qualquer identificação.

Tendo em conta que a hipótese levantada com este documento se refere, em traços gerais, à ligação entre as duas empresas, agrupei depois todos os tipos de assinaturas que, de alguma forma, envolviam a Lusa. Desta forma, pretende-se perceber com maior exactidão a contribuição percentual da agência para os artigos publicados na secção Local/Porto, ainda que alargando o espectro da sua utilização. Assim, reconstruí o sistema de classificação, abrangendo as formas de assinatura que de alguma forma contam com a participação da Lusa. São elas:

- Público (da autoria exclusiva dos jornalistas do jornal)
- Sem assinatura e sem menção (sem identificação do autor nem de qualquer utilização de agência)
- Lusa mencionada (engloba as assinaturas “Lusa”, “Público/Lusa” e “Lusa como fonte”)

Apresento os dados estatísticos analisados, novamente, numa base mensal. As tabelas de recolha, na sua íntegra, podem ser consultadas em Anexos, tal como referi anteriormente.

➤ Dezembro 2010

Autoria	Artigos
Público	169
Lusa mencionada	58
Sem assinatura e sem menção	25
Total	252

(Tabela4)

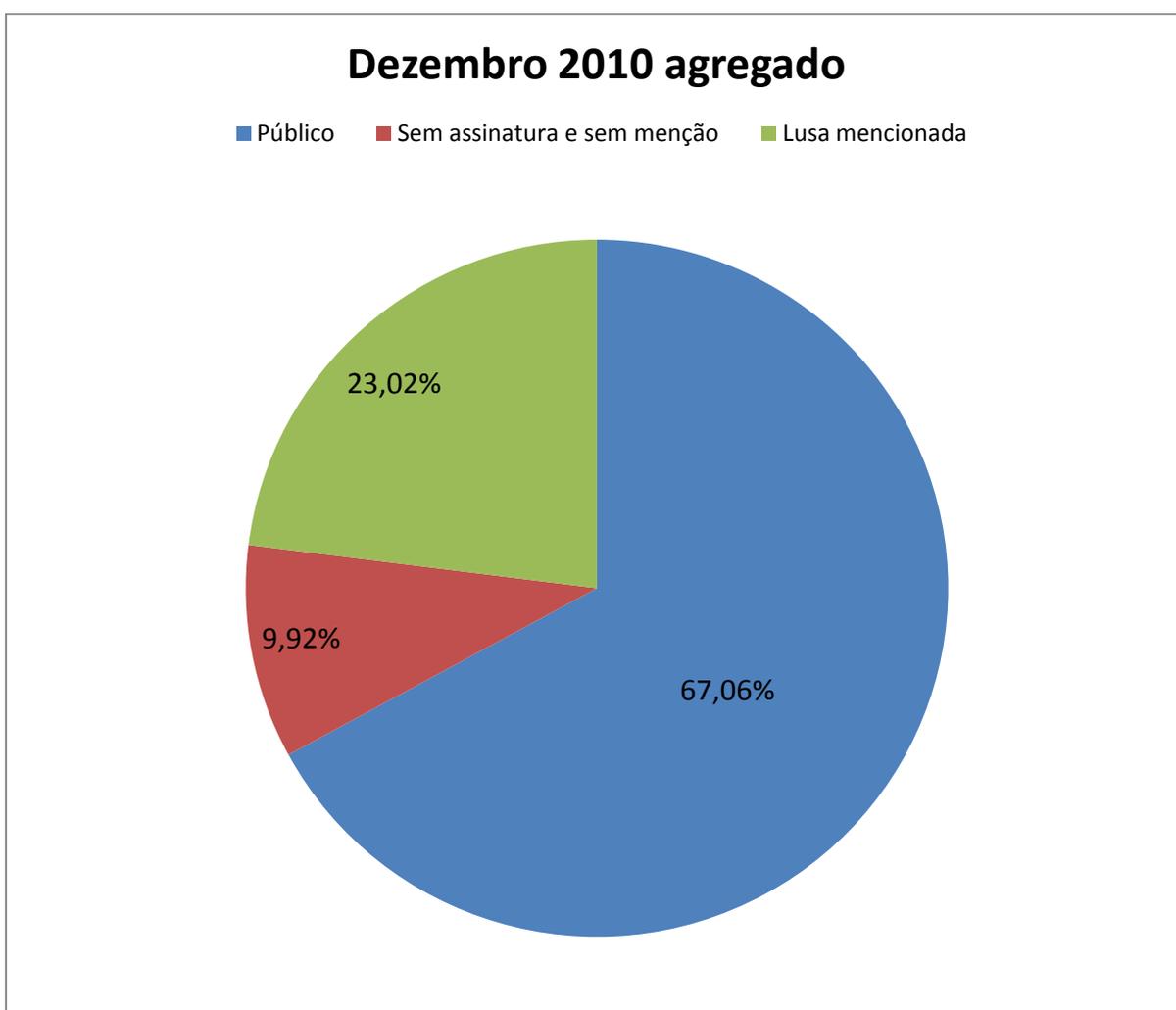


Gráfico 4

Desde logo, ao assumir-se as assinaturas que englobam a Lusa como um todo, a sua importância global sobe para valores percentuais na ordem dos 23 %. O mês de Dezembro, tal como ficará patente ao longo das próximas páginas, é, com este registo, o que conta com uma maior percentagem deste tipo de artigos.

➤ Janeiro 2011

Autoria	Artigos
Público	156
Lusa mencionada	47
Sem assinatura e sem menção	29
Total	232

(Tabela5)

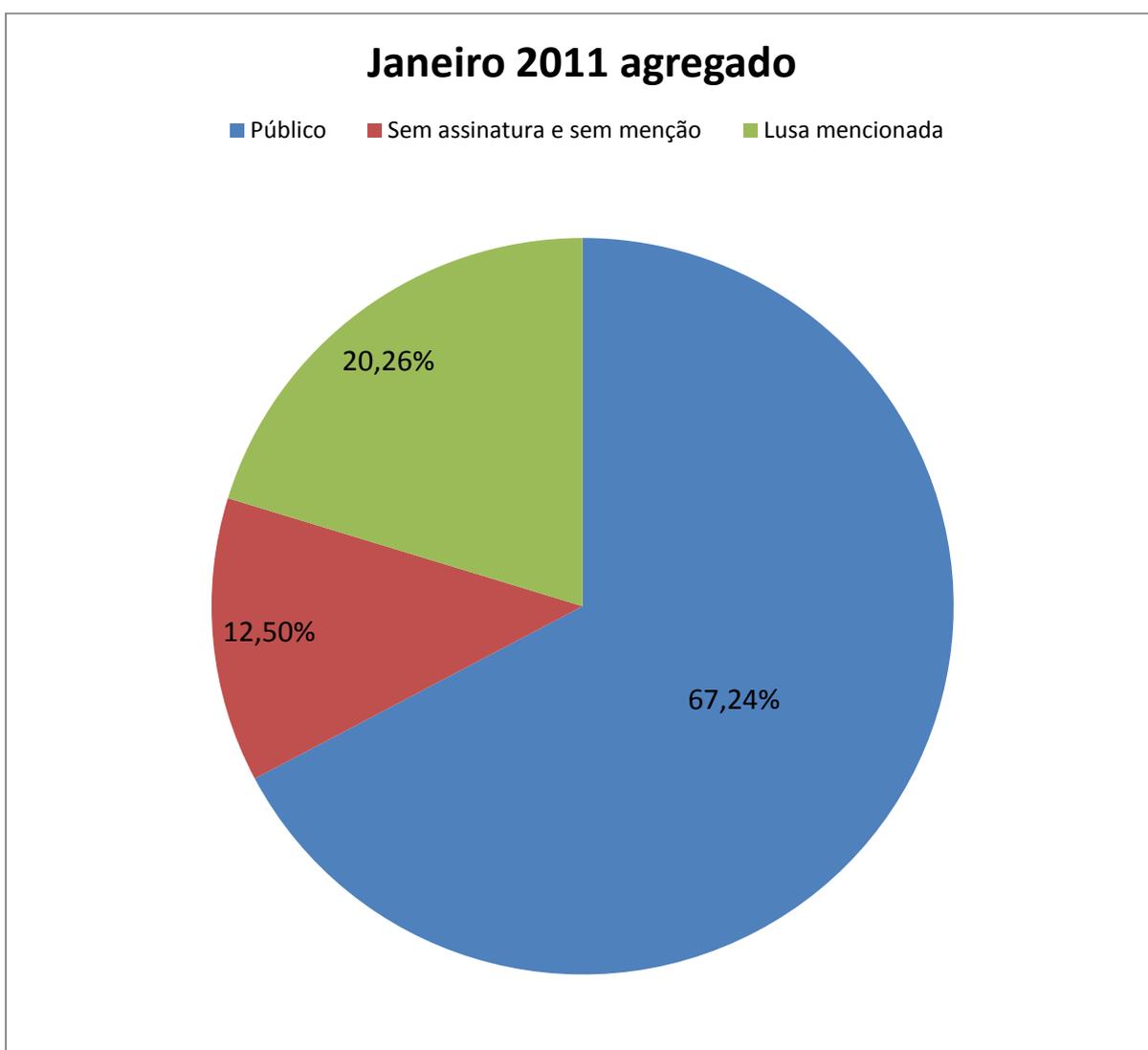


Gráfico 5

Em Janeiro de 2011, os artigos que contaram com a participação da Lusa desceram para os 20,26 %, no entanto, as peças sem assinatura e sem menção subiram praticamente três pontos percentuais.

➤ Fevereiro 2011

Autoria	Artigos
Público	182
Lusa	49
Sem assinatura e sem menção	37
Total	268

(Tabela6)

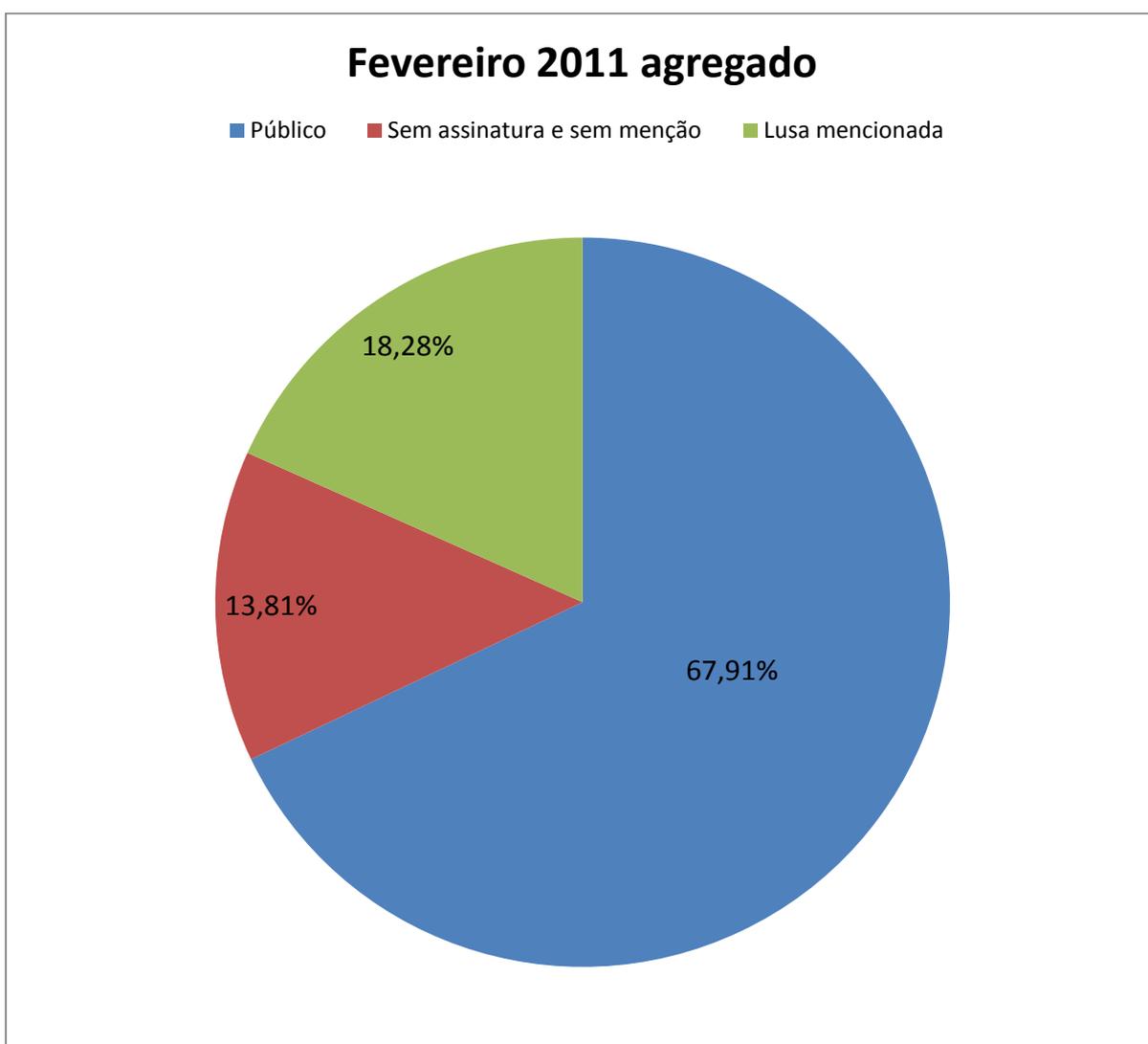


Gráfico 6

Mais uma vez, em Fevereiro de 2011, os artigos do Público mantiveram-se na liderança, enquanto as peças com assinatura da Lusa ou sem qualquer tipo de identificação compensam as descidas e subidas percentuais que lhe são recíprocas.

Contabilizados os dados relativos aos três meses, importa fazer a média dos mesmos, de forma a encontrar a regra corrente deste período. Tal como o realizado anteriormente, esta análise conjuga os dados, numa primeira fase, em separado, tal como foi feito nas tabelas 1, 2 e 3. Posteriormente, e em seguida, apresentam-se os dados relativos à agregação das assinaturas de artigos que englobam a utilização da Lusa de várias formas, com o mesmo intuito, o de perceber mais facilmente a real importância destes na produção da editoria.

➤ Os três meses (Dezembro de 2010 a Fevereiro de 2011)

Autoria	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Total
Público	169	156	182	507
Lusa	17	6	8	31
Público/Lusa	8	1	2	11
Lusa como fonte	33	40	39	112
Sem assinatura e sem menção	25	29	37	91
Total	252	232	268	752

(Tabela7)

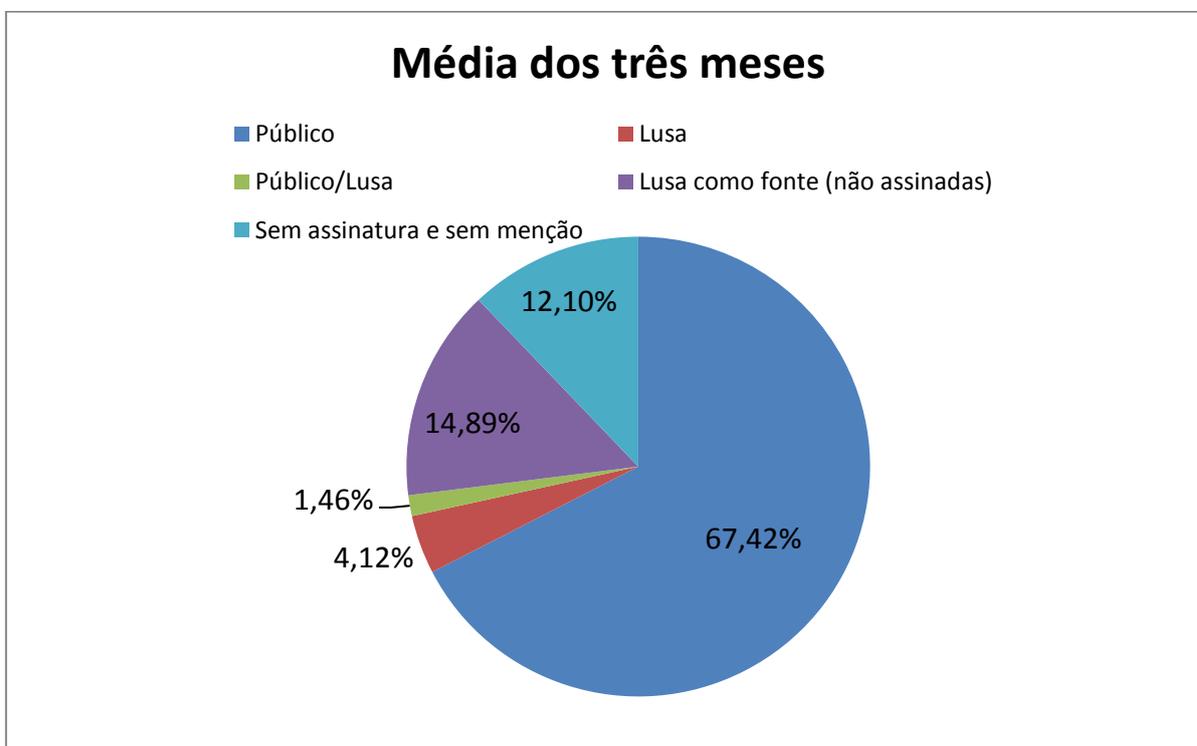


Gráfico 7

➤ Os três meses em agregado (Dezembro de 2010 a Fevereiro de 2011)

Autoria	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Total
Público	169	156	182	507
Lusa mencionada	58	47	49	154
Sem assinatura e sem menção	25	29	37	91
Total	252	232	268	752

(Tabela8)



Gráfico 8

Assim, em termos globais, não há dúvidas de que a maioria dos artigos publicados na secção são única e exclusivamente produzidos pelo Público: 67,42%. Contudo, confirma-se a importância da Agência Lusa na construção de notícias – hipótese admitida teoricamente e na avaliação qualitativa apresentada -, seja na íntegra ou de uma forma partilhada. Destaque para o valor de 12%, sem dúvida importante, referente aos artigos que são publicados sem menção à Agência Lusa ou a jornalistas do Público.

Considerações finais

Conclusões

Esta investigação pretendia responder à questão: qual a verdadeira relação entre o jornal Público e a Agência Lusa? É uma relação de dependência ou de boa utilização de mais uma ferramenta de trabalho? Os dados recolhidos, assim como as opiniões, indicam que uma parte importante dos conteúdos do jornal são influenciados pela agência, embora, também como foi demonstrado, a maior fatia deste fluxo noticiosos tenha uma origem própria.

Analisando as estatísticas resultantes da pesquisa quantitativa, as considerações de Manuel Carvalho, de que o Público terá cerca de 5 % das suas notícias baseadas na íntegra em notícias difundidas pela Lusa, são confirmadas. De facto, durante os três meses observados da já referida editoria Local/Porto, foram contabilizadas 4,12 % de um total de 752 notícias como acreditadas única e exclusivamente à agência. Esta participação ganha importância quando são agregados os artigos publicados com participação das notícias da Lusa, seja na íntegra, de forma participada, ou citando a agência como fonte. Neste contexto encontram-se 20,48 % das notícias dadas à estampa, o que representa praticamente 1/5 daquela secção, afinal uma das que pode fidelizar o público-alvo do jornal no norte do país, ou, pelo menos, na área metropolitana do grande Porto.

No entanto, há uma curiosidade estatística que faz nascer uma espécie de zona de sombra. Na análise agregada dos tipos de assinatura, é perceptível que a percentagem de notícias assinadas exclusivamente por jornalistas do Público mantém-se constante, praticamente sem alterações – passa de 67,06% para 67,24% e, em Fevereiro, chega aos 67,91% -, deixando para os tipos “Lusa mencionada” e “Sem assinatura e sem menção” as variações de importância. Ora, se o número de notícias, ainda que maioritariamente breves, que surgem sem qualquer tipo de assinatura – de acordo com o que indica o Livro de Estilos do Público – estão a aumentar e as que têm participação da Lusa diminuem na mesma proporção levanta-se uma dúvida sobre se este tipo de artigos estão a ser creditados de forma correcta. O diretor-adjunto do jornal, Manuel Carvalho, vinco que a correcta atribuição da autoria é uma preocupação expressa do Público, no entanto, o jornalista Abel Coentrão admitiu que por vezes existe um certo descuido. Assim, é pertinente que aos 20,48 % de notícias publicadas com participação da Lusa se possa acrescentar parte dos 12,10 % de artigos que são publicados sem assinatura nem menção a agências; contudo, os quase 21 % de peças que são dadas à estampa com

participação da Agência Lusa são por si só expressivos quanto ao peso de uma empresa deste tipo no que ao caudal noticioso deste jornal especificamente diz respeito.

Menos controversas serão as conclusões relativas à importância que a Agência Lusa tem para o quotidiano redactorial do Público. Tal como preconizam os autores teóricos citados neste documento, também os agentes dos meios reconhecem a importância da Lusa aos mais variados níveis: agendamento, ponto de partida para a construção de artigos e limitações financeiras. Manuel Carvalho e Abel Coentrão reconheceram, na mesma linha de pensamento apresentada pela literatura de Mauro Wolf e Golding e Elliott, entre outros, que a Lusa potencia de sobremaneira a capacidade do Público para antecipar eventos e notícias, assim como perceber os factos notícias que surgem diariamente, vincando que o papel de aprofundamento das mesmas está definitivamente entregue ao jornal, tal como assentiu David Pontes. De resto, o porto de abrigo que constituem as notícias difundidas pela agência para os jornalistas do diário foi também ele admitido pelos intervenientes envolvidos no intrincado e complexo processo comunicativo.

Em conformidade com o exposto, o factor economicista foi confirmado, tal como aquando da formulação da hipótese, como crucial em todo este contexto. Os autores teóricos apontaram-no como um parâmetro chave, confirmado pelas declarações de Manuel Carvalho, Abel Coentrão e David Pontes. Afinal, “é precisamente de uma lógica económica que derivam a origem e o desenvolvimento das agências” (Wolf; 2006,232). Nesta medida, seria presunçoso, ou, pelo menos, irresponsável, negar a natureza deste tipo de empresas e as razões que levaram ao seu nascimento: ser fornecedoras de notícias a meios de comunicação, baixando assim os custos de produção destes mesmos meios. “Em geral quanto mais rico é um país, mesmo com uma população pequena, maior é a probabilidade de alcançar a sua autonomia dos media” (McQuail; 2003, 223).

Limites e sugestões

Reconhece-se neste documento a limitação potenciada pela análise estatística focalizada na editoria do Público, Local/Porto. No entanto, tal como já foi adiantado, esta escolha baseou-se nos factores tempo e proximidade. Uma análise exaustiva à totalidade do jornal apresentaria barreiras mais complexas e difíceis de ultrapassar numa proposta curricular deste âmbito. Da mesma forma, aceita-se uma eventual maior riqueza centrada na confrontação das notícias publicadas com as notícias de agência que lhe deram origem. No entanto, esta possibilidade acarreta necessidades de compromisso entre jornalistas, de ambas as empresas, e o próprio investigador, que são melindrosas e, neste caso, não foram possíveis de conjugar.

Assim, propõem-se que, no seguimento destas premissas, se possa proceder à investigação da linha de construção deste tipo de notícias em específico, tentando-se perceber, na globalidade do diário e com os dados relativos às notícias difundidas pelas duas empresas, com maior profundidade os degraus de construção dos artigos.

Bibliografia

- Fidalgo, J. (2005) “Novos desafios a um velho ofício ou... um novo ofício? – A redefinição da profissão jornalista” [On line]
[<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7448/1/Fidalgo%2c%20J.%282005%29-Desafios%20jornalismo.pdf>, acessido em 07/03/2011].
- Fontecuberta, M. de (2002) *A notícia – pistas para compreender o mundo*, Lisboa: Editorial Notícias
- Johnston, J. & Forde, S. (2011) “The Silent Partner: News Agencies and 21st Century News” [On line], *International Journal of Communication*, 5 (195–214).
[<http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/viewFile/928/519>, acessido em 23/05/11].
- Lopes, F. (2000) “As fontes os jornalistas e as leis”, *Comunicação e Sociedade* 2, *Cadernos do Noroeste, Série Comunicação*, Vol. 14 (1-2), 339-349
[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5511/1/CS_vol2_flopes_p339-349.pdf, acessido em 07/03/2011].
- Lusa, (S/D) “Código de Ética” [On line]
[<http://www.lusa.pt/lusamaterial/PDFs/CodigoEtica.pdf>, acessido em 15/04/11].
- Lusa, (2007) “Estatutos da Lusa” [On line]
[http://www.lusa.pt/lusamaterial/PDFs/estatutos_lusa.pdf, acessido em 15/04/11].
- McQuail, D. (2003) *Teoria da Comunicação de massas*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Pinto, M. (1999) “Fontes jornalísticas: Contributos para o mapeamento de campo” [On line] *Comunicação e Sociedade* 2, *Cadernos do Noroeste, Série Comunicação*, Vol. 14 (1-2), 277-294
[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5512/1/CS_vol2_mpinto_p277-294.pdf, acessido em 07/03/2011]
- Público (2005) *Livro de Estilo*, Lisboa: Público – Comunicação Social, SA
- Ramonet, I. (2002) *Propagandas silenciosas – Massas, televisão, cinema*, Porto: Campo das Letras
- Richardson, John E. (S/D) “News Reports from Press Agency Sources: an insight on newspaper style” [On line], Sheffield University, United Kingdom.
[<http://www.shef.ac.uk/content/1/c6/10/39/64/2richardson.pdf>, acessido em 23/05/2011].

- Santos, J. António (2007) *Agências de Notícias de Portugal*, Lisboa: Lusa - Agência de Notícias de Portugal, S.A.
- Traquina, N. (2002) *O que é jornalismo*, S/L: Quimera
- Wolf, M. (2006) *Teorias da comunicação*, Lisboa: Editorial Presença

Anexos

Local

Mau tempo Neve continua a criar problemas no interior do país

Mobilidade Estradas cortadas no Norte e Centro

A neve que caiu em vários distritos do interior levou ao encerramento de várias estradas. Segundo o último balanço da GNR, pelo menos 17 estavam ao final do dia de ontem intransitáveis. Os distritos mais afectados são Viseu, Vila Real, Guarda e Porto. As principais estradas que atravessam o distrito de Vila Real, como o Itinerário Principal 4 (IP4) e as auto-estradas A7 e A24, foram à tarde cortadas ao trânsito por causa de um forte nevão que afectou este território, disse fonte da Protecção Civil.



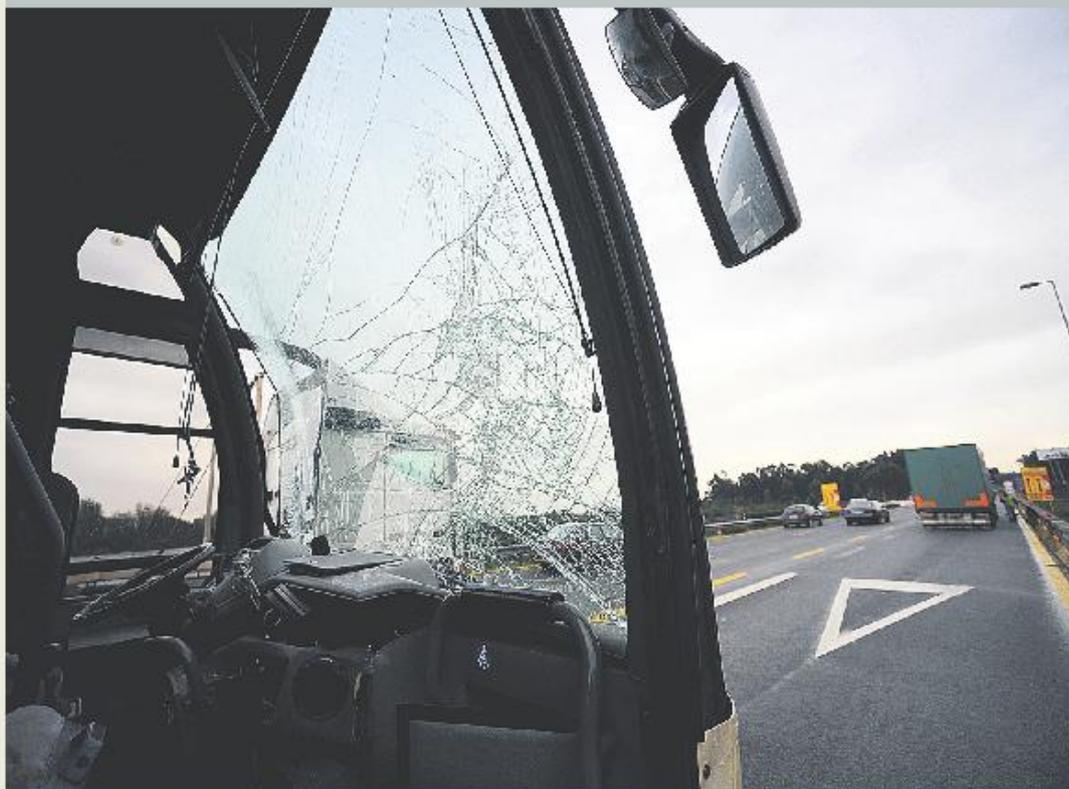
Ensino Escolas encerradas em vários concelhos

A neve e o gelo que cobriram muitas estradas impediram a segura circulação dos autocarros escolares, o que levou ao encerramento de muitas escolas básicas. Os distritos mais atingidos foram Viseu, Vila Real, Guarda e Porto. Neste último, só no concelho de Baião pelo menos 1800 alunos ficaram em casa. Na Guarda as escolas estiveram fechadas no período da manhã. Já no distrito de Viseu apenas os estabelecimentos escolares de Moimenta da Beira estiveram fechados.

Dispositivo Falta comunicação entre autoridades

O comandante distrital da Protecção Civil de Bragança, Carlos Alves, queixou-se do facto de em Portugal "não se dotar os autocarros com correntes ou jogos de pneus com pitões" acrescentando ainda que se trata apenas de uma "questão de dinheiro". Carlos Alves lamenta ainda a falta de comunicação que existe entre a Protecção Civil e as câmaras. "Eles deviam reportar as decisões, como encerrar escolas. Como não o fazem, vamos nós até eles, para começarem a sentir a responsabilidade", concluiu.

Trânsito Despistes e choques marcaram dia nas estradas do Norte



Num cenário como o de ontem - com muita chuva e algum gelo na estrada - é fácil adivinhar antecipadamente a que se deve uma fila cerrada na A3, sentido Braga-Porto. Em pouco mais de meia hora, no troço de aproximadamente 30 km que liga Santo Tirso ao Porto vêm-se três despistes - e consequentes choques. Mais aparato do que estragos efectivos: um pesado

de passageiros e dois pesados de mercadorias foram os protagonistas do acidente mais significativo, às 10h30, do qual resultaram seis feridos ligeiros. Quando o PÚBLICO passou no local, já só se viam os sorrisos pálidos de alívio dos condutores depois do susto. Horas mais tarde, havia de se confirmar que a Norte as palavras do dia eram mesmo

essas: despistes e choques. Só na região coberta pela Brigada de Trânsito do Porto (que inclui, entre outras, as estradas nacionais 13 e 14, parte da A28 e parte da A29) contavam-se, ao final da tarde de ontem, 15 despistes, muitos deles seguidos de choques em cadeia. De novo, "nada mais do que chapa", informou a fonte, que acrescentou um palpite

com poucas possibilidades de errar: "Deve ser consequência das condições climáticas que hoje [ontem] se verificaram." E acrescentou: "Talvez juntamente com alguma velocidade excessiva." Por isso, a GNR lembra as regras básicas: com chuva, nevoeiro ou neve, modere a velocidade e aumente a distância de segurança. Mariana Pinto

Acidente Corte de cabo deixa dois mil sem luz

O avião que faz a carreira aérea entre Bragança e Lisboa embateu ontem numa linha de distribuição de electricidade, deixando duas mil pessoas sem luz em Bragança, mas sem consequências para a aeronave e ocupantes. Fonte do aeródromo municipal de Bragança disse à Lusa que o incidente ocorreu na aproximação à pista do último voo do dia, o que chega a Bragança pelas 17h20 oriundo de Lisboa, com escala em Vila Real, a cargo da empresa Aerovip. A aeronave está estacionada no aeródromo para levantar voo hoje rumo a Lisboa.

Turismo Neve afecta acessos à serra da Estrela

Segundo o Comando Distrital de Operações de Socorro (CDOS) da Guarda, as estradas nacionais 338 e 339, nos troços que acedem à Torre, estavam até ao final do dia de ontem cortadas devido à neve, como aconteceu noutros dias desta semana. Numa altura em que a serra da Estrela recebe milhares de visitas, a Autoridade Nacional de Protecção Civil (ANPC) já acionou o Plano Operacional Nacional para a Serra da Estrela, que se manterá activo até à Páscoa de 2011, para assegurar protecção e socorro aos visitantes.



Previsão Frio e neve acima dos 500 metros

De acordo com as previsões meteorológicas, o frio e a queda de neve continuarão a afectar o Norte e Centro de Portugal continental. Perante a perspectiva de nova descida de temperatura mínima e de acumulação de neve até cinco centímetros, em pontos acima dos 500 metros de altitude, a Protecção Civil aconselhou os automobilistas a circular com precaução e a utilizar correntes, sempre que possível. Nestas alturas, é pedida ainda precaução com o uso correcto de lareiras e aquecedores.

Local Porto

Mau tempo Neve deixou algumas aldeias isoladas no interior do Norte e Centro

Em Alvadia estão a acabar os mantimentos

Na aldeia entre as serras do Alvão e do Marão, os jovens não tiveram transporte para a escola. Ficaram em casa a ajudar a cuidar do gado - pontos negros abrindo carreiros na neve branca

Reportagem

Jorge Marmelo (texto)
e Paulo Pimenta (foto)

● Alfredo Faria tem 67 anos de serra. Ainda se lembra, por isso, de neves mais fortes do que aqueles que esta semana debçaram a pequena aldeia de Alvadia coberta de branco. "Mas há muitos anos que não havia neve assim", reconhece ao balcão do Café Santa Cruz. É como a povoação do concelho de Ribeira de Pena, entre as serras do Marão e do Alvão, é um daqueles stios "por onde Deus talvez não passou", vem a neve e "fica-se isolado" no fim da estrada gelada entre encostas branquíssimas. "Neve que Deus me livre."

"Era preciso que trouxessem mantimentos, que está tudo a ficar esgotado", diz Alfredo Faria. Os habitantes são menos de meia centena, mas há ainda dezenas de vacas e para cima de duas mil e quinhentas cabras que também é preciso alimentar. "Os gados não têm que comer. No Verão o fogo queimou tudo e agora não há ração", explica Alfredo Faria, mais loquaz do que o companheiro de balcão, Mário Costa, de 74 anos. Passou 45 em Lisboa e regressou há sete. Se não estava melhor em Lisboa? Estava. "Mas reformei-me e tive medo de me habituar em mau hábitos, andar lá pelas tasças assim", justifica-se.

Mário Costa tem agora o carro preso na garagem e não pode sair da aldeia. Já comunicou o caso ao presidente da junta de freguesia, para ver se lá ia uma máquina limpar a estrada. "Mas não faz em nada em termos", interrompe Alfredo Faria. "Se não fosse a meia dúzia de batatas que colhemos, morria-se aqui a fome", garante.

A toda a volta, a paisagem parece feita para figurar em cartões postais: está tudo branco, incluindo os contentores da reciclagem, o cemitério e o telhado da igrejinha de pedra, de onde pende uma fileira cerrada de estalactites de gelo. "É bonito, mas para as pessoas que ficam aqui isoladas é um bocado aborrecido", confirma Maria dos Anjos Costa, a anfitriã dos dois velhotes.

Alguns metros adiante está Domingos Martins, 81 anos, que todos os dias vem duas vezes de Lamas a pé, com neve e tudo, para estar um pedaço no café. Limita-

Ao sol, a paragem de autocarro de Alvadia é um abrigo do frio



Previsão da meteorologia

Região Autónoma da Madeira sob aviso vermelho

O arquipélago da Madeira está sob aviso vermelho a partir das 12h de hoje, devido às previsões de vento e chuva forte. Nas zonas montanhosas o vento poderá atingir os 140 quilómetros. No mar, as ondas podem chegar aos 6 metros, por isso, já foi cancelada a ligação marítima entre a Madeira e o Porto Santo. O aviso vermelho deve manter-se até as 5h59 de domingo. O mau tempo também chegou aos Açores, onde, no dia de ontem, ocorreram vários deslizamentos de terras, um deles obstruindo a estrada de acesso à Fajãzinha. O presidente do Serviço Regional de Protecção Civil, Pedro Carvalho, já veio dizer que "a situação está controlada". Na Guarda, uma das zonas mais afectadas pelo mau tempo, os

bombeiros transportaram várias pessoas e entregaram refeições a idosos de aldeias que ficaram isoladas. Sete escolas dos 14 concelhos do distrito não abriram portas. Com receio de que a situação se agrave durante a noite, a protecção civil já encomendou 75 toneladas de sal gema, "que serão entregues na próxima semana" para derreter a neve e o gelo nas ruas da cidade. No território continental há nove distritos em alerta amarelo. Viana do Castelo, Braga, Porto, Vila Real, Aveiro, Viseu, Guarda, Castelo Branco e Portalegre. Em comunicado, o INEM alerta a população para os cuidados a ter com o frio, em especial quando forem utilizadas lareiras e aquecedores. **Andreta Magalhães.**

se a passear e conversar, mas há quinze anos que a vida se lhe resume a isto. "Dos braços ainda estou rijo, mas fiz uma operação a uma hérnia e o médico disse para não fazer esforços." Ainda assim, quando está bom tempo, costuma ir "botar o gado nos prédios" - põ-lo a pastar. A neve, porém, impede-lhe a distração.

Para Luís Dias, 14 anos, a neve funciona exactamente ao contrário. O transporte escolar para Ribeira de Pena não veio por causa do gelo e da neve na estrada e ele ficou em casa a ajudar a família - o que inclui por um gorro de camuflado, calçar as galochas e ir ter com o tio ao monte, para ajuda-lo com as cabras. "As cabras têm de sair sempre", diz.

As vacas também saem, "ao menos para beber água", garante Filipe Carvalho do alto do seu tractor. "Mas não se consegue fazer mais nada na lavoira" e, acrescenta, ontem o padeiro também não "veo" a Lamas.

Diante do cruzamento nevado,

por trás da paragem do autocarro em chapa de zinco, há um lameiro, mas está totalmente coberto por uma camada de neve muito fofa. As vacas entram pelo portão, mordiscam uns arbustos e vão abrindo um carreiro irregular até ao outro lado, por onde regressam a casa. Estão por toda a parte, as vacas escuras, contrastando com o manto branco que cobre tudo. Atravessam-se no meio da estrada, enleiam os cornos sinuosos em luras breves e enterram-se na neve até à barriga.

"Uchi!", clama Manuela Silva, diante do cemitério de Alvadia. Tratar das vacas, com este tempo, é "difícilimo", diz. "Uchi, Boneca", enxota outra vez, "senão elas depois não comem nada nas cortes". "Uchi!" As vacas têm todas nomes, *Porra, Bonita, Mimososa, Boneca...* Manuela termina o trabalho e vai sentar-se ao sol, na paragem do autocarro. Está-se ali melhor? "Melhor, sim. Mas até está quente de mais."

As notícias de ambiente todos os dias no Ecosfera ecosfera.publico.pt

Estudantes do Porto fazem voluntariado no Carrical

Andreia Magalhães

“FAP no Bairro” é o nome do projecto-piloto que leva os estudantes da Universidade do Porto a fazer voluntariado no Bairro do Carrical

● A Federação Académica do Porto (FAP) abriu ontem o Centro Comunitário do Bairro do Carrical no Porto. Este projecto inovador, que põe os estudantes em contacto directo com a população, visa estimular o voluntariado estudantil, através de actividades culturais e acções de formação, envolvendo a população.

O espaço vai ser gerido por todos os estudantes universitários do Porto

que queiram fazer parte da iniciativa, e surge de um desafio lançado pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior à FAP, que atendeu ao pedido e conta já com 44 estudantes voluntários das mais diversas áreas, em apenas duas semanas e meia.

Inédito em Portugal

O secretário de Estado Manuel Heitor, que presidiu à cerimónia de abertura do projecto-piloto, elogiou a proactividade da FAP no que diz respeito à criação de um centro comunitário “inédito em Portugal, que foi concebido à semelhança do que existe já na Europa”. Para Manuel Heitor esta iniciativa é extremamente útil para os jovens: “Acreditamos que esta iniciativa é particularmente importante para valorizar a própria formação

A adesão

44

estudantes da Universidade do Porto inscreveram-se, em apenas duas semanas e meia, como voluntários para acções a desenvolver no centro comunitário aberto ontem no Bairro do Carrical. A Federação Académica do Porto tem no seu sítio na Internet um [mail para novas adesões de estudantes interessados](mailto:maia.novas.adeseoes.de.estudantes.interessados@gmail.com). A morada é voluntariadofap@gmail.com.

dos estudantes.” Ao mesmo tempo faz com que “os jovens se apercebam de todas as situações sociais que os rodeiam”.

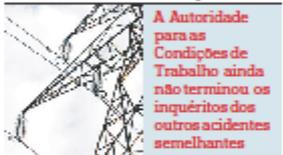
Conseguir angariar mais voluntários para o projecto, e até quem sabe alargar a iniciativa a outros bairros do país são os objectivos do presidente da FAP, Ricardo Morgado “Vamos tentar ter o centro aberto o máximo de tempo possível. Era bom conseguir levar este projecto a outros bairros, porque é importante que os estudantes possam contribuir para a sociedade civil com os conhecimentos que têm”. Ricardo Morgado manifestou ainda a vontade de mudar a má imagem que normalmente está associada aos estudantes. “Habitualmente os estudantes são associados às festas, esperemos que com esta iniciativa isso mude”, disse.

São várias as actividades previstas, no dia de ontem, os estudantes de enfermagem prepararam um rastreio à tensão arterial, glicose e medição do índice de massa corporal da população do bairro no centro, actividade que se vai prolongar durante toda a semana. Já na sexta-feira terá lugar uma sessão sobre socorrismo que visa ensinar quais os devidos procedimentos de socorro. Acerca das actividades futuras, Ricardo Morgado adiantou estarem já programadas aulas de karatê e ballet para crianças do bairro, bem como a realização de sessões de orientação vocacional, dirigidas a adolescentes. Este projecto conta com o apoio de várias instituições, como a Câmara Municipal do Porto, a Universidade do Porto, a Universidade Católica e ainda do Instituto Português da Juventude e da Abraço.

Dois mortos e dois feridos num mês em linhas de média tensão

● Dois mortos e dois feridos, um deles grave, são o resultado de quatro acidentes de trabalho em postes de média tensão que ocorreram no distrito de Bragança, este mês. O último aconteceu ontem em Argozelo (Vimioso) e vitimou Francisco Pires, natural da Figueira da Foz, mas que trabalhava para a Bragalux, de Braga. De acordo com o comandante dos Bombeiros Voluntários de Vimioso, Noel Afonso, o trabalhador sofreu uma descarga eléctrica e caiu de uma altura de cerca de oito metros.

“Quando chegámos ao local, já nada havia a fazer, não apresentava



sinais de vida”, relatou ao PÚBLICO. No local esteve ainda a GNR e a equipa helitransportada do INEM sediada em Macedo de Cavaleiros. Noel Afonso nota que o operário “estava no chão e tinha botas, luvas, capacete, o arnês, o cinto”, pelo que não encontra uma explicação para o acidente. “De acordo com o relato dos colegas, a linha deveria estar desactivada”, disse.

No sábado passado um outro trabalhador ficou ferido em Bemposta, Mogadouro, depois de uma descarga eléctrica e queda em altura, quando trabalhava também num poste de média tensão. Os outros acidentes foram em Torre de Moncorvo e Picoite (Miranda do Douro) e fizeram um morto e um ferido grave. **António Gonçalves Rodrigues**

Porta-jazz estreia-se com festival no bar Galeria de Paris

Andreia Magalhães

● Costuma dizer-se que a necessidade aguça o engenho. E o que pode um grupo de músicos de jazz fazer numa cidade onde não há um espaço dedicado ao jazz feito por músicos do Porto? A pergunta pode ter duas respostas. A criação, pelos artistas, da associação Porta-jazz é a primeira. A segunda é um festival no bar Galeria de Paris, e decorre já esta noite e amanhã.

O Porto acolhe este projecto, que surge, por um lado, do desejo de um grupo de amigos de dar a conhecer o jazz, os músicos e os seus trabalhos e, por outro, pela necessidade de chegar a um público cada vez maior e mais interessado. “Somos um grupo de amigos e conhecidos que gostam de jazz. Queremos dar a conhecer o que fazemos e temos a noção de que existem cada vez mais pessoas a gostar do que temos para oferecer”, explicou o membro da direcção do festival, João Brandão.

O Galeria de Paris, na rua homónima, não foi escolhido ao acaso. João Brandão explicou que procuraram um local “vistvel, de fácil acesso, on-

de todos possam desfrutar do evento”. O festival é dirigido a um público vasto, e os organizadores que espera a adesão tanto dos frequentadores habituais deste género de música como de toda a população que nutra interesse por este estilo.

Na programação colaboram mais de 50 músicos, distribuídos pelas actuações de 13 formações diferen-

tes entre as quais a Orquestra Jazz de Matosinhos, Quarteto de Mário Santos, Sofia Ribeiro e Diogo Vida Quarteto. Tudo para “desmistificar a ideia de que o jazz é uma música esquisita”. No dia 7 os concertos começam às 18h e no dia 8 às 15h. A entrada é gratuita. A direcção assume a expectativa. “Esperamos que seja uma oportunidade para o

grande público atestar a qualidade e originalidade do jazz, bem como demonstrar o quanto plural e abrangente este género é.”

À procura de uma sala

O 1.º Festival Porta-Jazz serve também de pretexto para divulgar a associação Porta-Jazz, criada em Julho, que se dedica à divulgação e promoção do jazz no Porto. O propósito principal da associação com este festival é “dar-se a conhecer e conseguir um espaço onde se possam organizar concertos regulares e que sirva de ponto de encontro para estes artistas, que aderiram em massa a esta iniciativa” explicou João Brandão.

Segundo o músico, esse espaço serviria para a organização de uma série “de outras actividades ligadas à formação e sensibilização da população para esta área artística, nomeadamente workshops, conferências, audições comentadas e debates” disse. O Porta-jazz já fez saber que não pretende concorrer com clubes ou salas de espectáculo já existentes, antes pelo contrário; pretende apenas criar um público sólido para este tipo de música.



Os concertos de hoje começam às 18h00. A entrada é gratuita

Idoso morreu em Arrifana, na Feira, pouco depois de lhe partirem a porta com um pedregulho

● António Andrade, de 69 anos, estaria a dormir quando ouviu um estrondo. Um pedaço de lancil foi atirado contra a sua porta de entrada. Ontem de madrugada, pouco depois das três da manhã, o sono foi bruscamente interrompido, ficou assustado, saiu para a rua, gritou por ajuda e caiu na rua inanimado. Acabou por morrer praticamente à porta de casa, possivelmente vítima de ataque

cardíaco. António tinha problemas de coração.

Tudo aconteceu na Rua Júlio Dinis, em Arrifana, Santa Maria da Feira, em frente ao centro infantil da freguesia. A porta 76 foi destruída, o pedregulho partiu os vidros. As autoridades policiais garantem que nada foi retirado do interior da habitação. Os vizinhos despertaram, chamaram a polícia e os bombeiros. António Andrade foi

levado para o Instituto de Medicina Legal do Hospital de S. Sebastião, na Feira. Tinha pisaduras no corpo e um arranhão na cara, mas tudo indica que essas mazelas estejam relacionadas com um ligeiro atropelamento de que tinha sido vítima dias antes. A autópsia deverá concluir as causas da morte.

A carteira estava intacta na mesa da sala, com cinco euros e os docu-

mentos. A Polícia Judiciária esteve no local para investigar o sucedido e os motivos estão ainda por apurar. Reformado, emigrante em França, há já alguns anos que António Andrade tinha regressado à terra natal sozinho. Neste momento, aguardava a chegada da mulher para passar o Natal. O regresso estava marcado para esta quinta-feira, mas foi apressado pela tragédia. **Sara Dias Oliveira**



Sair

O Graal de Kaija Saariaho

A Casa da Música completa hoje o "retrato" da finlandesa Kaija Saariaho, a compositora residente na instituição portuense durante o ano de 2010, com um recital na Sala Suggia, às 19h30. O Remix Ensemble vai executar duas obras da artista: *Lichtbogen* e *Graal théâtre*, esta um concerto para violino que constitui um dos trabalhos mais importantes de Saariaho, escrito para Gidon Kremer em 1995, e que hoje será apresentada em estreia nacional na versão de câmara. Kaija Saariaho, descrita pela Casa da Música como "uma senhora de uma escrita sensual, descritiva e lírica que se desenvolve ao longo de transformações sutis", nasceu em 1952 e tem-se afirmado como uma das vozes "dominantes da composição na Europa". O programa do concerto inclui ainda as peças *Uma só diva* e *Uma linha*, sobre textos de Álvaro de Campos, do holandês Jan Van de Putte, e *Chans on d'amour*, do canadense Claude Vivier. O Remix Ensemble terá direcção musical de Reinbert de Leeuw e, como solistas, Barbara Hannigan (soprano) e Angel Gimeno (violino). Os bilhetes custam 10 euros.



agenda@publico.pt
lazer@publico.pt

Cinema

Porto

Modelo Teatro Campo Alegre (Cine-Estúdio)
R. das Estrelas T. 226063000
Doc Homens e dos Dousas M12 - 18h30
Vertigo - A Mulher Que Viveu Duas Vozes M12 - 22h. Terças-Feiras Clássicas do Teatro do Campo Alegre.
ZON Lusomundo Dolce Vita
R. Campeões Europeus, 28-198 T. 707 CINEMA
O Americano M12. 13h40, 16h10, 18h40, 21h30, 24h; **A Tempo e Horas** M12. 13h30, 15h50, 18h10, 21h40, 00h10; **Mogamind** M6. 13h50, 16h20, 18h50 (V.Port./3D); 21h20, 23h50 (V.Orig./3D); **Jogo Limpo** M12. 13h20, 15h, 18h45, 21h50, 00h25; **Saw 3D** M18. 14h, 16h30, 22h10, 00h30; **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. 14h30, 17h45, 21h10, 00h25; **José e Pilar** M6. 19h; **Imparável** M12. 13h10, 15h40, 19h30, 22h, 00h20

Aveiro

ZON Lusomundo Forum
R. Homem Cristo T. 707 CINEMA
Jogo Limpo M12. 13h, 15h50, 18h40, 21h30, 00h20; **Imparável** M12. 14h05, 16h40, 19h15, 21h50, 00h30; **A Tempo e Horas** M12. 13h35, 16h10, 18h45, 21h20, 23h55; **Gru - O Maldispósito** M6. 14h10, 16h40 (V.Port./3D); **Saw 3D** M18. 19h10, 21h40, 00h10; **O Americano** M12. 13h45, 16h25, 19h05, 21h45, 00h25; **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. 14h, 17h25, 20h50, 00h15; **Mogamind** M6. 13h25, 16h, 18h35, 21h10, 23h45 (V.Port./3D)
ZON Lusomundo Glicínias
Aradas T. 707 CINEMA
Agentes de Recorra M12. 13h50, 16h30, 19h10, 21h50, 00h30; **RED - Porquicos** M12. 14h30, 17h20, 21h20, 00h10; **Imparável** M12. 13h45, 16h20, 18h55, 21h30, 00h05; **Comar Orar Amar** M12. 14h40, 17h55, 21h10, 00h25; **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. 14h35, 21h, 00h20; **A Tempo e Horas** M12. 14h15, 16h50, 19h25, 22h, 00h35; **Mogamind** M6. 13h40, 16h20, 19h, 21h40, 00h15 (V.Port./3D)

Barcelos

Cinemax
Campo 25 de Abril T. 253826571
Mogamind M6. Sala 1 - 15h30, 21h45, 23h50 (V.Port.); **O Demónio** M16. Sala 2 - 21h45; **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. Sala 2 - 15h30

Braga

Cinemax - BragaShopping
Av. Central 31 T. 253208010
Jogo Limpo M12. Sala 3 - 14h50, 17h, 19h10, 21h50, 24h; **O Casamento a Três** M12. Sala 4 - 19h15; **Gru - O Maldispósito** M6. Sala 4 - 15h (V.Port./3D); **Imparável** M12. Sala 4 - 17h05, 21h55, 23h55; **RED - Porquicos** M12. Sala 5 - 17h25, 19h35; **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. Sala 5 - 14h35, 21h45, 00h30; **A Tempo e Horas** M12. Sala 6 - 14h55, 17h05, 19h05, 21h55, 23h55; **Mogamind** M6. Sala 6 - 15h, 17h, 19h, 21h50, 23h50
ZON Lusomundo Braga Parque
R. dos Congregados T. 707 CINEMA
Jackass 3D 19h20, 22h, 00h40; **Gru - O Maldispósito** M6. 13h30, 16h30 (V.Port./3D); **Imparável** M12. 13h50, 16h20, 18h50, 21h50, 00h25; **Mogamind** M6. 13h40, 16h10, 18h40, 21h20, 24h (V.Port./3D); **Jogo Limpo** M12. 13h10, 15h50, 18h30, 21h30, 00h15; **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. 14h, 17h30, 21h, 00h30; **A Tempo e Horas** M12. 13h20, 16h, 18h35, 21h40, 00h20; **RED - Porquicos** M12. 14h50, 17h40, 20h30, 23h20; **Saw 3D** M18. 14h30, 17h, 19h40, 22h20; **O Americano** M12. 14h20, 17h10, 21h10, 00h10

Bragança

Castello Lopes - Fórum Theatrum
Av. Sá Carneiro, 5 T. 707220220
Mogamind M6. Sala 1 - 21h45; **A Rede**

Social M12. Sala 2 - 21h40; **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. Sala 3 - 21h30

Coimbra

ZON Lusomundo Dolce Vita
R. Gonçalo Humberto Delgado, 207 T. 707 CINEMA
Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1 M12. 14h10, 17h30, 21h10, 00h20; **A Tempo e Horas** M12. 14h30, 16h50, 19h10, 21h40, 00h10; **Mogamind** M6. 13h50, 16h20, 18h50 (V.Port./3D); 21h30, 00h05 (V.Orig./3D); **Gru - O Maldispósito** M6. 14h50 (V.Port./3D); **Saw 3D** M18. 17h10, 19h20; **O Americano** M12. 14h, 16h30, 19h, 21h50, 00h25; **RED - Porquicos** M12. 15h10, 22h; **Doc Homens e dos Dousas** M12. 14h40, 18h, 21h05, 00h15; **22 Balas** M12. 18h40, 00h35; **A Rede Social** M12. 13h40, 16h40, 22h20; **José e Pilar** M6. 19h30; **Jogo Limpo** M12. 14h20, 17h, 21h20, 24h; **Imparável** M12. 15h, 19h40, 22h10, 00h40
ZON Lusomundo Fórum
T. 707 CINEMA
O Demónio M16. 15h, 18h, 22h10, 00h15; **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. 14h20, 17h40, 21h20, 00h30; **Imparável** M12. 13h50, 16h10, 18h40, 22h, 00h20; **Jackass 3D** 16h20, 18h50, 21h50, 00h25; **A Tempo e Horas** M12. 14h10, 16h40, 19h10, 21h40, 00h10; **Mogamind** M6. 14h, 16h30, 19h, 21h30, 24h (V.Port./3D)

Espinho

Centro Multimodal (Sala Tempus)
Av. 24 de Maio T. 227331190
É a Vida! M12 - 22h

Figueira da Foz

ZON Lusomundo For Plaza
R. Condeiros T. 707 CINEMA
Gru - O Maldispósito M6. 15h, 17h50 (V.Port./3D); **Imparável** M12. 15h40, 18h30, 21h40; **A Tempo e Horas** M12. 15h10, 18h, 21h30; **Saw 3D** M18. 21h; **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. 15h20, 18h20, 21h20; **Mogamind** M6. 15h30, 18h10, 21h10 (V.Port./3D)

Guarda

Vivacine
Av. dos Bombeiros Voluntários Epitânias, 5 (C.C. Viváci) T. 2212240
A Cidade-Shoot Me M12. Sala 1 - 13h10, 16h, 18h50, 21h40, 00h25; **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. Sala 2 - 14h, 17h20, 20h50, 24h; **Imparável** M12. Sala 3 - 21h20, 23h40; **Mogamind** M6. Sala 3 - 13h20, 16h10, 18h30 (V.Port./3D); **Sempre Que To Vejo** M12. Sala 4 - 13h30, 16h20, 18h40, 21h10

Guimarães

Castello Lopes - Espaço Guimarães (Loja 154)
R. 25 de Abril, 1 (Silvaes) T. 707220220
Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1 M12. Sala 1 - 12h40, 15h30, 18h30, 21h30, 00h20; **Jackass 3D** Sala 2 - 13h, 15h10, 17h20, 19h30, 21h50, 24h; **Imparável** M12. Sala 3 - 13h10, 15h50, 18h20, 21h10, 23h40; **O Mito do Estádio Bem** M16. Sala 4 - 13h20, 16h, 18h40, 21h20, 23h50; **Mogamind** M6. Sala 5 - 12h50, 15h, 17h10, 19h20 (V.Port./3D); 21h40, 00h10
Castello Lopes - Guimarães Shopping
Lugar das Lameiras T. 707220220
Gru - O Maldispósito M6. Sala 1 - 15h40 (V.Port./3D); **RED - Porquicos** M12. Sala 1 - 18h20, 21h10, 23h50; **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. Sala 2 - 15h30, 18h30, 21h20, 00h20; **Saw 3D** M18. Sala 3 - 15h20, 17h20, 19h20, 21h30, 24h; **A Tempo e Horas** M12. Sala 4 - 15h, 17h10, 19h30, 21h50, 00h10; **O Americano** M12. Sala 5 - 15h50, 18h10, 21h, 23h40; **Jogo Limpo** M12. Sala 6 - 16h, 18h40, 21h40, 00h30

Maia

Vivacine
Estrada Real, 95 (C. Viráci/Moreira) T. 22947538
Mogamind M6. Sala 1 - 13h40, 16h10, 18h30, 21h10, 23h30 (V.Port./3D); **Imparável** M12. Sala 2 - 13h30, 15h50, 18h40, 21h20, 23h40; **A Tempo e Horas** M12. Sala 3 - 13h50, 16h20, 18h50, 21h30, 23h50; **Harry**

As estrelas do Público

	Jorge Mourinha	Luis M. Oliveira	Mário J. Torres	Vasco Câmara
O Americano	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Imparável	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Cela 211	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★
José e Pilar	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Machete	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★
A Rede Social	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Os Múdos Estão Bem	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Dos Homens e dos...	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★

● Mau ●● Ruim ●●● Regular ●●●● Bom ●●●●● Muito Bom ●●●●● Excelente

Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1 M12. Sala 4 - 14h, 17h20, 21h, 00h05
ZON Lusomundo MalaShopping
Lugar de Arduos T. 707 CINEMA
Gru - O Maldispósito M6. 13h15, 15h45, 18h15 (V.Port./3D); **RED - Porquicos** M12. 21h40, 00h30; **Mogamind** M6. 13h30, 16h, 18h30, 21h20, 23h50 (V.Port./3D); **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. 14h, 17h30, 21h, 00h20; **Imparável** M12. 13h05, 15h40, 18h20, 21h10, 24h; **A Tempo e Horas** M12. 13h10, 15h35, 18h05, 21h30, 00h15

Marco de Canaveses

Cinemax - Cinema da Praça
R. Dr. Francisco Sá Carneiro (Ed. P. C) T. 255521888
Mogamind M6. Sala 1 - 15h30, 21h45, 23h50 (V.Port.); **Actividade Paranormal 2** M16. Sala 2 - 21h45, 23h55; **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. Sala 2 - 15h30

Matosinhos

ZON Lusomundo Marchopping
Av. Óscar Lopes (Bica) T. 707 CINEMA
Jogo Limpo M12. 13h10, 15h50, 18h40, 21h10, 00h10; **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. 14h, 17h30, 21h20, 00h30; **Imparável** M12. 13h20, 15h40, 18h20, 21h40, 23h50; **A Tempo e Horas** M12. 12h50, 15h, 17h20, 19h40, 22h, 00h20; **Mogamind** M6. 13h, 15h30, 18h30, 21h30, 24h (V.Port./3D); **Gru - O Maldispósito** M6. 13h30 (V.Port./3D); **Saw 3D** M18. 16h, 18h50, 21h, 23h40; **22 Balas** M12. 14h50, 19h50, 00h40; **Machete** M16. 12h40, 17h40, 22h30
ZON Lusomundo NorteShopping
R. de Sara Afonso T. 707 CINEMA
Jackass 3D 18h, 20h40, 23h10; **Gru - O Maldispósito** M6. 13h, 15h40 (V.Port./3D); **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. 13h20, 17h, 21h, 00h15; **Jogo Limpo** M12. 13h50, 16h30, 19h10, 21h40, 00h35; **Mogamind** M6. 12h30, 14h50, 17h15, 19h40 (V.Port./3D); 22h10, 00h45 (V.Orig./3D); **Saw 3D** M18. 13h30, 15h55, 18h15, 21h40; **O Americano** M12. 13h10, 16h, 18h50, 21h45, 00h20; **Imparável** M12. 12h50, 15h30, 18h30, 21h30, 24h; **A Tempo e Horas** M12. 12h40, 15h10, 17h30, 19h50, 22h20, 00h40

Ovar

Cinema Paraíso/Dolce Vita
Av. D. Manuel I (Zona Industrial) T. 256574038
A Vinte e Oito Esquilos 2 (V. Port.) M4 - 11h10
A Cidade M12 - 18h45, 21h

Paços de Ferreira

ZON Lusomundo Ferrara Plaza
T. 707 CINEMA
É a Vida! M12. 15h50, 18h30, 21h50, 00h25; **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. 15h, 18h10, 21h20, 00h30; **Mogamind** M6. 15h20, 18h, 21h30, 23h50 (V.Port./3D); **Imparável** M12. 15h40, 18h20, 21h40, 00h15; **A Tempo e Horas** M12. 15h30, 17h40, 19h50, 22h, 00h10

Penafiel

Cinemax
Ed. Parque do Saneiro T. 25244900
Gru - O Maldispósito M6. Sala 1 - 18h20; **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. Sala 1 - 15h30, 21h40,

23h25; **Mogamind** M6. Sala 2 - 15h30, 21h45, 23h50 (V.Port.); **Oh Não! Outro filme de Adolescentes** M16. Sala 3 - 17h50; **A Rede Social** M12. Sala 3 - 15h30, 21h45, 00h05

Rio Tinto

ZON Lusomundo Parque Nascentes
Praceta A Parques Nascentes, nº 35 T. 707 CINEMA
Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1 M12. 14h20, 17h30, 21h20, 00h30; **Imparável** M12. 13h30, 16h, 18h30, 21h10, 23h50; **Mogamind** M6. 13h, 15h20, 18h, 21h, 23h40 (V.Port./3D); **Jackass 3D** 14h30, 16h50, 19h20, 22h20, 00h40; **Jogo Limpo** M12. 13h20, 16h10, 18h50, 21h40, 00h20; **Gru - O Maldispósito** M6. 12h50, 15h10, 17h50 (V.Port./3D); **Actividade Paranormal 2** M16. 21h, 23h, **Saw 3D** M18. 12h40, 16h20, 19h, 22h10, 00h45; **A Tempo e Horas** M12. 13h10, 15h40, 18h10, 21h30, 24h; **É a Vida** M12. 12h30, 14h40, 17h, 19h40, 23h30; **A Rede Social** M12. 14h10, 17h10, 21h50, 00h35; **O Americano** M12. 14h, 16h30, 19h10, 22h, 00h25; **RED - Porquicos** M12. 15h30, 21h35; **Machete** M16. 12h40, 18h20, 00h15

Santa Maria da Feira

Biblioteca Municipal (Auditório)
Av. Belchior Cardoso T. 29837028
14º Festival do Cinema Lusobrasileiro Até 12/12. www.cinoculobrasileiro.net
Longas Metragens/SC 3: Chantal Akerman, De Cá - 20h30
Miguel Gonçalves Mendes - Realizador um Foco José e Pilar - 22h
DOC'S Tiktontary+Punk Is Not Daddy - 00h15

São João da Madeira

Castello Lopes - 8ª Avenida
T. 707220220
Mogamind M6. Sala 1 - 15h10, 17h20, 19h30, 21h40, 23h50; **A Tempo e Horas** M12. Sala 2 - 15h40, 18h40, 21h30, 23h40; **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. Sala 3 - 15h30, 18h30, 21h20, 00h10; **Imparável** M12. Sala 4 - 15h20, 18h10, 21h10, 23h30; **O Americano** M12. Sala 5 - 15h50, 18h50, 21h50, 24h

Viana do Castelo

Castello Lopes - Estação Viana
Av. Conde Carreira T. 707220220
Imparável M12. Sala 1 - 15h, 17h10, 19h15, 21h20; **Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1** M12. Sala 2 - 15h30, 18h30, 21h30, 00h20; **A Tempo e Horas** M12. Sala 3 - 15h50, 18h40, 21h50; **Mogamind** M6. Sala 4 - 15h10, 17h15, 19h20, 21h40, 24h (V.Port./3D)

Vila Nova de Famalicão

Casa das Artes (Pequeno Auditório)
Parque do Sincilar T. 25221297
Duas Mulheres M12 - 21h30. **Sessão Traz Outro Amigo Também.**

Vila Nova de Gaia

Arrábida 20
Arrábida Shopping T. 70722222
Harry Potter e os Talismãs da Morte: Parte 1 M12. Sala 1 - 15h15, 18h25, 21h35, 00h40; **Saw 3D** M18. Sala 2 - 16h40, 19h25, 21h30, 00h05; **Cela 211** M16. Sala

Cultura Movimento inédito de músicos organizou maratona de concertos

Falta uma casa mas não faltou plateia ao primeiro festival organizado pela Porta-Jazz

Casa cheia no Bar Galeria de Paris para ver e ouvir mais de 50 músicos portuenses em dois dias de festival dedicados a um estilo de música que ainda procura o seu lugar na cidade

Reportagem

Andréia Magalhães

● Não faltaram os amigos, os alunos, os simplesmente curiosos, e os muito interessados. E assim somados, o bar Galeria de Paris, no Porto, pareceu pequeno demais para dois dias inteiramente dedicados ao jazz, deixando os organizadores, músicos da recém-formada associação Porta-Jazz, com a nítida sensação de que o objectivo que perseguem, a criação de um espaço dedicado a este género, no Porto, tem público. Só lhe falta mesmo um lugar.

Para já, foi no coração da nova movida portuense que se quiseram mostrar. E nem o mau tempo que se fez sentir assustou os apreciadores - chegados de propósito para uma maratona que começou na noite de terça-feira - ou os curiosos que espreitavam pela janela e que aos poucos e poucos, apesar da timidez, iam entrando. O cartaz, extenso, prometia muito: mais de 50 músicos, distribuídos por 13 formações diferentes, que só ontem à noite terminaram a festa.

Entre os membros da associação Porta-Jazz, a adesão a esta primeira iniciativa causou até surpresa. "É superpositivo. A ideia de um evento deste tipo já existia há algum tempo e a adesão tanto das pessoas como dos músicos foi muito grande. Não esperávamos tanto, a casa está cheia", explicava na rua Susana Santos Silva, olhando pela montra para um bar onde mal cabia mais gente. E a noite ainda estava a começar.

Chamam-se Porta-Jazz pensando num porta-chaves, "uma coisa que leva o jazz às pessoas e que ao mesmo tempo é uma porta que se abre onde entram e saem projectos", descreve João Brandão, que, com Susana e Luís Eurico Costa, dirige este grupo de amigos músicos e amantes do jazz, que continua à procura de uma sede. "Ainda estamos em pesquisa, com várias conversas, inclusive com a Câmara do Porto, para ver se nos cedem um espaço, de preferência no Porto, para concertos e outras iniciativas, mas não será fácil", lamentou Susana.

A medir pela adesão aos concertos destes dois dias, este desejo de trazer mais jazz à cidade não se fica pelos músicos. Muitos foram aqueles que se disseram tristes pela falta de actividades



Galeria de Paris foi pequeno para tanta vontade de ouvir jazz

O lamento

"Vamos fazer aquilo que competia a outros"

"Vamos tentar que a cidade seja culturalmente mais diversa e activa". Foi desta forma que o STETO Paulo Perfeito, que abriu o primeiro dia do festival, definiu a importância do evento. O trombonista defende que o Porto precisa deste tipo de projectos e lamenta o fim de eventos "que por razões que não vale a pena discutir foram morrendo e foram sendo atrofiados de forma deliberada". O músico considera mesmo que a cidade está neste momento "culturalmente morta". Paulo Perfeito acredita que qualquer

pessoa pode gostar de jazz, e mostrou-se muito satisfeito com o convite para integrar o projecto, que considera "não ser feito com o interesse de cativar mais negócio", mas sim uma boa oportunidade para "trazer de volta a casa" os músicos. "Vamos encontrar todos outra vez. Há músicos que vivem na mesma cidade e que não se vêem há muito tempo", lamentou. A respeito da associação Porta-Jazz, Perfeito acredita que essa "vai trazer toda a gente de volta, para defender 'o jazz'". E espera que com ela surjam mais projectos. Mas queixou-se da falta de apoios. "De certa forma vamos pegar e fazer aquilo que competia a outros".

ligadas à música e ao jazz em particular. Foi o caso de Manuela Saavedra, que aproveitou para jantar ao som da música. "Soube que ia haver aqui qualquer coisa ligada ao jazz, há duas horas. Até agora estou a gostar. É simpático jantar aqui e ouvir jazz; se houvesse mais vezes voltava. Julgo que fazem falta à cidade estes eventos."

Claque de amigos

Já José Carvalho, um melomano, que não quis faltar ao evento, diz-se especialmente agradado com o objectivo do grupo, de "divulgar e promover artistas do Porto". E com esta "sede de jazz", o gerente do Galeria de Paris, José Albuquerque, já fez saber que aceitará mais propostas e mais concertos. "É essa a filosofia da casa, é pena é que a câmara não ajude", queixou-se.

No meio da plateia, muitos alunos da Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo (Esmae). "Tenho cá professores meus, vim vê-los, e até agora acho

que está a correr bem", afirmava Diogo Dinis, ele também a notar a falta de actividades que possam "espalhar o jazz. Acho que a maior parte das pessoas que rejeitam o jazz é porque não o conhecem". Antes de passar pelo palco, Pedro Guedes, da Orquestra Jazz de Matosinhos (OJM) e professor da Esmae, elogiava a organização. "Estas são pessoas empreendedoras que estão de parabéns por terem conseguido fazer algo como isto, sobretudo nos tempos que correm, e à moda do Porto!", destacou.

"Infelizmente não há clubes de jazz na região, e é cada vez mais difícil arranjar concertos para toda a gente", lamentou Pedro Guedes, que não quis por isso perder a oportunidade de manifestar o apoio da OJM à Porta-Jazz. "Muitos dos membros da associação fazem parte da orquestra, que está claramente com eles, para o que der e vier. Isto é uma coisa importantíssima", assegurou.

Passageiro cinco milhões aterra hoje no Sá Carneiro

Chega ao Aeroporto Sá Carneiro num voo da Sata proveniente dos Açores, pelas 12h15. E vai ter direito a uma viagem gratuita de regresso às ilhas, a partir do Porto, na mesma

companhia. É o passageiro número cinco milhões, símbolo de uma cifra que o Sá Carneiro adige pela primeira vez na sua história, e que a ANA vai hoje celebrar.



Flagrante Delícia, as sobremesas de Leonor de Sousa Bastos <http://blogs.publico.pt/flagrantedelicia>

Rio garante que Câmara do Porto não voltará a sustentar um Rivoli sem espectadores

Anibal Rodrigues

Autarca está a negociar com Governo o sucessor de Arlindo Cunha na Porto Vivo SRU e não confirma nome de Rui Moreira

● O presidente da Câmara do Porto, Rui Rio, garantiu ontem que o Rivoli não vai regressar a um modelo de gestão em que a autarquia assumia a maior parte dos custos, apesar de, recentemente, o assessor jurídico de Filipe La Féria ter anunciado a saída deste produtor daquele teatro municipal. "É evidente que não vamos regressar à situação em que a câmara paga tudo e o Rivoli não tem espectadores", afirmou Rui Rio aos

jornalistas, à margem da abertura de uma loja de *merchandising* na Casa do Infante (ver texto em baixo).

Para o autarca não restam dúvidas. É preciso encontrar uma alternativa a La Féria, mas dentro dos moldes actuais, em que, segundo dados antes avançados pela autarquia, se poupam, anualmente, cerca de 2,25 milhões de euros. "Tem que ser sempre alguém que participe fortemente nos custos e que tenha programação de qualidade que chame as pessoas", reforçou Rui Rio. O presidente da câmara sublinhou ainda que, com a realização do Fantasporto, a programação do Rivoli já está garantida até ao final de Março próximo e que, entretanto, irão agendar espectáculos para Abril, Maio e Junho.

A Loja do Infante vai ser gerida pela

Associação Comercial do Porto, presidida por Rui Moreira, que também marcou presença na inauguração deste novo espaço comercial orientado para turistas. Instado a comentar se a Câmara do Porto recomendou o nome de Rui Moreira para suceder a Arlindo Cunha à frente da Porto Vivo, Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU), como noticiou a Lusa na passada semana, Rui Rio afirmou: "Se estou a negociar com o Governo, não vou publicamente dizer nada."

A Porto Vivo SRU é detida em 60 por cento pelo Estado e em 40 por cento pela Câmara do Porto, pelo que será o poder central a ter a última palavra sobre o futuro presidente do conselho de administração da sociedade. Igualmente questionado sobre este tema, Rui Moreira voltou a recusar

prestar qualquer declaração.

Segundo noticiou a Lusa recentemente, a Câmara do Porto propôs o nome de Rui Moreira para substituir Arlindo Cunha à frente da Porto Vivo. Interrogado sobre a sua própria substituição, Arlindo Cunha confirmou a sua saída da Porto Vivo. "Quando fomos reeleitos para o segundo mandato, eu tinha dito ao dr. Rui Rio que deixava em aberto a possibilidade de, a qualquer momento, ter que o interromper, porque tinha perspectivas de novos projectos", explicou. Arlindo Cunha lembrou que foi eleito presidente da Comissão Vitivinícola do Douro e que, antes de tomar posse, no início de Novembro, escreveu uma carta aos accionistas a renunciar ao mandato, "na sequência do entendimento que tinha com a câmara".

Tribunal manda município embargar prédio da J. Camilo

Patricia Carvalho

● A Câmara do Porto vai embargar a construção do prédio de 21 metros da empresa J. Camilo, na Fox, no gaveto da Rua de Bartolomeu Velho com a Rua do Padre Luis Cabral. O município comprometeu-se a embargar a construção - cuja volumetria é contestada por moradores da zona - depois de uma ordem do Tribunal Fiscal e Administrativo do Porto (TAFP). O TAFP vai enviar o processo para o Ministério Público.

Um grupo de 18 moradores avançou com uma providência cautelar para travar a obra em Julho do ano passado. O TAFP e o Tribunal Central Administrativo do Norte (TCAN) validaram a providência cautelar, mas a câmara recusou avançar com o embargo, limitando-se a notificar a construtora da decisão judicial e solicitando ao TCAN uma clarificação da sentença, no sentido de saber se era obrigada a embargar.

O TCAN recusou aclarar a sentença e o executivo de Rui Rio levou o as-



O TAFP deu razão aos vizinhos do prédio que denunciaram incumprimento de sentença pela câmara

sunto a reunião de câmara. Em Abril, por voto secreto, os dois vereadores foram favoráveis ao embargo.

Inconformados, os moradores pediram ao TAFP que se pronunciasse sobre "o incidente de incumprimento" da autarquia. Na sentença do passado dia 9, a que o PÚBLICO teve acesso, o TAFP dá razão aos moradores e diz mesmo que vai enviar o processo para o Ministério Público. A sentença diz ainda que se declaram "inefcazes todos os actos de execução material da obra (...) após a admissão da presente providência cautelar" e determina "o cumprimento do dever de proibição [do avanço da obra]", com recurso ao embargo. O tribunal refuta como não sendo "críveis" as alegações do município - que dissera desconhecer se a obra continuara após a admissão da providência cautelar - e avisa que o dever de fazer valer a providência cautelar "não se esgota com a simples notificação".

Contactado pelo PÚBLICO, o Departamento Jurídico e Contencioso da autarquia diz que a câmara só não embargou então a obra "porque o tribunal não mandou". E conclui: "Não mandou na altura mas mandou agora; por isso, a CMP não embargou na altura, mas irá embargar agora."

PS e PSD em guerra por causa de repartição de Finanças de Gaia

● O deputado do PSD Luís Menezes criticou ontem os deputados socialistas pelo que considera ser uma "mentira vergonhosa" e pelo "desleixo" no caso do encerramento da Repartição de Finanças dos Carvalhos, decidida pela Direcção-Geral dos Impostos. "O PS acusa a Câmara de Gaia e o PSD de não ter feito nada pela 3.ª Repartição de Finanças de Gaia. Em declarações à Lusa, o social-democrata recordou ainda que, "há 15 dias, os deputados do PSD eleitos pelo Porto prepararam um requerimento" sobre a questão. Luís Menezes acusou o PS de ter "copiado" este requerimento fazendo dele "novidade" e crítico, particularmente, o deputado socialista João Paulo Correia. "Isto não é forma de fazer política e mostra o total desleixo dos deputados do PS, em particular do deputado João Paulo Correia", disse.

Este parlamentar do PS, João Paulo Correia, reuniu-se ontem com os funcionários da 3.ª Repartição. Em declarações ao PÚBLICO, justificou a necessidade de manter a dependência das Finanças aberta. "Esta repartição está no centro do concelho e serve cerca de 100 mil pessoas. O serviço tem de prevalecer", afirmou o deputado, que, no passado dia 10, dirigiu um requerimento ao ministro de Estado e das Finanças. A 3.ª Repartição de Finanças de Gaia deverá mudar-se para a futura Loja do Cidadão do Arrábida Shopping. A.D.M.

É preciso mais *merchandising* do Porto

Anibal Rodrigues

● O sector do turismo é o que mais tem crescido, nos últimos anos, no Porto, muito por culpa do aumento da actividade do Aeroporto Francisco Sá Carneiro. O presidente da

Câmara do Porto, Rui Rio, tem consciência deste facto, analtece-o, mas deseja que estes visitantes voltem à cidade. "Ou somos um bocadinho criativos e tentamos fidelizar os turistas ou então deixamos passar uma oportunidade que nos está a passar à

frente", defendeu ontem o autarca, durante a inauguração de um espaço comercial na Casa do Infante, que será gerido pela Associação Comercial do Porto (ACP).

Na opinião de Rui Rio, ainda existe pouco *merchandising* sobre o Porto. O que permitiria aos turistas que levassem peças para casa lembrarem-se mais facilmente da cidade, podendo acontecer o mesmo com familiares e amigos. Rui Rio afirmou inclusivamente que, se em Paris existem miniaturas da Torre Eiffel por 50 céntimos, deviam existir no Porto produtos análogos, representando, por exemplo, a Torre dos Clérigos. "Espero que, através desta loja, nós demos passos para nos afirmar mais como destino turístico, se não no mundo, pelo menos na Europa", manifestou.

Por seu turno, Rui Moreira, presidente da ACP, espera poder dar um contributo para que a Casa do Infante veja aumentado o seu potencial turístico.



A loja da Casa do Infante vai vender souvenirs do Porto

Câmara de Matosinhos reduz estrutura

Anibal Rodrigues

● O executivo da Câmara de Matosinhos aprovou ontem uma redução da sua macroestrutura. No caso dos Estudos e Planeamento Estratégico, onde existia um director municipal e outro de departamento, passa a haver dois directores de departamento. Também o Acolhimento ao Município e Comunicação perde o director mu-

nicipal, mantendo os anteriores director de departamento e de divisão. Uma redução semelhante à aprovada para a Cultura e Educação, que perde o director municipal e mantém dois directores de departamento. Já no Jurídico, mantém-se o director municipal mas desaparece um dos dois cargos de director. Por último, nos Investimentos e Infra-Estruturas, de dois directores de departamento

passa-se também a apenas um. As alterações serão votadas amanhã pela Assembleia Municipal de Matosinhos, que vai também indicar o máximo de divisões municipais (o executivo pretende passar de 31 para 28). Segundo o vice-presidente da Câmara de Matosinhos, Nuno Oliveira, a autarquia pretende assim cumprir a nova lei, agilizar os serviços e garantir uma contenção de custos.

Flagrante Delícia, as sobremesas de Leonor de Sousa Bastos <http://blogs.publico.pt/flagrantedelicia>

PS-Coimbra diz que falta “legitimidade” a Barbosa de Melo para presidir à câmara

Maria João Lopes

PS alega que se vota nos “líderes das equipas”, nas autárquicas, e pede eleições antecipadas. BE diz que Encarnação tentou preparar a sucessão

● O presidente da concelhia de Coimbra do PS, Carlos Cidade, considera que a renúncia de Carlos Encarnação à presidência da câmara “defraudou” as expectativas dos cidadãos que o escolheram, e que a passagem do ex-vice-presidente, Barbosa de Melo, para a liderança do executivo está, apesar de legal, “ferida de legitimidade política”. Ontem, em conferência de imprensa, PS-Coimbra deixou claro que considera que a questão dos atrasos na Metro Mondego não passa de uma “desculpa” de Encarnação, que estava a exercer o cargo de forma “enfadonha”.

Cidade recordou que, quando Encarnação tomou posse, “assumir” que a “única solução” perante as dificuldades de alguns projectos era “continuar a lutar e não desistir”: “Treze meses depois, o dr. Carlos Encarnação esqueceu isso rapidamente... Foi um amor que se desvaneceu...”, disse, ressaltando, porém, não saber se foi “o dr. Encarnação que se libertou de Coimbra ou se foi Coimbra que se libertou do dr. Encarnação”.

Cidade considera que, em eleições autárquicas, os cidadãos voltam nos “líderes das equipas” e que, por isso, “falta legitimidade política” à passagem de João Paulo Barbosa de Melo, o ex-vice, a presidente da autarquia. O dirigente socialista diz que a concelhia vê “com muita preocupação o exercício deste último mandato”, porque há “fragilidade” na câmara. Considera “lamentável” que Encarnação não tenha tido a “honestidade” de ir, anteaquem, à primeira reunião do executivo presidida por Barbosa de Melo.

Também o Bloco de Esquerda critica a decisão de Encarnação e entende estar em causa “um golpe de teatro palaciano, apenas determinado por mera jogada de taticismo político partidário da



João Paulo Barbosa de Melo

coligação de direita, que mais não visa se não estender a passadeira vermelha” a Barbosa de Melo, “para catapultar” a candidatura deste à presidência da câmara nas autárquicas de 2013.

O BE entende que está perante “uma quebra do compromisso político que [Encarnação] assumiu quando foi eleito presidente da CMC, ludibriando, assim, as regras do jogo democrático eleitoral”. Para os bloquistas, “os mandatos políticos sufragados não devem ser tomados de ânimo leve”, e se Encarnação “não tencionava cumprir” o mandato “não se devia ter candidatado”. Na nota, criticam a “lógica calculista de exercício do poder autárquico, que encara a política numa lógica de sucessão dinástica”.

Orçamento municipal aprovado

Transportes públicos mantêm preços

● A Câmara de Coimbra vai manter, no próximo ano, os preços dos serviços municipalizados de transportes urbanos, de acordo com o Orçamento para 2011, aprovado na segunda-feira à noite. O preço da água vai, no entanto, sofrer um aumento em valores correspondentes, em média, à inflação prevista para o próximo ano, segundo o mesmo documento, que mereceu os

votos favoráveis da maioria PSD/CDS/PPM, com seis eleitos, e a abstenção da oposição (PS e CDU), com cinco.

O Orçamento, que ronda os 139 milhões de euros, inferior em cerca de dez milhões de euros relativamente ao Orçamento de 2010, “faz cortes de uma forma generalizada em todas as áreas, com algumas excepções”, disse o novo presidente da câmara, João

Paulo Barbosa de Melo.

Nesta sua primeira reunião a liderar o executivo, o autarca viu um elemento da coligação, o centrista Luís Providência, ajudar a oposição a chumbar a proposta de mapa de pessoal para 2011, por este não contemplar aspectos “anteriormente discutidos” por si com o director da Administração-Geral e Recursos Humanos da câmara.

Duas farmácias assaltadas ontem em Águeda

Andreia Magalhães

● Duas farmácias foram assaltadas na última madrugada em Águeda. O caso está a ser investigado pelas autoridades, que admitem que os dois assaltos tenham sido levados a cabo pelo mesmo grupo.

No primeiro caso, foram os vizinhos que ligaram para o posto da GNR, por volta das 4h45, para denunciar o assalto à Farmácia São Roque, em Águeda de Baixo. “A patrulha deslocou-se ao local e constatou que os assaltantes tinham arrombado a porta de vidro da entrada com uma tampa de saneamento e levaram todo o dinheiro que havia na caixa registadora”, explicou uma fonte da GNR, à Lusa.

Na mesma madrugada, a patrulha da GNR detectou outro assalto, idêntico, na Farmácia Simões Roque, em Barrô. “Também neste caso os ladrões partiram a porta de vidro para aceder ao interior e levaram o dinheiro da caixa registadora”, disse a GNR. Ainda está por apurar o valor do prejuízo das duas farmácias.

Homem que tentou matar funcionária é “inimputável”

● O tribunal das Caldas da Rainha considerou inimputável o homem acusado de tentativa homicídio de uma funcionária da Segurança Social e determinou o seu internamento compulsivo por um período mínimo de três anos. O tribunal considerou provados os crimes de que o suspeito vinha acusado (ofensas à integridade física qualificada e homicídio qualificado na forma tentada), mas acabou por retirar a qualificação dos crimes e absolver o arguido, determinando o seu internamento compulsivo, em regime fechado, na clínica psiquiátrica do Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo.

Os factos remontam a 26 de Fevereiro, quando o arguido entrou na Segurança Social das Caldas da Rainha e agrediu a funcionária com dois murros, e a 1 de Março, data em que David Ramos entrou nos serviços munido de uma faca de cozinha e causou ferimentos na vítima, que teve que ser submetida a uma intervenção cirúrgica no Hospital das Caldas da Rainha. O juiz determinou que a medida de segurança seja descontado o tempo de prisão preventiva cumprida pelo arguido. O advogado da vítima admite recorrer da decisão do tribunal, apesar de “já esperar esta decisão”.

Alegado violador ouvido no TIC de Coimbra

● Foi ontem ouvido no Tribunal de Instrução Criminal de Coimbra, como presumível autor de dois crimes de violação, um homem de 35 anos que foi detido pela Polícia Judiciária na segunda-feira. Fonte da Polícia Judiciária disse à Lusa que, nos dois casos, os crimes “ocorreram nos arredores de Coimbra”.

Os crimes de violação terão sido cometidos nos meses de Novembro e Dezembro. O homem, solteiro e sem profissão, terá molestado sexualmente duas mulheres, de 17 e 27 anos. “Depois de seduzir as vítimas (...), transportou-as num veículo automóvel para uma zona isolada, onde, sob a ameaça de uma faca, as forçou a ter com ele relações sexuais”, explicou em comunicado a Polícia Judiciária.

O detido tem antecedentes criminais, tendo sido condenado pela prática de crimes sexuais, segundo a PJ. Esteve ontem à tarde a ser interrogado no Tribunal de Instrução Criminal de Coimbra. A.D.M.

GNR mobilizou trinta militares para combate à pesca de meixão no Mondego

Andreia Magalhães

● A GNR mobilizou ontem mais de 30 militares, embarcações e viaturas, para uma operação especial de fiscalização e remoção de redes ilegais na apanha do meixão, no rio Mondego. A Operação Alma começou às 7h e foi realizada pelo Destacamento da Unidade de Controlo Costeiro da Guarda Nacional Republicana da Figueira da Foz. Às 9h30, os militares da GNR já tinham levantado “seis redes ilegais”, com dezenas de quilos de pescado preso, como o linguado “acabado de nascer e a medir um centímetro e meio”.

Camarão, meixão e outras espécies foram devolvidas ao Mondego, explicou o comandante do destacamento, Jorge Caseiro. Depois de levantadas, as redes são enviadas para destruição por “incineração ou seguim para um aterro sanitário”, disse o responsável pela operação. A GNR pretendia fazer o levantamento de todas as redes dedicadas à pesca ilegal do meixão, de forma a preservar as espécies e man-

ter a biodiversidade no Mondego.

Jorge Caseiro condenou, ainda, a prática desta actividade “altamente predadora e destruidora” e que movimentava muito dinheiro ilegal: cada quilo de meixão levado clandestinamente para Espanha custa entre 380

e 500 euros. Para o comandante, este tipo de operação é importante ainda porque “ajuda a manter a navegabilidade no rio Mondego”. A manobra decorreu durante todo o dia nas áreas da foz do Mondego até Pereira do Campo.



Cada quilo é vendido clandestinamente a partir de 380 euros

Incêndio destruiu armazém em Valongo

Um armazém de tintas utilizado para lacagem de móveis ardeu por completo quarta-feira à noite e ameaçou as casas vizinhas em Aliena, Valongo. Algum do material

inflamável que se encontrava no edifício ainda explodiu, o restante foi retirado pelas quatro corporações de bombeiros que acorreram ao local.



Sérgio B. Gomes inaugura Museu do Encontrado <http://blogs.publico.pt/artephotographica/>

Circulação de comboios foi ontem bastante reduzida, mesmo depois do regresso dos maquinistas ao trabalho

Jorge Marmelo

Só circularam 19 dos 101 comboios previstos para o período da greve dos maquinistas

● “Suprimido, suprimido, suprimido...” O grupo de jovens turistas italianos à porta da estação ferroviária de Campanhã, no Porto, aprendeu ontem de manhã uma palavra inesperada graças à fortíssima adesão à greve convocada por vários sindicatos do sector ferroviário. A esmagadora maioria dos serviços previstos na região não se efectuou, tendo a paralisação afectado tanto os serviços suburbanos como as ligações

de médio e longo curso. Os italianos, esses, iam lendo a palavra nova - “suprimido, suprimido, suprimido...” - nos painéis de informação da gare. “Aveiro... suprimido...” Mais um.

“Desde as dez horas da noite de ontem [quarta-feira] que praticamente não há comboios”, confirmou ao PÚBLICO Álvaro Pinto, coordenador do Sindicato de Ferroviários do Norte. “A adesão à greve é total ou quase total. Só estão a ser garantidos os serviços mínimos, e nem todos”, adiantou este dirigente sindical.

Ana Portela, porta-voz da CP, informou que, dos 101 comboios previstos até às 10 da manhã de ontem, só 19 tinham circulado. A greve dos maquinistas, refira-se, terminou às 9h, mas o facto de outros sindicatos

terem decretado greves de 24 horas continuou a provocar perturbações no serviço ao longo de todo o dia. No período entre as 12 e as 14 horas, por exemplo, só se realizaram sete dos quarenta serviços previstos.



Quem arriscou a ida a Campanhã, no Porto, acabou à espera que a lotaria dos serviços mínimos o contemplasse

Face a este cenário de forte adesão à greve, não espantava que, às nove da manhã, o movimento na principal gare ferroviária do Norte fosse ontem bastante reduzido, já que muito poucos arriscaram dirigir-se de comboio

aos locais de trabalho. Os que arriscaram acabaram à espera de que a lotaria dos serviços mínimos disponibilizasse um comboio que os levasse ao destino. Vera, a caminho de Famacilção, não teve sorte e, por isso, foi obrigada a tentar arranjar uma boleia de última hora. “Pensei que houvesse serviço mínimo”, lamentava.

Na composição que chegou de Ovar às 9h19, Filipe Oliveira já vinha atrasado para o trabalho. “Mas paciência”, comentou depois de ter estado quase uma hora na estação de Esmoriz à espera do comboio que normalmente apanha às 8h. “Ainda tive sorte de estar numa estação. Este comboio nem sequer parou nos apeadeiros”, contou ao PÚBLICO.

O comboio, um dos poucos que on-

tem de manhã percorreram a Linha do Norte, chegou a Campanhã com apenas uma vintena de pessoas.

A ligação para a Régua/Pocinho saiu de Campanhã com 15 minutos de atraso relativamente à hora anunciada e o número de passageiros que embarcou também não era significativo. O mesmo cenário, aliás, se registou no Alfa Pendular Braga-Lisboa que passou pelo Porto às 9h47, e na ligação para Catde, que saiu às 9h35 e na qual não entraram mais de meia dúzia de pessoas.

A diminuição do movimento foi também notada no Café Parana, diante da estação, onde um dos empregados adiantou ao PÚBLICO que a greve fez cair o número de clientes marciais em mais de 50 por cento.

Gaia intenta acção cautelar contra fim da 3ª repartição

Andréia Magalhães

● A Câmara de Gaia entregou uma providência cautelar para impedir o encerramento da 3ª Repartição de Finanças, nos Carvalhos, previsto para dia 14. Segundo a Lusa, a autarquia vai ainda apresentar uma queixa-crime e uma queixa cível para apurar responsabilidades sobre o processo.

O anúncio foi feito ontem pelo vice-presidente da câmara, Marco António Costa, que criticou a máquina administrativa do Estado. “O que está em causa não é um problema político nem uma disputa partidária, mas sim a prepotência injustificada da Direcção-Geral de Impostos que chega a ralar o gozo”, protestou.

A Direcção-Geral de Impostos

(DGI) não recuou na decisão de encerrar a 3ª Repartição de Finanças, nos Carvalhos, apesar dos protestos da população, de juntas de freguesia e da câmara que apresentou soluções alternativas.

Para Marco António Costa, a situação “chegou ao limite do bom senso e respeito”. Lembra que, “durante dois anos”, a câmara “alertou” que não fazia sentido fechar a repartição, dos Carvalhos (freguesia de Pedroso), propondo, em alternativa, o encerramento da 1.ª repartição, uma das três existentes na sede do concelho.

O autarca criticou ainda a ausência de uma justificação objectiva por parte da DGI para optar pelo encerramento da 3.ª repartição que funciona nas mesmas instalações “há 20 anos, sem reclamações de utentes, junta de freguesia ou trabalhadores”. “Começo a suspeitar de que há motivações ilegítimas por detrás disto”, disse Marco António Costa, prometendo exigir a apresentação dos “estudos” que ditaram a decisão.

Ontem, o deputado do PS João Paulo Correia enviou uma carta ao presidente da Câmara de Gaia e ao secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, propondo que o município e/ou a Junta de Pedroso “cedam instalações adequadas para a reabertura do serviço na mesma zona do concelho”. Em alternativa, propõe que a DGI encerre “uma das três repartições do centro do concelho e reabra um serviço” na zona dos Carvalhos. Para o deputado do PS, esta é a “única saída”.



3ª repartição existe há 20 anos

14 FEV | DIA DOS NAMORADOS

MY FUNNY VALENTINE

CONHEÇA AS NOSSAS OFERTAS DE JANTAR, ESPECTÁCULOS E ALOJAMENTO.

<p>CASINO ESPINHO</p> <p>Informações Tel. +351 227 335 500</p>	<p>HOTEL CASINO DE CHAVES</p> <p>Informações Tel. +351 276 309 600</p>	<p>HOTEL SOLVERDE SPA & WELLNESS CENTER</p> <p>Informações Tel. +351 227 338 030</p>
---------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------



Sérgio Vide, da associação Vo.u, acompanha doentes de psiquiatria do Magalhães Lemos

Voluntariado

Há mais de 700 universitários do Porto com vontade de ajudar

Cerca de dois por cento dos 31 mil estudantes da Universidade do Porto participam em projectos de voluntariado. Dos 13 programas que a universidade oferece, em 2010, o voluntariado social e desportivo foram os que tiveram mais adeptos. *Por Andreia Magalhães*

● Nuno China, Susana Sousa, Sérgio Vide e Victor Martins são alunos da Universidade do Porto (UP). Não frequentam o mesmo curso mas, depois das aulas, há algo que os une. Os quatro estão envolvidos em projectos de voluntariado, actividades que, desenvolvidas dentro e fora dos *campi*, atraem mais de 707 estudantes e ex-alunos da UP. A oferta é grande, podendo o trabalho ser desenvolvido em museus, escolas e instituições. Há muito por onde escolher. No voluntariado não há exames, e o único (pré-)requisito é mesmo a vontade de ajudar.

Ao todo, são 13 os programas, grupos e associações de voluntariado na Universidade do Porto (UP) promovidos pelas faculdades e apoiados pela reitoria que funcionam de forma contínua e diária (ver texto ao lado). Segundo o relatório 2010: *Um Ano de Voluntariado na U. Porto* elaborado pela Comissão de Voluntariado da UP, são mais de 700 os alunos e antigos alunos que participam regularmente em actividades.

Destes 707 voluntários contabilizados ainda ficaram de fora aqueles que apenas participam nas actividades menos regulares das associações de estudantes. De uma forma geral, todas elas promovem programas ligados ao voluntariado, como rastreios de saúde, recolha de donativos, de material escolar, brinquedos e visitas a instituições. Com maior incidência na época de Natal. Falta uma melhor comunicação entre

quem organiza as actividades, para se ter uma noção mais exacta da mobilização dos estudantes para acções de voluntariado. E a tarefa não se adivinha fácil. A Universidade do Porto, considerada a maior instituição de ensino e investigação científica de Portugal, possui cerca de 31 mil alunos, 2300 professores e investigadores e 700 funcionários não-docentes, distribuídos por três pólos universitários, 15 escolas e 69 unidades de investigação.

Migos, o ponto de encontro

Mesmo admitindo que 707 participantes é um número que peca por defeito, a assessora da Comissão de Voluntariado da UP, Carla Martins, está satisfeita com a adesão dos estudantes a estes projectos que "fazem falta aos estudantes e à cidade". Contudo, lamenta a inexistência na universidade de um organismo inteiramente dedicado ao voluntariado. "Seria mais fácil organizar e apoiar todas as iniciativas que existem e que vão sendo criadas", assinala.

Foi a pensar nesta ausência de informação agregada que, em 2009, três estudantes do Mestrado em Multimédia da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP) criaram a plataforma *Heróis Urbanos*, um sistema de gestão de voluntariado, eleito como um dos dez vencedores do Concurso Nacional de Ideias Criativas *Crizar* 2009.

Victor Martins é um dos mentores da plataforma que, agora, deu origem ao projecto Migos, que permite "perceber quantos voluntários estão disponíveis, conhecer iniciativas e receber propostas". Neste momento, Victor Martins gere o Migos sozinho, e, apesar de não ter possibilidades de fazer uma campanha maior de divulgação, considera que a adesão tem sido "positiva". Para já, cerca de 300 voluntários e 23 organizações estão neste site.

O primeiro *dosier* feito pela UP, em 2009, falava de 1077 voluntários distribuídos por 15 projectos. Actualmente, o número é menor, porque alguns dos projectos foram interrompidos. "Não podemos falar num aumento ou diminuição de voluntários. Depende sempre da oferta de projectos, dos *timings*, e da disponibilidade de cada um", explica Clara Martins.

Em 2010, a actividade de voluntariado que envolveu maior número de interessados foi a organização do IV Campeonato Mundial Universitário de Rugby Sevens 2010, que contou com a participação de 174 pessoas. Já o GASPorto - Grupo de Acção Social do Porto mobilizou 120 voluntários - jovens universitários, pessoas em actividade profissional - em II acções nacionais e três missões internacionais.

Para a comissão de voluntariado, a participação neste género de acções extracurriculares permite aos estudantes da UP não só o "exercício da cidadania" mas também a "aquisição de competências complementares à sua formação académica". Para conhecer melhor este e outros projectos a UP junta na próxima sexta-feira todos os grupos/associações de voluntariado ligados à instituição. A ideia é fomentar, "principalmente nos estudantes, o interesse pelo outro".

Para Amélia e Alice uma boa conversa basta

● Nuno China, de 21 anos e Susana Sousa, de 20, acabam de chegar ao número 373 da Rua do Breyner, no Porto. No rés-do-chão e no terceiro andar, Amélia e Alice esperam por eles. A visita é habitual, mesmo não havendo qualquer relação familiar entre estas quatro pessoas. Através de amigos, os dois estudantes das duas faculdades de Medicina do Porto descobriram o *Vo.u* *acompanhar*, projecto que promove o acompanhamento social de idosos e pessoas que se encontram em contexto de solidão.

Às 16h00, é Amélia que, no rés-do-chão, recebe a primeira visita. Uma timidez de 85 anos abre-nos a porta da casa onde reside há mais de 50. Cansada de uma ida ao dentista, deita-se na cama onde agora passa a maior parte do tempo. É com "enorme

alegria" que uma vez por semana recebe a visita dos voluntários, ou melhor, dos seus "amigos", como os trata. Mas hoje é de um daqueles dias em que não está muito bem-disposta, faltando-lhe forças para conversas. Nuno e Susana não estranham estas mudanças de humor, que dizem ser próprias da idade. "Temos de nos adaptar a disposição delas, há dias em que preferem ficar sozinhas", admite Susana.

Como "a idade já não permite", para Amélia não há jogos, televisão ou saídas. Uma boa conversa "é suficiente. Gosto que eles venham cá conversar comigo, conto-lhes histórias da minha vida, do meu passado... desabafos", explica-nos, acrescentado que fica muito contente por ter cá os elementos da *Vo.u*. "São formidáveis, muito

simpáticos, é bom que existam jovens que se interessam por ajudar".

Uma hora depois, segue-se o 3.º andar. Há já cerca de um ano que D. Alice, de 88 anos, não sai de casa: "As pernas não deixam". Resta-lhe a visita da empregada, da filha aos fins-de-semana, e, agora, do grupo de voluntários. Depois da saída do enfermeiro, senta-se na sala cheia de flores, loiças e "memórias". Na parede, o relógio de cuco toca. São 17h00, a "hora do chá". É o Nuno que prepara a infusão. "Sempre que cá vimos, depois de visitar a D. Amélia, fazemos o chá para D. Alice, religiosamente. Ela treme muito das mãos e já não consegue tomá-lo sozinha", nota. Aqui, ou mais abaixo, não é preciso muito, querem apenas companhia, conversar e alguém que os oiça".



Um apoio que enriquece o CV

● Na Rua de Costa Cabral, no Porto, existe há seis anos uma casa e um fórum do Hospital de Magalhães Lemos que acolhe 12 pacientes esquizofrénicos com idades entre os 27 e os 55 anos. Não necessitam de internamento médico, apenas uma medicação controlada. Poderiam estar em casa, o que não acontece porque a maioria não tem família ou residência própria. A associação de voluntariado universitário (*Vo.u*) descobriu-os e ofereceu-se para ajudar. Ao mesmo tempo que se tornam socialmente úteis, os voluntários ganham experiência curricular.

Para já, são cinco os alunos que semanalmente dedicam uma tarde para acompanhar, brincar, conversar ou passear com os doentes. "Temos de ser imaginativos. Começamos há pouco tempo, estamos a conhecer os pacientes e a perceber que tipo de actividades são mais adequadas", explica o presidente e voluntário da *Vo.u*, Sérgio Vide.

Na casa existem três quartos, uma

sala, uma cozinha e um pátio. Os quartos são limpos pelos doentes, que tratam da higiene dos seus objectos pessoais. Reformados, apenas um ou dois já trabalharam. "Provavelmente pelo estigma que ainda existe, a sociedade precisa de ser esclarecida sobre esta doença", diz Sérgio Vide. No fórum, para além dos residentes, há doentes do Hospital de Magalhães Lemos que vêm fazer terapia ocupacional. É o caso da D. Rosa. "Gosto muito de cá vir e gosto muito dos meninos", diz, enquanto joga dominó.

Isabel Abreu, aluna de Medicina, é a "adversária" de Rosa. O voluntariado era um desejo antigo que agora realiza e que lhe permite "crescer" academicamente.

"Preenche um espaço que não é completado pelo curso e que me faz evoluir na minha área e a nível pessoal".

Ao contrário de Rosa, há pacientes que ainda não estão tão à vontade com esta presença de jovens na casa, como explica Joana Seródio, outra das voluntárias.

"Temos de saber respeitar e perceber quais são os nossos limites e os limites dos pacientes. É uma grande responsabilidade".

Na casa todos os doentes se mostram satisfeitos com o projecto. Um deles é o sr. Pina, de 41 anos, que sofre de esquizofrenia desde os 18 anos de idade e reside nesta casa há seis. "Gosto especialmente das actividades que fazemos, dos jogos de cartas e de dominó e da companhia que eles nos fazem. São todos muito simpáticos. Sinto-me mais feliz agora".

A adesão à iniciativa tem sido "grande" numa cidade que "precisa" de voluntários. "O Porto é uma cidade com várias faces. Enquanto apenas estudantes ou moradores, contactamos com uma pequena parte delas. No entanto, o voluntariado permite-nos conhecer uma outra face, que pode escapar a um olhar inicial, superficial, e onde jaz um grupo demasiado grande de pessoas com várias necessidades", avisa o presidente da *Vo.u*, Sérgio Vide.

Novos projectos Voluntariado por toda a Universidade do Porto

Para aqueles que não podem participar de forma contínua e regular em projectos de voluntariado, mas que querem ser voluntários, as actividades das associações de estudantes podem ser uma solução. Durante todo o ano lectivo, com principal incidência na época de Natal, estes organismos procuram também eles incentivar para o voluntariado. Os eventos mais comuns são os jogos de futebol com crianças, visitas a instituições, recolha de donativos e roupas, que contam com uma grande adesão dos alunos. Os projectos mais recentes surgem nas faculdades de Medicina, Letras e Direito.

A Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina do Porto (AEMPUP) criou uma base de dados a partir do Google Maps, onde os estudantes podem obter informações relativamente às associações de voluntariado existentes na área do Grande Porto, bem como os projectos, contactos dos responsáveis e formas de inscrição. Na Faculdade de Letras, de 14 a 18 de Março, terá lugar uma Feira do Voluntariado e a 1.ª Noite de Beneficência Solidária, em que actuarão as tunas, o grupo de teatro e o grupo de fados. Os fundos reverterem, na íntegra, para a instituição *Sonho d'Afectos*, que a faculdade apadrinhou. A associação de estudantes de Direito conta também com algumas parcerias com organizações de solidariedade social e criou um banco de voluntariado, para mostrar "diferentes formas de contribuir para um mundo melhor".

Por outro lado, de uma forma mais regular, contam-se 13 programas na Universidade do Porto que chamaram a atenção de mais de 700 pessoas. São eles o Voluntariado Desportivo da U. Porto, Voluntariado em Actividades Culturais da U. Porto, Voluntariado Estudantil Tutorial, Voluntariado nos Museus da U. Porto e Voluntariado para a Produção de Informação Acessível. Criados nas próprias faculdades, existem o GEV - Grupo de Estudantes Voluntários da Faculdade de Direito; GIVE - Grupo de Intervenção, Voluntariado e Envolvimento e o NEV - Núcleo de Estudantes Voluntários da Faculdade de Economia. Por outro lado, há ainda os grupos associados EpDAH - Engenharia para o Desenvolvimento e Assistência Humanitária; FEP Solidária; G.A.S. Porto - Grupo de Acção Social do Porto; Núcleo de Acção Social Aeffup e VOU - Associação de Voluntariado Universitário.

A 27 de Abril, realiza-se o Dia do Voluntário da Universidade do Porto com o tema *Formar para o Voluntariado*. O programa termina com uma caminhada solidária pela cidade e a entrega de um prémio aos voluntários com actividades consideradas especialmente relevantes.

Funicular dos Guindais vai encerrar nos dias 24 e 25

O funicular dos Guindais, no Porto, vai estar fechado ao público nos próximos dias 24 e 25, para manutenção. No sábado, o equipamento gerido pela Metro do

Porto já deverá estar, de novo, em funcionamento. Em 2010, houve 467 mil validações no funicular, o que representa um aumento de 4,1 por cento em relação ao ano anterior.



Susana Pomba fotografou Hercules and Love Affair no Lux <http://missdove.blogspot.com/>

Noites do Rivoli deram prejuízo de 20 mil euros

Numa sala com a dimensão do teatro municipal do Porto, diz Dorminsky, "não é possível fazer espectáculos sem patrocínios"

As ecléticas *Noites do Rivoli* que, durante 15 dias, juntaram no cartaz artistas como Mafalda Veiga, Herman José, Moonspell e Camané deram "muito gozo" à organização, "apesar da perda de 20% do investimento, cerca de 20 mil euros". "Correu bem, dentro das nossas expectativas, podia ter corrido melhor se esgotasse tudo. Se fosse o caso, tínhamos isto completamente pago", avançou à Lusa Mário Dorminsky, director do Fantasporto.

A proposta da Câmara do Porto à Cinema Novo, organizadora do Festival de Cinema do Porto, de explorar o Rivoli com um evento musical face ao corte parcial do apoio ao Fantasporto, "apesar de ter dado prejuízo, traduziu-se numa experiência gratificante". "Tivemos prejuízo, o que vem provar que, mesmo nas condições superespeciais em que fizemos este programa, não é possível fazer espectáculos sem patrocínios. Não há volta a dar. Numa sala desta dimensão, não há essa possibilidade", afirmou o promotor.

"Se queremos repetir a experiência, temos de cumprir as regras de qualquer promotor de espectáculos ou festivais. Temos de ter um apoio que nos permita, quando avançamos para o projecto em si, ele já estar parcialmente pago", declarou Mário Dorminsky. O organizador referiu ainda que, sem a participação de empresas, "e todas elas estão a usar a palavra crise como justificação para não darem apoio rigorosamente nenhum", e sem apoios do Estado e das autarquias, "não há hipótese nenhuma de

realizar eventos deste tipo".

No "pior mês dos últimos dez anos", com reduções de vencimento e aumento do custo de vida em "todas as áreas", os preços dos bilhetes foram adaptados às circunstâncias, entre os 12,5 e os 25 euros. Apesar disso, Mário Dorminsky reconheceu que o concerto dos Mind Da Gap não se realizou por "não ter vendido bem" e pela complexidade da montagem do espectáculo dos Teratron.

Sem um euro de patrocínio

As *Noites do Rivoli* apostaram em espectáculos de "grande produção", com lançamento de discos e de digressões, e com públicos "o mais diferenciados possível". E exemplifica: "De casacos de peles e engravatados a ouvir o Camané, pessoas que não via há mais de 30 anos a ver José Mário Branco, miudagem que cruzou em termos de público com a Mafalda Veiga, a um Herman José que veio com uma carga negativa da opinião pública muito grande e que mudou a sua imagem perante essas pessoas. No en-

tanto, Mário Dorminsky reconheceu ter havido "um flop" no concerto que lhe dizia mais, o de Maria João com o projecto Ogre, que definiu como "fusão entre jazz e música do mundo, feito com muita criatividade".

"A base fixa de produção de um espectáculo é de 5 mil euros à qual acresce o *cacher*. Por preços muito em conta que tenha conseguido, todos abaixo dos 7500 euros, não conseguimos um único euro de patrocínios", assegurou o promotor do evento. Seguindo o modelo do Fantasporto e do *Balle dos Vampiros*, na área da música os organizadores das *Noites do Rivoli* tentaram descobrir "coisas que estão a emergir com qualidade e potencial para serem trabalhadas". "Qualquer espectáculo que se viu aqui foi um grande espectáculo", concluiu Mário Dorminsky. Mão Morta, Teratron, Mafalda Veiga, Ogre, Herman José, Francisco Menezes, Quim Roscas e Zeca Estacionário, Moonspell com Sónia Tavares, Camané e José Mário Branco foram os artistas convocados.



Os Moonspell tiveram muita gente a aplaudi-los na noite de dia 14

O futuro do Rivoli

Na noite em que José Mário Branco encerrou as *Noites do Rivoli*, o primeiro grande evento aqui realizado desde a saída de Filipe Lá Fêria do teatro municipal do Porto, ouviram-se vários espectadores discutir o futuro do espaço. O actor João Lourival exigia ser "esclarecido" sobre o que vai acontecer ao Rivoli, após estes cinco anos de gestão pela Todos ao Palco, de La Fêria. "É preciso clarificar a situação, a confusão não beneficia ninguém, e isto lança algumas nuvens sobre a gestão cultural da Câmara do Porto". O actor acredita na "bondade de Rui Rio", mas receia que o presidente da câmara esteja a "prejudicar o desenvolvimento cultural da cidade. António Bessa, de 64 anos, não vê "inconvenientes na entrega do Rivoli a privados", desde que a cultura seja "respeitada". "Terá de haver receitas, mas também mais-valias culturais. O equilíbrio é a chave. Deve estar aberto a todo o tipo de espectáculos, e não só aos elitistas que só meia dúzia percebe", afirmou. "Este é um espaço tradicional do Porto, que está no coração dos portugueses, que lhe dedicam um carinho especial. É preciso ponderar muito bem sobre as futuras decisões", concluiu, por seu turno, o técnico de obra António Amorim. À hora do fecho desta edição, decorria no espaço Maus Hábitos o debate *Rivoli*, que *Futuro?*, organizado pelo Bloco de Esquerda do Porto. **A.D.M.**

Penas até 11 anos para envolvidos no caso da droga em bananas

O Tribunal de Matosinhos aplicou ontem penas de prisão efectiva entre oito e 11 anos aos três principais membros de uma rede internacional que introduziu em Portugal pelo menos 82 quilos de cocaína do Equador. O mais penalizado foi o cidadão estrangeiro José Semedo Júnior, seguindo-se uma pena de 10 anos para o único português do grupo, Luís Pereira, e outra de oito para João Moreira.

O tribunal foi menos severo para outro elemento que a investigação ligou ao grupo, Jafson Rocha, aplicando-lhe uma pena de prisão de cinco anos, suspensa por igual período. Um quinto acusado, Gracelino Martins, foi absolvido. Dado como fugido às autoridades, o sexto arguido do caso vai ser julgado em separado.

O mais inconformado com a decisão judicial foi o arguido português. O seu advogado, Luís Silva, admitiu mesmo recorrer. Luís Pereira sempre declarou que o seu interesse no negócio era apenas o de lucrar com a revenda das bananas - que nunca se fez - para investir num projecto de dessalinização em Cabo Verde.

A juíza-presidente desacreditou esta tese, considerando que, se o pretendido era negociar as bananas, então o interesse pelas paletes onde se escondia a droga era "completamente absurdo". Segundo a acusação, o grupo camuflava o produto entre óleo de soja, bananas e mandioca, que viriam do Equador para Portugal, via Leixões.

CDS pede demissão de Araújo da ARSN

O deputado do CDS Altino Bessa exigiu ontem a demissão do presidente da Administração Regional de Saúde do Norte pela forma como está a ser conduzido o processo de encerramento das urgências no Norte. O deputado afirmou que "a gota de água foi a forma como foi encerrada a urgência do Centro de Saúde de Celorico de Basto", com um fax enviado para a câmara às 17h58 do próprio dia do encerramento. "Demonstra uma enorme falta de consideração", explicou Altino Bessa.

O deputado não entende "por que é que não se esperou" pela conclusão das obras do hospital de Amarante e pela requalificação do serviço de urgência do hospital de Guimarães, para se encerrar o SAP de Celorico.

Filmes do Fantasporto "raras vezes" chegam às salas

O director do Fantasporto, Mário Dorminsky, refuta a ideia de que o Festival Internacional do Porto é um festival comercial. "Os filmes do Fantasporto raras vezes passam nas salas de cinema", disse à Lusa. "Parece-nos ilógico dizerem que o Fantasporto é um festival comercial. Porque tem muita gente? De comercial, em si, não tem nada, porque muitos dos filmes que passam aqui raramente passam nas salas de cinema", salientou.

Com uma média de 80 a 85 por cento, o Fantasporto - que começa na sexta-feira - "continua" a promover o cinema europeu e, com uma "grande percentagem", o cinema português. Para a organização do festival, "é lamentável" que em Portugal, país com

um "potencial enorme" nas áreas do turismo e da cultura, "não haja uma interligação entre o Ministério da Economia e o Ministério da Cultura". "No fundo, quando se fala em cultura parece que se está a falar do Diabo", realçou o organizador. Os espectáculos "estão cheios" e quando há eventos "as pessoas aderem e a cultura continua a chamar gente".

Durante as *Noites do Rivoli*, Mário



Mário Dorminsky refuta a ideia de que o Festival Internacional de Cinema do Porto é um festival comercial

Dorminsky refere ter ouvido "diversas" vezes agradecimentos "ao pessoal" do Rivoli. Segundo o organizador, há "uma pessoa" que trabalha no Rivoli e a restante equipa "foi contratada pela Cinema Novo", com "muitos voluntários", e no Fantasporto "será a mesma coisa".

"A Câmara do Porto o ano passado deu-nos 50 mil euros, dos quais 20 mil euros eram para pagar pessoal. Este ano desceu para 24 mil euros. Descontando pagar ao pessoal, ficávamos com 4 mil euros de apoio", garantiu Mário Dorminsky. O director referiu a "grande empatia" que os voluntários nutrem pelo festival. Revelou ter 60 a 70 pessoas a trabalhar "neste momento", "cerca de 170" durante a primeira

semana e, mais tarde, "quase 300". "É no último dia somos quase 400 com o *Balle dos Vampiros*. O que quer dizer que é uma estrutura pequenina", ironizou. "As pessoas não têm a noção disso, da dimensão de uma estrutura deste género que passa mais de 360 filmes durante 15 dias. Ao mesmo tempo, todo o trabalho que está por trás, não só ao nível da selecção como da obtenção de financiamento para o festival", assegurou Mário Dorminsky.

Segundo a organização, as cadernetas de 10 bilhetes para o Fantasporto, 3 euros por filme, estão "a sair violentamente" e devem esgotar "ainda" no início da semana. O 31.º Fantasporto decorre até 6 de Março, no Teatro Municipal Rivoli.

Avaria de grua cortou IP3 durante quase cinco horas

O trânsito no Itinerário Principal nº 3 (IP3) esteve ontem cortado entre Tondela e Viseu durante quase cinco horas, devido à avaria de um veículo-grua, disse à Lusa

fonte da GNR. O veículo avariou às 8h00, no sentido Coimbra-Viseu, ao quilómetro 113,9, junto à ponte da ribeira de Asnes, numa zona com separador central.



A violência doméstica matou 43 mulheres em 2010. Infografia em <http://publico.pt/>

Essência do Vinho incluirá prova de alguns Porto do século XIX que a Ferreirinha bebeu

Anibal Rodrigues

Durante a feira, de 3 a 6 de Março, um júri internacional vai eleger os dez melhores vinhos lançados em 2010

● No ano em que se comemora o bicentário do nascimento de D. Antónia Adelaide Ferreira, a próxima Essência do Vinho - Porto permitirá provar vinhos do Porto de 1834, 1847 e 1863 que a famosa Ferreirinha também provou. Este é um dos principais atractivos da 8.ª edição do Essência do Vinho - Porto, que voltará a realizar-se no Palácio da Bolsa, entre os próximos dias 3 a 6 de Março, das 15h00 às 21h00 (domingo encerra às 20h00).

Ainda ao nível do vinho do Porto, haverá uma prova da marca Andresen que incluirá 14 colheitas de anos entre 1900 e 1997. Ontem, na apresentação do certame, que decorreu na nova sede da empresa Essência do Vinho, situada num edifício recuperado, na Rua de Mouzinho da Silveira, Nuno Pires, um dos responsáveis pelo Essência do Vinho, destacou os vinhos do Porto do século XIX e da casa Andresen, mas também os vi-

nhos raros *premiun* e *super premiun* que estarão em prova.

A feira contará com a presença de 350 produtores, portugueses e estrangeiros, uma centena de especialistas e a entrega dos prémios "Os melhores do ano" da revista *White - A Essência do Vinho*, que distingue personalidades, vinhos e restaurantes que se distinguiram em 2010. Por seu turno, um júri internacional composto por jornalistas, críticos e especialistas irá eleger os dez melhores vinhos portugueses lançados em 2010 - oito tintos, um branco e um Porto.

Para além do vinho e da gastronomia, a Essência do Vinho continua a apostar noutras artes. Nesse sentido, os visitantes poderão apreciar uma instalação criada pelo designer de interiores Paulo Lobo, inspirada no vinho e na indústria vidreira da Marinha Grande.

Rui Moreira, presidente da Associação Comercial do Porto, co-organizadora deste Essência do Vinho, destacou a vinda ao certame de 40 jornalistas estrangeiros e a repercussão que isso terá, a nível mundial, na notoriedade da cidade. "Este é o género de evento que pode fazer virar para o Porto os olhos de quem está lá fora", apreciou. Rui Moreira salientou



A 8.ª edição da feira conta com a presença de 350 produtores de vinho

também outro efeito da iniciativa: "Vai esgotar a capacidade hoteleira do Porto."

O Essência do Vinho conta com o apoio institucional da Câmara do Porto e o vereador responsável pelo Turismo, Vladimiro Feliz, classificou o certame como um "acelerador da procura" turística da cidade que, como acrescentou, cresce há 17 meses consecutivos. Para o autarca, o cer-

tame e a nova sede da Essência do Vinho são a prova de que o "empreendedorismo no Porto está vivo". Vladimiro Feliz elogiou ainda o facto de, nesta edição, 1,50 euros por cada entrada (desde 12 euros) reverter a favor da Associação Bagos d'Ouro que apoia crianças desfavorecidas no Alto Douro Vinhateiro. Já as inscrições nas actividades paralelas custam entre cinco e 50 euros.

Rota do Românico vai receber mais 20 milhões

Jorge Marmelo

● As associações de municípios do Vale do Sousa e do Baixo Tâmega vão hoje assinar, em Lisboa, um conjunto de contratos de financiamento que disponibilizarão cerca de 20 milhões de euros destinados à consolidação e alargamento da chamada Rota do Românico, um produto turístico até aqui restrito ao Vale do Sousa e que já foi objecto de financiamento comunitário no âmbito do anterior ciclo de apoios comunitários. Está prevista agora a reabilitação das áreas envolventes dos cerca de 21 imóveis patrimoniais que já foram objecto de requalificação, a certificação de qualidade da rota e a promoção do património imaterial da região abrangida, mas também o alargamento da rota ao Baixo Tâmega.

"O alargamento da rota traduz o sucesso alcançado na primeira fase do projecto. Trata-se de valorizar e conservar, para uso turístico, um conjunto patrimonial específico, acrescentando-lhe valor, de modo a alavancar o investimento privado e a tirar par-



A cidade romana de Tongobriga, no Marco de Canaveses, é um dos monumentos do Baixo Tâmega que serão requalificados

tido do crescente afluxo de turistas à Região Norte", explicou ao PÚBLICO Mário Rui Silva, gestor do programa ON.2 - O Novo Norte.

De acordo com este responsável, só para a reabilitação de monumentos românicos na região do Baixo Tâmega está previsto um investimento de cinco milhões de euros, estando aprovadas ou em fase de aprovação intervenções nos mosteiros de Travanca, Vila Boa do Bispo, Ancede, Carquere, Alpendorada e Tabuado, bem como na cidade romana de Tongobriga, no Marco de Canaveses. Segundo fonte da CCDRN, a gestão do projecto será feita pela Associação de Municípios do Vale do Sousa.

Para além da componente de reabilitação física - que abrangerá intervenções como a criação do Centro de Interpretação da Rota do Românico na Igreja de São Pedro de Abragão, em Penafiel, ou a intervenção arqueológica na envolvente à Torre de Vilar, em Lousada -, o financiamento agora aprovado permitirá ainda instalar sinalização turística e fazer a recolha, o estudo e o registo do património imaterial e vernacular dos 12 municípios que constituem as regiões do Sousa e do Baixo Tâmega.

Orçamento da AMP foi aprovado

● A Assembleia Metropolitana do Porto aprovou o plano de actividades e orçamento para 2011. O plano foi rejeitado em Dezembro, com os votos de PS, CDU e BE, em protesto contra a "arrogância" do presidente da Junta Metropolitana, Rui Rio, que, segundo o PS, não respondeu às questões colocadas pela oposição. Desta vez, o PS absteve-se. O deputado socialista José Manuel Ribeiro explicou que o PS agiu em nome de um "sentido profundo de responsabilidade" e que mudou o sentido de voto porque "alguns membros" da junta metropolitana "esclareceram" certas questões e "até deram abertura" a sugestões que lhe foram feitas.

Foram chumbadas as moções apresentadas pela CDU, que pediam a correcção das incongruências no tarifário do *Andante* e o desenvolvimento "imediato" de toda a segunda fase de expansão da rede do metro. Para a CDU, estes chumbos "confirmam que o bloco metropolitano PS/PSD/CDS está em sintonia com as piores medidas do Governo". A.D.M.

PS defende saída de Ricardo Rio da Fundação Cidade de Guimarães 2012

Samuel Silva

● O PS de Guimarães considera que Ricardo Rio desrespeitou as regras impostas para a sua contratação como assessor da Capital Europeia da Cultura de 2012 ao anunciar que seria candidato à liderança da Câmara de Braga nas próximas eleições autárquicas. Os socialistas acusam o economista de "falta de carácter político" e defendem que este deve abandonar o lugar que ocupa na estrutura da Guimarães 2012.

"Ricardo Rio tem que retirar consequências deste acto", afirmou ontem o presidente da concelhia socialista e vice-presidente da Câmara de Guimarães, Domingos Bragança, em conferência de imprensa. "Ao anunciar a sua recandidatura à Câmara de Braga, Ricardo Rio não honrou o compromisso assumido", defende.

O líder do PS vimezanense diz também que o facto de a Fundação Cidade de Guimarães ter feito depender a escolha do afastamento de Rio de cargos políticos é uma situação "razoável". No fim-de-semana, a Funda-



Ricardo Rio é assessor da Capital

ção Cidade de Guimarães anunciou que a escolha de Rio para liderar o programa de mecenato da Guimarães 2012 tinha como pressuposto a "inexistência de qualquer participação activa e executiva de natureza política e partidária".

Para Domingos Bragança, o comu-

nicação da Fundação Cidade de Guimarães "é claro quanto à conduta ética" do dirigente do PSD de Braga e, por isso, espera que Rio explique em breve a situação. O PS diz manter a confiança na administração da fundação que gere a Guimarães 2012, mas entende que a instituição deve avaliar se o economista continua a ter condições para assessorar a organização da Capital da Cultura na angariação de mecenato.

O PS vimezanense entende também que a atitude de Ricardo Rio contribuiu para "partidarizar" o evento e crítica a posição assumida pelo PSD local na semana passada, que acusou o presidente da câmara de interferência política na gestão da Guimarães 2012.

O presidente da câmara também reagiu ao comunicado da Fundação Cidade de Guimarães, considerando o esclarecimento "suficiente". "Respondeu às minhas questões", disse António Magalhães à Lusa, à margem do primeiro concerto promovido pela Guimarães 2012, realizado anteontem no Centro Cultural Vila Flor.

Local Porto

Cinema Fase de competição do festival arrancou no fim-de-semana

Até domingo, o Rivoli está entregue ao cinema fantástico, em várias sessões diárias



Rivoli volta a encher com o 31.º Fantasporto

Não faltou plateia ao primeiro fim-de-semana do festival de cinema. Há espectadores que não conhecem os filmes ou os realizadores, confiando na marca Fantasia, criada há três décadas

Andreia Magalhães

Desde o dia 21 de Fevereiro, zombis, psicopatas e criminosos tomaram conta do Rivoli, Teatro Municipal. A 31.ª edição do Festival Internacional de Cinema do Porto, Fantasporto, entrou em modo competitivo na passada sexta-feira com a grande produção americana *The Resident*, de Antti Jokinen, com Hilary Swank, que contou com uma enorme afluência. E o primeiro fim-de-semana do ciclo de cinema fantástico não foi excepção. Foram centenas as pessoas que não quiseram perder a oportunidade de conhecer os filmes que “raramente” passam nas salas de cinema.

As bilheteiras abriram por volta das 13h30 e, a esta hora, já eram muitos

aqueles que aguardavam nas filas. Enquanto isso, a maioria aproveitou para dar uma vista de olhos ao programa geral. Muitos não o conhecem nem nunca ouviram falar dos filmes ou dos realizadores em exibição, mas isso não parece ser um problema: grande parte já conhece a marca Fantasporto e isso parece ser o suficiente.

“Venho sempre à descoberta”, diz Cátia Barão. A assistente de produção, de 26 anos, veio de propósito de Lisboa pela terceira vez ao festival, para ver “pelo menos dois filmes. Não conheço o cartaz, mas estou muito curiosa, este é um formato fora do vulgar que não vemos todos os dias”. Um pouco mais atrás na fila estão Samuel Silva e Tânia Fernandes. Esta é a quarta vez

que vêm ao festival e, à semelhança dos anos anteriores, não conhecem o cartaz. “Demos uma espreitadela ao site, mas só agora é que decidimos o que vamos ver”, disseram.

Férias para ver o Fantasia

Os bilhetes custam por sessão quatro euros, um preço “justo” para a maioria. O que consideram menos “justo” é o facto de terem de “esperar um ano inteiro” para ter um ciclo de cinema como este, fora do circuito comercial. Francisco Maia é um destes casos. O promotor de eventos e apreciador de cinema asiático não perde uma edição do Fantasporto “há pelo menos dez anos”, e o facto de viver em Lisboa não tem sido um problema. “Acho que é um ótimo catálogo para descobrir

artistas, filmes e realizadores que não vemos noutros sítios. É pena é não existirem mais iniciativas do género durante o ano.”

E é a pensar nesta oportunidade “única” que Diana Ferreira e Ricardo Vasconcelos tiram férias nesta altura do ano. “Tentamos sempre. Há filmes que não queremos mesmo perder e outros que queremos conhecer.” Mas lamentam a falta de “mais animação e decoração do espaço”, que existia nos anos anteriores.

A tirar fotografias ao lado dos cartazes do Fantasporto, um grupo de adolescentes, alunos do Colégio Internato dos Carvalhos, dava nas vistas. Aníbal Couto, professor na escola, foi quem teve a ideia de trazer o grupo no âmbito da disciplina de Artes

Industriais Gráficas. “A sétima arte é muito importante para ajudar a perceber esta matéria”, explicou Aníbal Couto, um *habitué* destas sessões de cinema, que vê o Fantasporto como uma “referência de grande qualidade da cidade”.

O Fantasia prossegue até domingo. Para continuar a “corresponder às exigências” do público, a organização promove, para além das secções tradicionais - Cinema Fantástico, Semana dos Realizadores e Orient Express - , duas novas competições dedicadas ao cinema português: um Grande Prémio e um Prémio Jovem Realizador, para autores até 30 anos (para curtas ou longas). Será ainda prestada uma homenagem ao produtor Paulo Trancoso.



Sair

Para descobrir Artur Loureiro

O Museu Nacional Soares dos Reis (MNSR) inaugura hoje, às 18h30, uma exposição sobre a vida e a obra do pintor português Artur Loureiro (1853-1932). É mais uma exposição da série com que o museu está a divulgar as obras de artistas representados nas suas colecções. Ao todo são 200 obras, estruturadas segundo um critério cronológico e temático. A escolha de Artur Loureiro tornou-se uma evidência: "pela qualidade, pela diversidade e pelo número considerável de obras já identificadas, em instituições públicas e privadas, no país e no estrangeiro e em colecções particulares", explica o MNSR na nota de divulgação da nova exposição, que poderá ser vista até 24 de Abril do próximo ano. A mostra "explora mais profundamente o percurso artístico menos conhecido" e os contextos em que Artur Loureiro trabalhou, nomeadamente no decorrer das suas estadias em Itália, França, Inglaterra e Austrália. Uma obra que se manifesta "em confronto com a criação artística contemporânea nacional e internacional". No próximo mês de Janeiro será lançado um catálogo onde são apresentadas todas as obras do pintor patentes na exposição.



agenda@publico.pt
lazer@publico.pt

Cinema

Porto

Modesta Teatro Campo Alogro (Cine-Estúdio)
R. das Estrelas T. 226063000
Dois Homens e duas Mulheres M12 - 18h30, 22h
Mun' Álvaro
R. de Guerra Junqueiro, 489 T. 22609905/937040067
José e Pilar M6 - 16h30, 19h, 21h30
ZON Lusomundo Dolce Vita
R. Campões Europeus, 28-198 T. 707 CINEMA
As Crónicas de Nárnia: A Viagem do Caminho da Alvorada 13h10, 16h10, 18h50 (V.Port./3D), 21h30, 00h10 (V.Orig./3D); **Entrelaçados** M6, 13h30, 16h, 18h30, 21h20, 23h50 (V.Port./3D); **Stone - Ninguém é inocente** M12, 13h50, 16h30, 19h05, 21h40, 00h20; **Harry Potter e o Talismão da Morte: Parte 1** M12, 13h25, 16h40; **A Tempo e Horas** M12, 19h50, 22h10, 00h30; **As Aventuras de Sammy: A Passagem Secreto** 13h20, 15h40, 18h10 (V.Port.); **A Última Estação** 21h30, 23h40; **Douro, Fatna Fluvial** M12, 21h10, 23h40; **Jogo Limpo** M12, 13h, 15h50, 18h20, 21h50, 00h25; **O Americano** M12, 22h, 00h35; **Mogamind** M6, 14h, 16h20, 18h40 (V.Port./3D)

Amarante

Teatro de Pascoas
Centro Comercial Santa Luzia T. 25543084
Toy Story 3 M6 - 18h30

Aveiro

ZON Lusomundo Forum
R. Homem Cristo T. 707 CINEMA
Jogo Limpo M12, 13h10, 16h, 18h50, 21h40, 00h30; **Harry Potter e o Talismão da Morte: Parte 1** M12, 14h10, 17h35, 21h, 00h25; **As Aventuras de Sammy: A Passagem Secreto** 13h45, 16h20, 18h55 (V.Port.); **A Última Estação** 21h30, 00h20; **Saw 3D** M18, 21h45, 00h15; **O Americano** M12, 13h50, 16h30, 19h10, 21h50, 00h30; **Mogamind** M6, 14h, 16h35, 19h10 (V.Port./3D); **A Tempo e Horas** M12, 14h30, 17h, 19h30, 22h, 00h35; **Entrelaçados** M6, 13h20, 16h, 18h40, 21h20, 24h (V.Port./3D)
ZON Lusomundo Glicíneas
Aradas T. 707 CINEMA
Comer O mar M12, 14h30, 17h40, 21h20, 00h30; **RED - Parigosses** M12, 21h50, 00h40; **Harry Potter e o Talismão da Morte: Parte 1** M12, 14h10, 17h35, 21h, 00h20; **Mogamind** M6, 14h20, 16h50, 19h20 (V.Port.); **Imparável** M12, 13h45, 16h25, 19h05, 21h45, 00h25; **As Crónicas de Nárnia: A Viagem do Caminho da Alvorada** 14h40, 17h45 (V.Port./3D), 21h10, 00h05 (V.Orig./3D); **A Tempo e Horas** M12, 14h, 16h30, 19h, 21h30, 24h; **Entrelaçados** M6, 13h40, 16h20, 19h10, 21h55, 00h35 (V.Port./3D)

Barcelos

Cinemax
Campo 25 de Abril T. 252828571
Entrelaçados M6, Sala 1 - 15h30, 21h45, 23h50 (V.Port.); **Oh Não! Outra Vez Tu?** M12, Sala 2 - 15h30, 21h45, 23h55; **Mogamind** M6, Sala 2 - 17h30 (V.Port.)

Braga

Cinemax - Braga Shopping
Av. Central 33 T. 252208010
A Tempo e Horas M12, Sala 3 - 19h, 21h50, 23h55; **Mogamind** M6, Sala 3 - 15h, 17h (V.Port.); **A Caminho de Santiago** M16, Sala 4 - 19h15; **Jogo Limpo** M12, Sala 4 - 14h55, 17h05, 21h55, 00h05; **Gru - O Maldito** M6, Sala 4 - 11h (V.Port.); **Harry Potter e o Talismão da Morte: Parte 1** M12, Sala 5 - 14h35, 21h45, 00h30; **Imparável** M12, Sala 5 - 17h25, 19h35; **Entrelaçados** M6, Sala 6 - 15h, 17h, 19h, 21h50, 23h50 (V.Port./3D); **As Crónicas de Nárnia: A Viagem do Caminho da Alvorada** Sala 7 - 14h50, 17h05, 19h20, 21h55, 00h10 (V.Port.)
ZON Lusomundo Braga Parque
R. dos Congregados T. 707 CINEMA
Saw 3D M18, 22h10, 00h45; **Harry Potter e o Talismão da Morte: Parte 1** M12,

14h10, 17h30, 21h, 00h25; **Mogamind** M6, 14h, 16h30, 19h20 (V.Port./3D); **Jacksaw 3D** 23h45; **Imparável** M12, 15h, 18h, 21h50, 00h30; **Entrelaçados** M6, 13h30, 16h, 18h40, 21h10 (V.Port./3D); **A Tempo e Horas** M12, 13h40, 16h10, 19h10, 21h40, 00h20; **As Crónicas de Nárnia: A Viagem do Caminho da Alvorada** 13h, 15h40, 18h30 (V.Port./3D), 21h20, 00h10 (V.Orig./3D); **O Americano** M12, 20h50, 00h05; **As Aventuras de Sammy: A Passagem Secreto** 13h20, 15h50, 18h20 (V.Port./3D); **Jogo Limpo** M12, 14h30, 17h40, 21h, 00h40; **Stone - Ninguém é inocente** M12, 13h10, 16h20, 19h, 21h30, 00h15

Bragança

Castello Lopes - Fórum Theatrum
Av. Sá Carneiro, 5 T. 707220220
Entrelaçados M6, Sala 1 - 15h30, 17h30, 19h30, 21h40, 24h (V.Port./3D); **RED - Parigosses** M12, Sala 2 - 21h30, 23h50; **Mogamind** M6, Sala 2 - 15h20, 17h20, 19h20 (V.Port./3D); **Imparável** M12, Sala 3 - 15h40, 18h30, 21h45, 00h10

Coimbra

ZON Lusomundo Dolce Vita
R. General Humberto Delgado, 207 T. 707 CINEMA
Harry Potter e o Talismão da Morte: Parte 1 M12, 14h10, 17h30, 21h10, 00h20; **A Tempo e Horas** M12, 14h25, 16h40, 19h40, 22h10, 00h35; **Entrelaçados** M6, 14h, 16h30, 19h, 21h30, 24h (V.Port./3D); **Stone - Ninguém é inocente** M12, 13h40, 16h10, 19h50, 21h20, 00h05; **Dois Homens e duas Mulheres** M12, 14h40, 18h, 21h05, 00h15; **Saw 3D** M18, 22h30; **As Aventuras de Sammy: A Passagem Secreto** 13h50, 16h20, 18h40 (V.Port./3D); **Mogamind** M6, 14h20, 16h50, 19h30 (V.Port.); **A Última Estação** 15h10, 19h50, 22h20; **Jogo Limpo** M12, 15h, 17h40, 21h50, 00h30; **Mammuth** M6, 14h30, 17h, 19h20, 21h40, 00h10; **O Americano** M12, 22h, 00h25
ZON Lusomundo Fórum
T. 707 CINEMA
Harry Potter e o Talismão da Morte: Parte 1 M12, 15h, 18h30, 21h10; **As Crónicas de Nárnia: A Viagem do Caminho da Alvorada** 13h30, 16h10, 18h50 (V.Port.); 21h40, 00h25 (V.Orig.); **O Amor é Melhor a Doze** M12, 13h50, 16h20, 18h40, 21h30, 24h; **Imparável** M12, 22h, 00h20; **A Tempo e Horas** M12, 14h20, 16h50, 19h20, 21h50, 00h10; **Mogamind** M6, 14h10, 16h40, 19h10 (V.Port./3D); **Entrelaçados** M6, 13h40, 16h30, 19h, 21h20, 23h50 (V.Port./3D)

Estarreja

Cine-Teatro Municipal
R. Visconde de Valdemouro T. 234813300
Karate Kid M12 - 21h30

Figueira da Foz

ZON Lusomundo Fox Plaza
R. Condado T. 707 CINEMA
Harry Potter e o Talismão da Morte: Parte 1 M12, 21h10, 00h10; **A Tempo e Horas** M12, 15h10, 18h, 21h40, 00h20; **Mogamind** M6, 15h30, 18h50 (V.Port./3D); **As Aventuras de Sammy: A Passagem Secreto** 15h, 17h, 19h (V.Port.); **Saw 3D** M18, 21h, 23h50; **As Crónicas de Nárnia: A Viagem do Caminho da Alvorada** 15h40, 18h20 (V.Port.); 21h30, 24h (V.Orig.); **Entrelaçados** M6, 15h20, 17h50, 21h20, 23h40 (V.Port./3D)

Guarda

Vivacine
Evd. dos Bombeiros Voluntários
Avenida Jesus, 5 (CC. Vivacine) T. 27121240
As Crónicas de Nárnia: A Viagem do Caminho da Alvorada Sala 1 - 12h20, 16h10, 18h50, 21h30, 00h05 (V.Port.); **Harry Potter e o Talismão da Morte: Parte 1** M12, Sala 2 - 14h, 17h20, 20h50, 24h; **Entrelaçados** M6, Sala 3 - 13h30, 16h, 18h30, 21h, 23h25 (V.Port./3D); **É a Vida M12** Sala 4 - 13h10, 16h20, 19h, 21h40, 00h15

Guimarães

Castello Lopes - Espaço Guimarães
R. 25 de Abril, 1 (Silvaes) T. 707220220
Harry Potter e o Talismão da Morte:

As estrelas do Público

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Mário J. Torres	Vasco Câmara
Antki Bóbo	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆
A Última Estação	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆
A Tempo e Horas	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆
Cela 211	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆
Douro, Fatna Fluvial	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆
Jogo Limpo	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆
Mammuth	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆
O Americano	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆

★ Mais ★★★★★ Melhor ★★★★★ Excelente ★★★★★ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Parte 1 M12, Sala 1 - 12h40, 15h30, 18h30, 21h30, 00h20; **Saw 3D** M18, Sala 2 - 21h40, 23h50; **Mogamind** M6, Sala 2 - 12h50, 15h, 17h10, 19h20 (V.Port./3D); **Cela 211** M16, Sala 3 - 13h10, 15h50, 18h20, 21h10, 23h40; **Jogo Limpo** M12, Sala 4 - 13h20, 16h, 18h40, 21h20, 24h; **Jacksaw 3D** Sala 5 - 21h50, 00h10; **As Aventuras de Sammy: A Passagem Secreto** Sala 5 - 13h, 15h10, 17h20, 19h30 (V.Port./3D)
Castello Lopes - Guimarães Shopping
Lugar de Lameiras T. 707221220
Imparável M12, Sala 1 - 13h30, 16h, 18h10, 21h, 23h50; **As Crónicas de Nárnia: A Viagem do Caminho da Alvorada** Sala 2 - 13h10 (V.Port./3D), 15h50, 18h50, 21h30, 00h10 (V.Orig./3D); **Entrelaçados** M6, Sala 2 - 13h, 15h10, 17h20, 19h30, 21h40, 00h30 (V.Port./3D); **A Tempo e Horas** M12, Sala 4 - 12h50, 15h, 17h10, 19h20, 21h50, 24h; **O Americano** M12, Sala 5 - 13h20, 16h10, 18h20, 21h10, 23h40; **Harry Potter e o Talismão da Morte: Parte 1** M12, Sala 6 - 12h40, 15h30, 18h30, 21h20, 00h20

Maia

Vivacine
Estrada Real, 95 T. 22947518
Entrelaçados M6, Sala 1 - 13h30, 16h, 18h30, 21h, 23h20 (V.Port./3D); **Harry Potter e o Talismão da Morte: Parte 1** M12, Sala 2 - 14h, 17h20, 20h50, 24h; **Imparável** M12, Sala 4 - 21h20, 23h40; **As Aventuras de Sammy: A Passagem Secreto** Sala 4 - 13h40, 16h10, 18h20 (V.Port./3D)
ZON Lusomundo Mata Shopping
Lugar de Ardegaes T. 707 CINEMA
Imparável M12, 21h10, 00h10; **Mogamind** M6, 13h20, 16h, 18h30 (V.Port./3D); **As Crónicas de Nárnia: A Viagem do Caminho da Alvorada** 13h40, 16h20, 19h (V.Port.); 21h40, 00h15 (V.Orig.); **Entrelaçados** M6, 13h15, 15h50, 18h40, 21h20, 24h (V.Port./3D); **Harry Potter e o Talismão da Morte: Parte 1** M12, 14h, 17h30, 21h, 00h20; **A Tempo e Horas** M12, 13h10, 15h35, 18h05, 21h50, 00h25

Marco de Canaveses

Cinemax - Cinema da Praga
R. Dr. Francisco Sá Carneiro (Ed. P. Cidade) T. 25521888
Entrelaçados M6, Sala 1 - 15h30, 21h45, 00h05 (V.Port.)

Matosinhos

ZON Lusomundo Marshopping
Av. Óscar Lopes (Bova) T. 707 CINEMA
Saw 3D M18, 23h50; **Mogamind** M6, 12h50, 15h, 17h20, 19h30 (V.Port./3D); **Entrelaçados** M6, 13h10, 15h30, 18h10, 21h20, 23h50 (V.Port./3D); **Jogo Limpo** M12, 21h50, 00h30; **Imparável** M12, 22h20, 00h40; **A Tempo e Horas** M12, 12h40, 14h50, 17h10, 19h40, 22h10, 00h25; **As Aventuras de Sammy: A Passagem Secreto** 13h, 15h10, 17h30, 19h50 (V.Port.); **Harry Potter e o Talismão da Morte: Parte 1** M12, 14h, 17h50, 21h, 00h10; **As Crónicas de Nárnia: A Viagem do Caminho da Alvorada** 13h20, 16h, 18h50 (V.Port.); 21h40, 00h20 (V.Orig.); **O Amor é Melhor a Doze** M12, 13h30, 15h50, 18h20, 21h10, 23h30
ZON Lusomundo NorteShopping
R. de Sara Afonso T. 707 CINEMA
Jogo Limpo M12, 13h, 15h50, 18h50, 21h30, 00h10; **Harry Potter e o Talismão da Morte: Parte 1** M12, 13h20, 16h50, 20h45, 24h; **Entrelaçados** M6, 13h10, 16h, 18h40, 21h40, 00h30 (V.Port./3D); **Stone**

- **Ninguém é inocente** M12, 13h30, 16h10, 19h10, 22h, 00h40; **O Americano** M12, 21h50, 00h25; **Mogamind** M6, 13h50, 16h30, 19h (V.Port./3D); **As Aventuras de Sammy: A Passagem Secreto** 12h30, 14h50, 17h10, 19h30 (V.Port./3D); **Saw 3D** M18, 21h20, 23h40; **A Tempo e Horas** M12, 12h40, 15h10, 17h30, 19h50, 22h20, 00h45; **As Crónicas de Nárnia: A Viagem do Caminho da Alvorada** 12h50, 15h40, 18h30 (V.Port.), 21h10, 23h50 (V.Orig.)

Ovar

Cinema Paraíso/Dolce Vita
Av. D. Manuel I (Zona Industrial) T. 25654038
Gru o Maldito M6 (V.Port.) M6 - 11h10
Harry Potter e o Talismão da Morte M12 - 18h10, 21h, 23h30

Paços de Ferreira

ZON Lusomundo Ferrara Plaza
T. 707 CINEMA
Harry Potter e o Talismão da Morte: Parte 1 M12, 15h, 18h10, 21h20, 00h30; **Mogamind** M6, 15h40, 18h (V.Port./3D); **Entrelaçados** M6, 15h20, 17h40, 21h30, 23h50 (V.Port./3D); **Imparável** M12, 22h, 00h25; **A Tempo e Horas** M12, 16h10, 18h40, 21h50, 24h; **As Crónicas de Nárnia: A Viagem do Caminho da Alvorada** 15h50, 18h25 (V.Port.); 21h40, 00h15 (V.Orig.)

Penafiel

Cinemax
Ed. Parque do Saneiro T. 25524900
Gru - O Maldito M6, Sala 1 - 17h30 (V.Port.); **RED - Parigosses** M12, Sala 1 - 15h30, 21h50, 24h; **Entrelaçados** M6, Sala 2 - 15h30, 21h45, 23h50 (V.Port.); **Imparável** M12, Sala 3 - 15h30, 21h55, 23h55

Rio Tinto

ZON Lusomundo Parque Nascente
Praceta Parque Nascente, nº 35 T. 707 CINEMA
Harry Potter e o Talismão da Morte: Parte 1 M12, 14h20, 17h30, 21h20, 00h30; **Imparável** M12, 13h30, 15h50, 18h40, 21h40, 00h10; **A Tempo e Horas** M12, 13h40, 16h, 18h50, 21h30, 24h; **Entrelaçados** M6, 13h10, 15h40, 18h30, 21h10, 23h50 (V.Port./3D); **Saw 3D** M18, 22h, 00h20; **As Aventuras de Sammy: A Passagem Secreto** 12h40, 14h50, 17h20, 19h30 (V.Port./3D); **A Rode Social** M12, 20h40, 23h30; **Mogamind** M6, 13h, 15h20, 17h50 (V.Port./3D); **O Amor é Melhor a Doze** M12, 13h20, 16h10, 19h, 21h50, 00h15; **Jogo Limpo** M12, 13h50, 16h20, 20h, 22h50; **As Crónicas de Nárnia: A Viagem do Caminho da Alvorada** 12h50, 15h30, 18h20 (V.Port./3D), 21h, 23h40 (V.Orig./3D); **É a Vida** M12, 12h30, 15h, 17h40, 20h20, 23h; **O Americano** M12, 14h, 16h30, 19h10, 22h10, 00h25; **Scott Pilgrim Contra o Mundo** 14h10, 16h50, 19h40, 22h20, 00h45

São João da Madeira

Castello Lopes - 8ª Avenida
T. 707220220
Entrelaçados M6, Sala 1 - 12h50, 15h40, 17h30, 19h30, 21h50, 00h05 (V.Port./3D); **A Tempo e Horas** M12, Sala 2 - 13h10, 15h20, 18h40, 21h30, 23h50; **Mogamind** M6,

Junta de Freguesia de Ramalde vai mediar processo

A Assembleia de Freguesia de Ramalde, aprovou anteontem à noite, uma moção que encarrega a junta de freguesia de mediar o processo que culminou na destruição dos jardins da rua Prof. Carlos Lima, Ramalde. Cabe agora à Junta de Freguesia encontrar uma solução que agrade a todos os intervenientes: Câmara do Porto, moradores e promotor privado.

A sessão extraordinária foi convocada pela oposição que criticou a decisão da Câmara do Porto. “Não podia deixar de manifestar repúdio pelo que está a acontecer com estes moradores. Estão a destruir um espaço verde de grande valor ambiental e a retirar qualidade de vida aos habitantes”, lamentou o deputado da CDU, Gonçalo Borges.

Já o deputado do CDS/PP Filipe Araújo disse compreender o descontentamento dos moradores, mas explicou que neste momento, já não é possível uma “reapreciação ou interrupção do projecto”.

O presidente da Junta de Freguesia de Ramalde, Manuel Maio, apoia esta decisão mostrando-se “solidário” e “disponível” para encontrar uma solução que “ agrade a todos”.

Os jardins pertenciam à Câmara do Porto, e foram vendidos a um promotor privado, destinados à construção de um edifício de oito pisos e um parque de estacionamento. Durante 17 anos foram os condomínios dos prédios que trataram dos jardins.

Entrevistas

Manuel Carvalho, director-adjunto do Público

Pergunta – Que importância tem para o Público a Agência Lusa?

Resposta - No caso concreto da Lusa, a agência tem para nós uma grande vantagem que está relacionada com a sua grande dispersão de meios mesmo ao nível territorial. E como é uma agência que tem uma certa natureza oficiosa, tem acesso a informação primária e a informações que estão longe dos principais centros. Serve-nos como um alerta de agenda de coisas que estão ou vão acontecer e serve-nos também como primeiro sinal de que há uma coisa muito importante que pode vir a acontecer.

P. – Que uso fazem das notícias da agência?

R. - Utilizamos o serviço da Lusa no seu estado puro, transcrevendo, actualizando as datas, quando são coisas com muito pouco complexidade, mas na maior parte das vezes serve como alerta e complemento à nossa própria agenda.

P. – O que poderia ser melhorado no serviço?

R. - Há muitas coisas que podiam e deviam fazer, mas, na nossa opinião, a Lusa fez grandes progressos nos últimos três ou quatro anos. Tem mais qualidade, está mais e melhor filtrada, sabe muito mais o que quer. Agora, há alguns eventos, que por exemplo acontecem ao fim de semana, e em que notamos que a Lusa... Quando os jornais mais precisam deles, que é ao fim de semana, eles não fazem a cobertura que talvez devessem fazer.

P. – É impossível um jornal com este estatuto trabalhar sem recorrer a agências? Porquê?

R. - Eu diria que no caso concreto de Portugal não seria impossível o Público trabalhar sem a Lusa. A agência é extremamente importante, mas penso que conseguiríamos, na era dos sítios na internet, trabalhar sem o apoio da Lusa. Poderíamos trabalhar sim, mas aceito que se possa dizer que o jornal não seria o mesmo, nem a actualidade. A Lusa continua a ter uma rede bem montada.

P. – Considera que há dependência desta agência?

R. - Não digo que exista. Há uma dependência da Lusa como há dependência da agenda própria dos jornalistas. Há várias dependências nesta rede de funcionamento. A Lusa tem uma

importância muito significativa, mas, como digo, o Público vive da actualidade, mas não vive tanto 'daquela' notícia, de dar apenas o facto, mas sim do seu aprofundamento.

P. – Sabe que percentagem de notícias de uma edição do Público tem a influência da Lusa?

R. – Integralmente Lusa devem ser 5 a 10 por cento. Agora, usar a agência para nos prepararmos para o trabalho, para a partir dali construirmos as nossas notícias, isso não lhe sei dizer. Mas aceito que esteja compreendida numa margem entre os 40 e os 50 por cento, nem que seja pelo facto do nosso jornalista, que vai a uma conferência de imprensa, faça algumas transcrições a partir do que o colega da Lusa que também lá esteve no local enviou. Há uma imensa complementaridade. Acho um disparate os jornais subalternizarem a importância que as agências têm.

P. – A Lusa é uma agência credível para o Público?

R. – Genericamente sim. Agora, como em todos os meios, a Lusa tem serviços melhores e outros piores. Em alguns distritos os correspondentes são melhores do que outros. Há alguns serviços em que confiamos plenamente e há outros em que já temos mais algumas desconfianças. A verificação é fundamental.

P. – Como acha que um estagiário deve olhar para a Lusa?

R. - Única e exclusivamente como ferramenta, ponto de partida ou complemento. Há sempre ali alguma coisa que pode ser um alicerce, uma primeira base onde se vai construir o jogo.

P. – O trabalho da Lusa leva os jornalistas do Público a fazerem menos trabalho de campo?

R. - Não acho que seja, porque a própria agência também sai muito pouco, não faz reportagens ou faz muito poucas e, aliás, nem é essa a sua principal atribuição. A Lusa é uma ferramenta entre muitas outras, não podemos culpá-la da nossa própria preguiça, de boa parte das carências e das necessidades informativas que temos. Não, é apenas uma ferramenta.

P. - Como é que o Público identifica a Lusa como fonte?

R. - Faz parte do nosso Livro de Estilo. Quando o fazemos no meio de um texto essencialmente nosso citamos uma personalidade a referir-se sobre o tema do artigo e o nosso dever é colocar fulano tal disse à Agência Lusa. Quando transcrevemos *ipsis verbis* assinamos como Lusa. Quando são transcrições em que editamos, acrescentamos outras informações ou achamos que a notícia está 'noutro' sítio e mudamos, assinamos como Público/Lusa.

Abel Coentrão, jornalista do Público

Pergunta - Para um jornal diário como o vosso, quais são as vantagens de subscrever a Lusa?

Resposta - É uma questão de alargamento das “antenas” a acontecimentos – de agenda e não só – que não conseguiríamos acompanhar por falta de meios

P. - As necessidades são plenamente satisfeitas com o serviço?

R. - Nunca. Nem poderia ser de outra forma. A Lusa também não está em todo o lado. E mesmo nos sítios onde está, nem sempre faz um bom trabalho. Acontece aos melhores...

P. - É impossível um jornal com este estatuto trabalhar sem recorrer a agências?

R. - É impossível, dadas as condições de mercado e a dimensão actual das redacções. E também porque textos de agência podem servir de base para trabalhos mais aprofundados.

P. - Mas os jornais não estão demasiado dependentes das agências?

R. - Estão. Infelizmente. Estamos cada vez mais parecidos uns com os outros, por causa disso.

P. - As agências são a razão ou o mal menor que leva os jornalistas a passarem cada vez mais tempo no interior da redacção?

R. - Não tem nada que ver. Essa é uma questão de cultura jornalística.

P. - Os créditos das informações recolhidas em agência são realmente respeitados?

R. - Nem sempre. E isso é mau.

P. - A relação entre os jornalistas de jornal e de agência é como a que existe entre jornalistas de meios comuns? Há mais ou menos concorrência? Há mais ou menos confiança?

R. - Desconheço diferenças. Somos todos jornalistas. E entre nós, alguns respeitam mais, outros menos, os colegas de profissão.

P. - Quais são os critérios que definem se uma peça é assinada como Lusa ou Público/Lusa.

R. - Se ela não tem edição ou conteúdo para além do que vem na peça da Lusa, deve ser assinada como Lusa. Se for um complemento Autor/agência, deve indicar no final “Com Lusa”. PÚBLICO/Lusa, uma assinatura recorrente, deve ser usada quando há alguma edição no texto da lusa, sem qualquer informação que, no essencial, altere o valor-notícia do texto da agência.

David Pontes, director-adjunto da Agência Lusa

P. – Como define a agência Lusa?

R. – A agência Lusa, é uma agência de notícias. Nós somos por definição quem tenta concentrar o máximo de informação possível para distribuir por clientes que não são o cliente final. Num país em que o sector da informação tem sofrido as crises que tem sofrido, ate pelas dimensões do mercado, o papel de uma agência é crucial. Somos a capacidade de dar o essencial da informação a todos e permitir a cada um que trabalhe o resto. O que não quer dizer que não tenhamos os mesmos anseios e vontade na procura de notícias como tem qualquer outro jornalista d qualquer outro órgão de comunicação social. Nos últimos anos a agência tem alargado o seu espectro de trabalho. Para servir aquilo que é do maior interesse dos nossos clientes e daquilo que achamos ser serviço público. Sendo nós uma agência em que mais de 50 por cento é detida pelo estado e simultaneamente 50 por cento das verbas que nos alimentam são contribuições do estado, para que cumpramos determinados objectivos, temos estes dois critérios. Não esquecendo o critério comercial, eu não tenho que vender a minha informação, mas é evidente que nas nossas escolhas editoriais está presente essa intenção de procurar que a nossa informação seja interessante o suficiente para os nossos clientes. Temos noção que o nosso trabalho serve de alicerce e de background para o que vão fazer.

P. – O que sentem quando o vosso trabalho é usado sem que mencionem a origem da informação? Ficam magoados?

R. – Ao fim de algum tempo já não ficamos. Achamos que a situações em que obviamente há textos que estão assinados à cabeça e que essa identificação devia ser mantida, e achamos que por bem do rigor alguma dela devia ser identificada, mas também temos noção do nosso papel e não nos aflige muito que isso nos aconteça. Por exemplo, Temos casos caricatos de uma notícia da lusa que saiu em quase todos os jornais no mesmo dia, assinada por diferentes pessoas, e percebia-se que a informação vinha do mesmo sitio... Sabemos que somos uma base de trabalho, e por isso, temos a obrigação, em muitos casos, de estar onde os nossos clientes suspeitam que vamos estar e eles não vão estar. Temos sempre este trabalho invisível da agência.

P. – Que avanços tem feito a agência Lusa nestes últimos anos?

R. – Nos últimos 3 ou 4 anos, a Lusa alargou o seu espectro de trabalho. Passou também a ser uma agência de multimédia. Somos o maior produtor e distribuidor, excluindo as televisões, de

vídeo, especialmente para sites; tenho até dúvidas que haja alguma rádio que produza mais notícias com som do que nós. É do nosso conhecimento, que muito do nosso trabalho tem neste momento mais visibilidade devido à internet.

P. – Sente-se profissionalmente satisfeito por trabalhar numa agência de notícias, tendo em conta a menor visibilidade que tem o vosso trabalho para o público?

R. – É evidente que há um défice de notoriedade. Eu acho que as pessoas que trabalham na redacção estão satisfeitas por trabalhar aqui, embora reconheça obviamente que há um excesso de anonimato em algum trabalho que é feito. É evidente que há pessoas que ao fim de algum tempo ficam chateados e decidem ir para outro lado, por exemplo. Agora é lhes dado outras oportunidades de trabalho e exigências da agência. A lusa tem vendido nos últimos anos peças para muitos mais órgãos o que permite aos jornalistas da agência assinar as peças e obter maior notoriedade. Mas isso não é sem dúvida o mais importante.

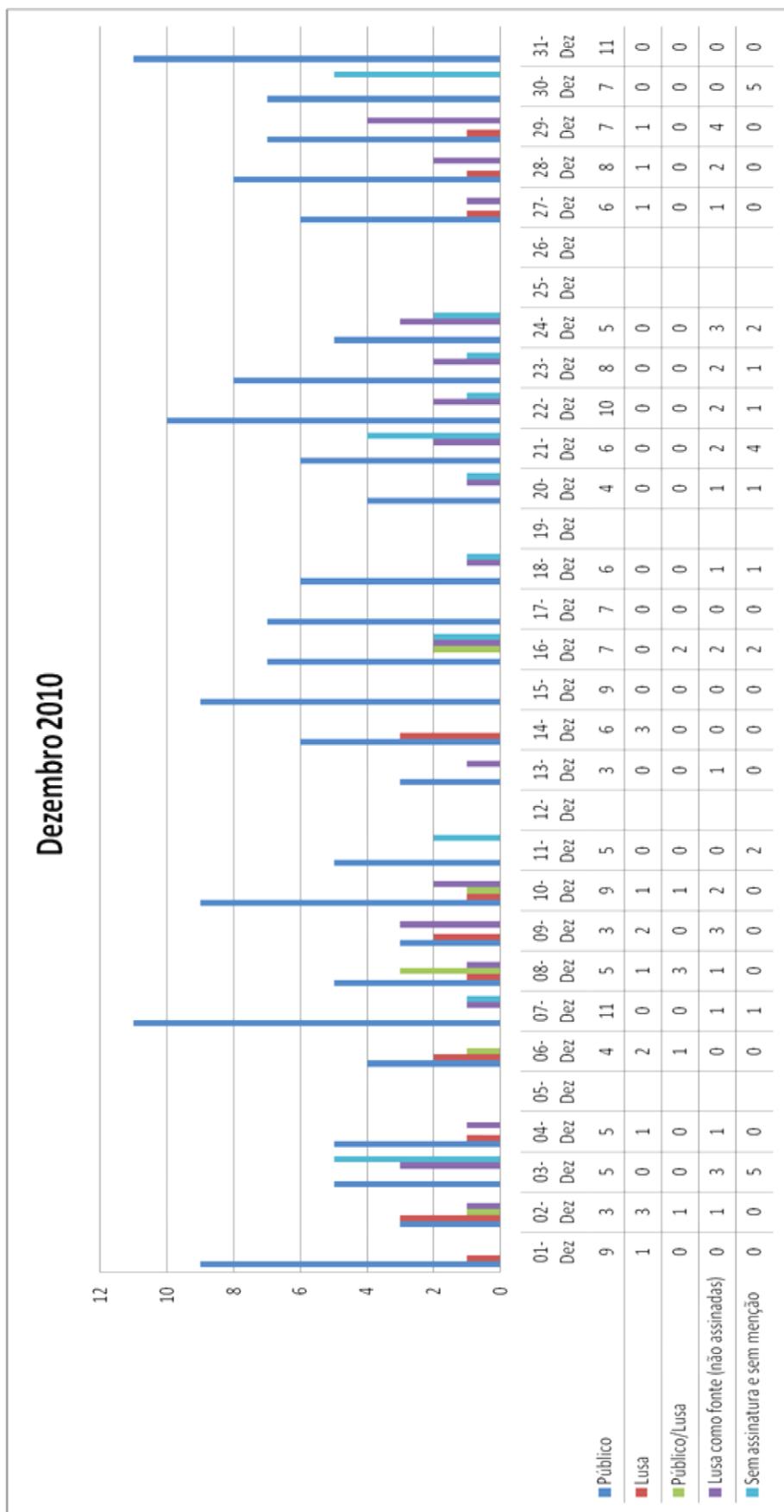
P. – Sentem que o vosso trabalho é respeitado pelos outros meios de comunicação?

R. – Sim, actualmente acho que em termos de qualidade o trabalho é respeitado. Agora, um erro nosso é muito mais ampliado e visível do que os erros diários de alguns jornais. Basta que nós cometamos um erro para que ele passe por todos os órgãos, mas, se pensarmos que fazemos 300 a 400 notícias por dia, se calhar não cometemos tantos erros assim. Julgo até que seguimos critérios de qualidade que noutros jornais não são tão exigentes quanto os nossos, para garantir que a nossa informação é o mais fiel e fiável possível. Há até sites que usam de imediato as nossas notícias sem edição e que as publicam quase no imediato.

P. – Sentem que os jornais dependem do vosso trabalho? O que pensa disso?

R. – Temos a noção, por exemplo, que o nosso papel é muito importante em termos económicos para muitos órgãos de comunicação, terem acesso a uma informação a preços acessíveis. Temos também a noção que muitas fontes dependem de nós para existir. Muitas autarquias do interior e actores políticos não existiriam no palco mediático se não fosse a Lusa a ouvi-los. É nossa obrigação dar voz às minorias. Por exemplo, os jornais hoje têm menos páginas em comparação com o antigamente, o esforço de enviar um estagiário ao local, mais vale esperar pela lusa. Há aqui uma relação de economia de esforço, se houvesse mais espaço se calhar havia mais capacidade para arriscar e ir fazer determinadas coberturas.

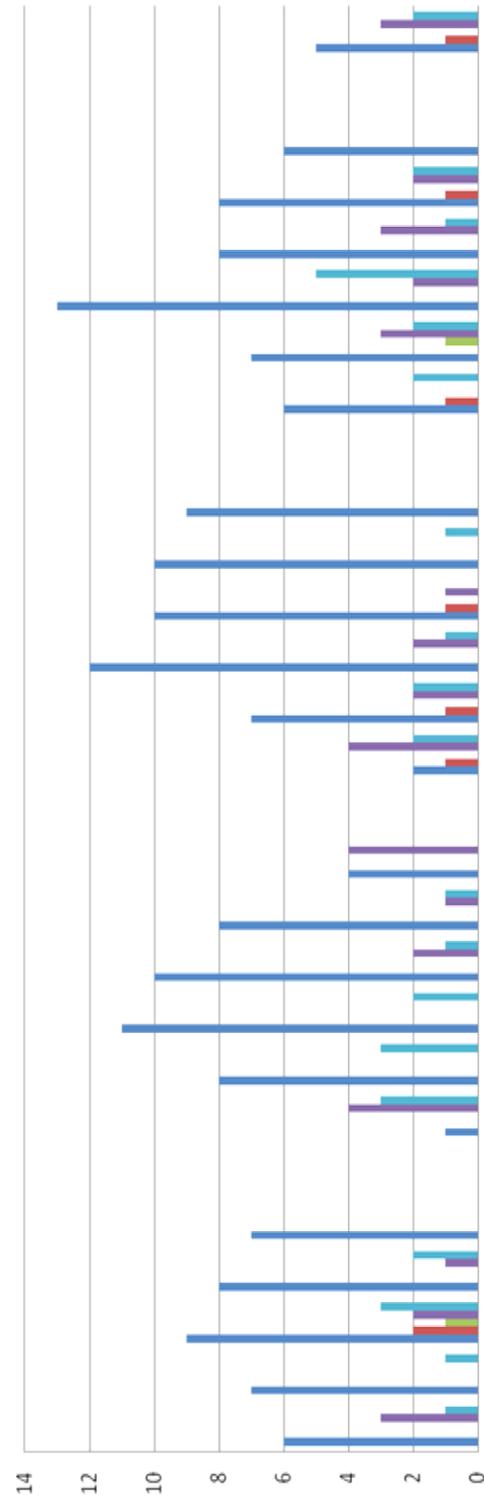
Tabelas e gráficos



Janeiro 2011



Fevereiro 2011



Category	01-Fev	02-Fev	03-Fev	04-Fev	05-Fev	06-Fev	07-Fev	08-Fev	09-Fev	10-Fev	11-Fev	12-Fev	13-Fev	14-Fev	15-Fev	16-Fev	17-Fev	18-Fev	19-Fev	20-Fev	21-Fev	22-Fev	23-Fev	24-Fev	25-Fev	26-Fev	27-Fev	28-Fev
Público	6	7	9	8	7	0	1	8	11	10	8	2	2	7	7	12	10	10	9	0	6	13	8	8	8	6	0	0
Lusa	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1
Público/Lusa	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Lusa como fonte (não assinadas)	3	0	2	1	0	4	4	0	0	2	1	4	4	2	2	2	1	0	0	0	0	3	2	3	2	0	3	0
Sem assinatura e sem menção	1	1	3	2	0	0	3	3	2	1	1	0	2	2	2	1	0	1	0	0	2	5	1	1	2	0	2	2

